NO SUPLEMENTO LITERÁRIO: JOSÉ CARDOSO PIRES ESCREVE DE LONDRES

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 5 DE FEVEREIRO DE 1970 N.º 16 928 ANO 49.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

Dois mil dos seis mil caixeiros existentes na área de Lisboa compareceram ontem, á noite, junto da sede do seu sindicato, onde devia decorrer a assembleia geral ordinária daquele organismo. Não há memória de tão grande afluência, justificada pelas razões que se apontam na página central. Aconteceu, porém, que a sala de sessões não comportava tão grande número de sócios. Muitos ficaram nos corredores e junto á porta (assinalada pela seta) do edifício, onde está instalada a sede do sindicato, tal como a nossa gravura documenta.

PÓVOA DE SANTA IRIA

SEM ÁGUA

EXCEPTO DE MADRUGADA

«Há mais de dois anos que nos habituámos a isto. Mas agora, de há três meses a esta parte, a situação tornou-se insuportável» — disse-nos numa senhora que abordámos ao acaso numa rua da parte alta da povoação de Póvoa de Santa Iria, do concelho de Vila Franca de Xira.

A situação é realmente dramática: cerca de seis mil pessoas que residem no Caminho do Marquês e nas imediações da estrada nacional que atravessa a localidade *não têm água*, isto é: têm

(Continua na página central)

Condicionamento económico e social em substituição do condicionamento industrial

— sugestão da III Jornada de Estudo da UCIDT

«A responsabilidade do sector privado na aceleração do desenvolvimento» é a principal preocupação manifestada pela UCIDT, no final da sua III Jornada de Estudos que foi subordinada ao tema «Condicionamento industrial e desenvolvimento económico».

A discussão processou-se por grupos e, nas conclusões — que vão ser aprofundadas por um grupo de trabalho — a UCIDT (União Católica dos Industriais e Dirigentes de Trabalho) começa por apresentar algumas soluções, em

(Continua na 16.ª página)

MÉDIO ORIENTE

NIXON AVISA MOSCOVO

WASHINGTON, 5 — (R.) — O presidente Nixon avisou Moscovo de que os Estados Unidos fornecerão mais armas a Israel se for necessário, apesar das objecções russas.

Ao mesmo tempo, porém, propôs um acordo sobre a limitação dos fornecimentos de armas para o Médio Oriente como forma de abrandar a tensão naquela área que atingiu novamente um ponto explosivo devido aos ataques aéreos diários efectuados por árabes e israelitas.

Nixon apresentou esta proposta numa carta que enviou ontem ao primeiro-ministro Kossyguine em resposta á nota por ele enviada no sábado aos Governos de Washington, Londres e Paris.

Os observadores diplomáticos pensam que, na sua carta, Nixon, além de manifestar claramente a posição americana no Médio Oriente, mostra não se ter deixado abalar pela implícita ameaça russa de fornecer mais armas aos árabes caso os Estados Unidos concordem com o pedido de mais aviões de combate.

O presidente tinha dito na sexta-feira que dentro de trinta dias tomaria uma

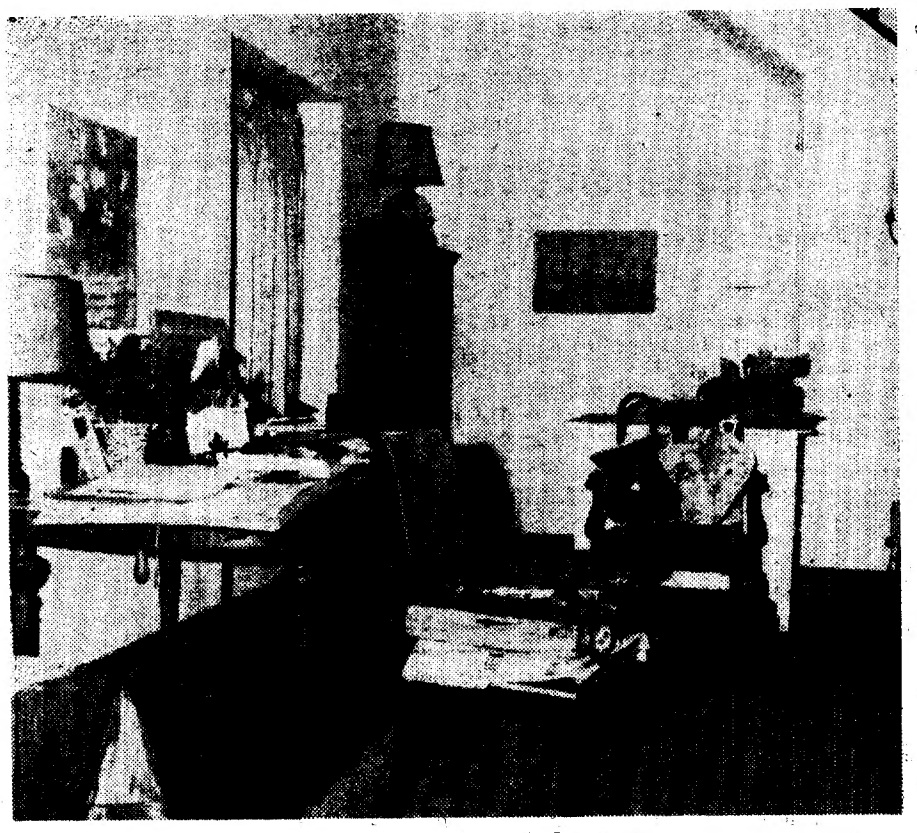
(Continua na 10.ª página)

«Diário dos Açores»

Celebra hoje o seu centenário o nosso prezado colega «Diário dos Açores», de Ponta Delgada, fundado por Tavares de Resende — figura de relevo no jornalismo açoriano — e que tem como directores os srs. drs. Carlos e Manuel Carreiro, a quem e a quantos trabalham no prestigioso matutino apresentamos cordiais felicitações.

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Últimas notícias (Ler na 2.ª página)



A OBJECTIVA DO REPÓRTER ESTEVE ONDE A POLÍCIA NÃO DEIXA ENTRAR

Foi assim que o pavilhão habitado durante nove anos pelo pintor australiano Rex Wood foi encontrado pela Polícia após o misterioso desaparecimento do artista ter sido notado. A Polícia selou a residência. Mas a objectiva do repórter fotográfico José Tavares conseguiu «entrar», sem violação dos selos policiais, onde o homem não pode ir.

(Ler desenvolvida reportagem na página 17)

A recepção de cadernetas do concurso «Album de Lisboa» decorreu ontem no «stand» Gazcidla dos Olivais, onde acorreram muitos leitores do nosso jornal que ali receberam os boletins numerados que os habilitará ao sorteio de magníficos prémios

«ÁLBUM DE LISBOA»

Continua a recepção de cadernetas nos bairros da cidade

ACOMPANHADA pelo entusiasmo dos concorrentes, prossegue a recepção de cadernetas do concurso «Álbum de Lisboa», que, como temos noticiado, decorre nos «stands» Gazcidla. As várias zonas da capital, onde se localizam, têm acorrido alguns milhares de pessoas, leitores do nosso jornal e participantes naquela iniciativa, agora já possuidores do boletim de identificação numerado que os habilitará ao sorteio de óptimos prémios ultrapassando, no total, três centenas de contos e onde se salientam: um magnífico apartamento mobilado, num dos blocos de prédios já construídos pela Realimo em Miratejo, a cidade panorama; um magnífico automóvel Toyota, modelo Corolla 1100, representado por Salvador Caetano, S. A. R. L., e distribuído em Lisboa e no Porto por Transmotor, S. A. R. L.; cinco excelentes televisores Siemens, entre os quais o modelo «Estoril», homenagem daquela empresa ao nosso País, além de muitos artigos da sua famosa linha de electrodomésticos e de álbuns de discos «long-play» com peças clássicas de famosos compositores em gravações Philips.

A recepção de cadernetas prosseguiu hoje no «stand» Gazcidla da Avenida Miguel Bombarda e continuará pela ordem seguinte

A RECEPÇÃO PELO CORREIO

Continuamos a receber pelo correio as cadernetas dos concorrentes da província. Insistimos que cada caderneta deverá ser franquiada com 2$00, para evitar multas e consequentes demoras na resposta. Os concorrentes que pretenderem receber o boletim de identificação com o número que os habilitará ao sorteio, deverão juntar mais um selo de 1$00. Toda a correspondência relativa ao concurso deve ser dirigida aos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º, em Lisboa.

Planos para salvar Veneza

VENEZA, 5 — (R.) — Uma comissão governamental italiana pediu uma proibição de todas as novas mexidas nas águas da lagoa de Veneza, esperando que isso ajudará a evitar que a cidade se afunde no mar.

Muitos técnicos atribuiram a culpa pelo afundamento de Veneza — que desceu 13,6 centímetros desde 1908 — á expansão industrial e a projectos de recuperação de terras, que têm prejudicado o fluxo natural de água á volta da cidade dos canais.

A comissão de 60 membros, formada há três anos para informar o Parlamento acerca das razões do afundamento da cidade e como impedi-lo, aprovou a noite passada planos para uma proibição nesse sentido, por uma maioria de 22 votos.

A medida faz parte de um programa preliminar para acabar com qualquer desenvolvimento industrial ou de urbanização que poderia acelerar o processo de afundamento, enquanto planos de salvamento estão a ser preparados.

Peritos afirmam que Veneza tem sido afectada com maior frequência por inundações desde que a área industrial de Marghera foi criada em 1927.

Os peritos dizem ainda que o atulhamento de zonas de águas pouco profundas, ao norte da Lagoa, reduziu a sua capacidade de absorção do fluxo de água.

Técnicos criticaram, também, a abertura recente de um profundo canal para petroleiros, na lagoa, até ao porto de Marghera.

A votação seguiu-se a protestos de venezianos, na terça-feira, por causa da grande demora na tomada de uma decisão

Todas as montras de estabelecimentos e sinais e anuncios luminosos estiveram apagados durante nove horas e cerca de mil jovens efectuaram uma manifestação na Praça de S. Marcos.

Peritos receiam que dois terços da cidade fiquem debaixo de água em 1990, a não ser que entre na fase de concretização um projecto de salvamento.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

RUÍU UMA BARRAGEM DEVIDO AO TEMPORAL EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 5 — (L.) — Em consequência de chuva torrencial caída durante todo o dia, ruíu a barragem de captação de água para abastecimento do complexo ferroviário e da vila de Gôndola, no distrito de Manica e Sofala.

A barragem encontrava-se em fase adiantada de construção, calculando-se em cerca de 200 contos os prejuízos e em dois meses o atraso das obras.

Vagões-cisternas do C. F. B. garantiram o abastecimento de água a gôndola, tendo sido iniciados imediatamente os trabalhos de reparação da barragem, por engenheiros e uma brigada especializada de ferroviários.

O temporal, devido a um anticiclone a sul da Beira, também castigou duramente as regiões de Lourenço Marques e da capital de Manica e Sofala, tendo garrado barcos, sido derrubadas árvores e destruídas habitações nos subúrbios desta cidade. Verificaram-se ainda acidentes de viação, porém sem consequências de vulto.

PRESOS EM ESPANHA QUATRO PORTUGUESES

SARAGOÇA, 5 — (A. N. I.) — Quatro portugueses e um espanhol foram detidos — informa a Polícia.

O grupo dedicava-se á compra e venda de objectos de arte e de jóias, que passavam a fronteira sem pagar direitos correspondentes.

Os portugueses são: Artur Montoya Soares, de 55 anos, natural de Vila Real, Francisco Cabreiro, de 31, de Valência, e Maria Coutinho Maia, de 23. O nome do quatro não foi divulgado, por ser menor, sabendo-se apenas que tem as iniciais J. C. D. S. e é de Chaves.

O espanhol é de Lugo, também é menor e as suas iniciais são J. C. S.

Montoya era o chefe do grupo de contrabandistas. Quando foi detido, tentou agredir um dos agentes. Maria Coutinho Maia tinha uma pistola de calibre 7,65, com um carregador completo.

Objectos de valor, como relógios e anéis de oiro, bem como duas grandes tapeçarias, foram apreendidos pela Polícia.

HUSSEIN NO CAIRO

CAIRO, 5 — (R.) — O rei Hussein da Jordânia chegou hoje ao Cairo para conversações com o presidente Nasser sobre a situação no Médio Oriente.

O Monarca jordano tomará parte mais tarde na conferência de alto nível dos países árabes em confrontação directa com Israel, a qual começa aqui no próximo sábado.

Além do Egipto, da Jordânia e da Síria, os países com fronteiras com Israel, tomam parte na conferência o Iraque, o Sudão e a Líbia.

Desapareceu um avião

BUENOS AIRES, 5 — (F. P.) — Um avião comercial Avro 748, com 39 passageiros e tripulantes a bordo, desapareceu esta madrugada, quando efectuava um voo entre Assunção (Paraguai) e Buenos Aires

Julga-se que o aparelho se despenhou num local arborizado, de difícil acesso. Ambulancias e equipas de socorro foram enviadas para aquele sector.

O SIMPÓSIO SOBRE POLUIÇÃO

Do Serviço de Inspecção da Caça e Pesca, da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, recebemos uma carta em que se agradece «o cativante interesse» que o «Diário de Lisboa» dedicou ao I Simpósio Nacional sobre Poluição de Águas Interiores.

STANDS GAZCIDLA

Localização e datas da recepção de cadernetas

FEVEREIRO

6 — Rua José Duro, 27-C — ALVALADE
7 — Avenida 24 de Julho, 94-A
9 — Rua do Alecrim, 77
11 — Praça Marquês de Pombal, 1
12 — Largo do Calvário, 12-C — ALCANTARA
13 — Largo Mendonça e Costa, 9-C — ARROIOS

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

LICEU

CURSO LICEAL COMPLETO
CICLO PREPARATÓRIO — INSTITUTOS
CURSO COMERCIAL
Diurno: das 9 às 19 h.
Nocturno: das 19 às 24 h.

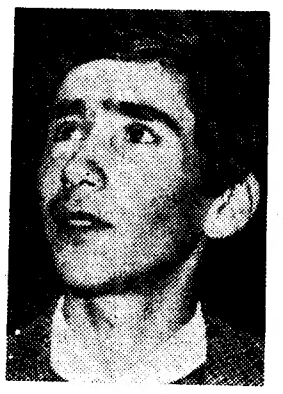
- ESCOLA SÃO VICENTE: Rua do Paraíso, 28 — Telef. 86 59 04
- EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL: Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef. 82 02 21
- EXTERNATO ÁLVARES CABRAL: Av. Grão Vasco, 1 (fte. à Igreja de Benfica) — Tel. 706974

MODERNOS LABORATÓRIOS

ora diga-nos...

— Quantas vezes corta as unhas por mês?

(Quem tem unhas toca viola. Quem tem unhas arranha. Quem tem unhas... corta-as!)

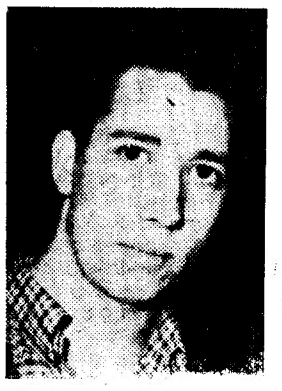


● *Disse-nos Hernâni Rodrigues Ferreira Matos, aluno do 5.º ano liceal:*

— Deixe-me pensar...
— Pense!
— Talvez...
— Talvez...?
— Talvez umas cinco vezes por mês.

● *Resposta de António da Silva Alves Pinheiro, funcionário público:*

— Todos os dias.
— Todos os dias...?
— Todos! Não falha um...
— Crescem-lhe muito as unhas...?
— Para as cortar todos os dias...
— 'Tá bem! Assim crescesse o dinheiro!



● *Finalmente, diz-nos Manuel Gomes de Sousa, forneiro:*

— Como...?
— Quantas vezes corta as unhas por mês?
— Ah! Uma vez por semana. E é quando tenho tempo, que o não tendo deixo isso para a semana seguinte...

JUGOSLÁVIA-70 OU A VITÓRIA DO NÃO-ALINHAMENTO DIPLOMÁTICO

BELGRADO — Após 10 anos difíceis, e, por vezes, perigosos de não-alinhamento, a Jugoslávia parece ter provado que um pequeno estado comunista, rebelde e corajoso, pode ter relações normais com o mundo inteiro.

Funcionários jugoslavos anunciaram que tinha sido firmado um acordo de princípio para a troca de embaixadores entre a China comunista e a Jugoslávia, após 12 anos de semi-ruptura.

Por DAN MORGAN

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

As prudentes iniciativas da China junto de Belgrado reflectem mais segundo se crê, o fim gradual do isolamento diplomático do Governo de Pequim, desde a revolução cultural, do que uma assinatura em branco na política jugoslava. Mas nem por isso deixa de ser um triunfo diplomático para o Governo do marechal Tito, que há alguns anos ficou isolado, ele também.

Se esse acordo se materializar, não será essa a única fonte de satisfação para o marechal Tito, em 1970. Além da grande viagem — actualmente em curso — a sete países africanos (viagem que inclui uma visita à barragem do Assuão, no Egipto), Tito visitará, na próxima Primavera, a Itália, país que há 25 anos era inimigo e com o qual mantém hoje boas relações. Os diplomatas ocidentais de Belgrado não excluem a possibilidade de uma viagem do presidente Nixon à Jugoslávia, este ano ou no próximo.

Segundo entendem os diplomatas da capital jugoslava — a conclusão de tudo isto é a seguinte: mesmo que a política mundial de não-alinhamento, com Tito à cabeça, não tenha tido êxito como movimento unificado, o certo é que teve grande êxito na Jugoslávia.

Ainda segundo esses diplomatas, os chineses aperceberam-se talvez disso. Depois das consultas dos países não alinhados em Belgrado e Nova York, em Julho e Setembro últimos, Pequim absteve-se de lançar os seus ataques habituais.

A invasão da Checoslováquia pelos soviéticos, em Agosto de 1968, foi condenada com tanta veemência em Belgrado e em Pequim, que começou a haver leves sintomas de degelo. Na passada Primavera, os dois países concluíram um acordo comercial que previa pagamentos em moedas convertíveis. Os jugoslavos foram novamente admitidos à feira de Cantão, enquanto navios chineses faziam escala no porto de Rijeka, e, há dias, um cargueiro jugoslavo era acolhido em Xangai. A Albânia, único aliado europeu da China comunista, mostrou-se reservada nos seus comentários sobre a Jugoslávia.

Estes diferentes factos contribuíram para saltar o fosso que se cavara entre os dois países, depois do congresso do partido comunista jugoslavo, em 1958. Para descontentamento de Nikita Krutschef, o Congresso adoptara um programa, em que se condenava a política dos blocos militares e favorável a países do campo comunista que tivessem esquecido os ensinamentos de Marx. A U. R. S. S., e a China, que então estavam em relações muito estreitas, atacaram ambas o «revisionismo» jugoslavo.

Pequim comparou os jugoslavos aos *«reaccionários de todos os países»* e, no dia seguinte, Moscovo publicou o texto integral desse ataque. Tito replicou, tratando os chineses por «fautores da guerra» e Pequim chamou o embaixador, deixando apenas poucos funcionários subalternos na Embaixada de Belgrado.

Alguns diplomatas suspeitam que o novo interesse de Pequim por uma estabilização das suas relações com a República Federal Alemã, com a qual a China realiza 250 milhões de dólares (7 225 000 contos) de trocas comerciais por ano.

A chegada de Willy Brandt ao Governo, centrado agora numa política de desanuviamento, e a discussão, pelo Pacto de Varsóvia e pela NATO, das vantagens e inconvenientes de uma conferência sobre a segurança europeia, terão alarmado Pequim, supõem os diplomatas.

Durante este tempo, alguns diplomatas jugoslavos têm descoberto certos sintomas que reflectem uma diminuição do entusiasmo de Moscovo pela conferência sobre a segurança europeia. Atribuem eles essa mudança de atitude à possibilidade de Moscovo temer que não seja capaz de controlar os seus aliados numa grande conferência e que certos países do Leste utilizem a conferência como um «forum» para requerer mais trocas comerciais com os países do Ocidente.

A posição oficial de Belgrado quanto ao princípio de uma conferência é que esta seria uma plataforma útil para os países mais pequenos, pois lhes permitiria fazer-se ouvir, em especial se ela se saldasse pelo abandono, por parte de Moscovo, da doutrina da «soberania limitada» dos países socialistas e pela adopção de um «código de conduta» para os países europeus.

Um tal código deveria ir mais longe que um pacto de renúncia ao emprego da força, como propuseram os ministros do Pacto de Varsóvia em Praga, no passado mês de Outubro. Para ser efectivo, seria necessário que compreendesse medidas de desarmamento, a limitação das bases militares na Europa ao número actual e o fim de manobras militares em grande escala.

Um ano agradável para Tito

Para a Jugoslávia, que se sentiu ameaçada pela ofensiva soviética na Checoslováquia, em 1968, a extensão dos arranjos de segurança europeia aos dois sectores, oriental e ocidental, tem

(Continua na pág. seguinte)

ECOS

ESBOÇA-SE no campo económico um grande conflito entre o Japão e as seis nações do Euromercado. A causa do dissídio à vista reside no facto de o Japão estar a conquistar terrenos vastíssimos do mercado europeu (até a Portugal se estende a sua penetração) e não mostrar qualquer intenção de baixar as tarifas que protegem o seu mercado. Os Estados Unidos parecem dispostos a apoiar o Mercado Comum europeu (e decerto não só por motivos de natureza ética). A expansão desenfreada do comércio e da indústria nipónicos (o Japão é já a terceira potência industrial do mundo) não nos oferece sequer a contrapartida, demagógica que fosse, de ajuda ao exterior. De facto, o Japão apenas despende 0,25 por cento do seu orçamento em auxílio externo, enquanto, por exemplo, a França gasta 0.72 por cento e a Alemanha 0,42 por cento e os países socialistas muito mais.

*

NUM hospital londrino foi criada por uma brilhante equipa médica (a da Royal Postgraduate Medical School de Hammersmith) uma membrana de borracha de silicónio capaz de rivalizar, ao que se espera, com as funções do tecido pulmonar no corpo humano. Tem uma espessura de 0.005 mm e filtra gases e vapores, mas não células vivas, sólidos e organismos. Será assim possível melhorar a praticabilidade das máquinas cardiopulmonares, em que o sangue é libertado do peso do dióxido de carbono, colhendo oxigénio (trabalho que durante a respiração cabe normalmente aos tecidos pulmonares)? Só o futuro o dirá. Aliás, desde já se pode prever que a indústria não tardará decerto a explorar esta descoberta noutras direcções, posto que a membrana em questão permite obter facilmente oxigénio na preparação do aço e pode também ser utilizada no processo químico de separação dos gases.

*

SOUBE-SE, na devida altura, que Vitor de Sá se doutorara na Sorbonne e que a sua tese era, pela erudição e pelo talento que demonstrava, uma honra para a intelectualidade portuguesa. Aparece agora nos escaparates das livrarias, na nossa língua, com o título «A crise do liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820-1852)». É um livro denso de investigação e reflexão, muito lúcido e muito honesto. Presta justiça a grandes figuras do passado como Francisco Solano Constâncio e Pinheiro Ferreira, escritores sociais do Setembrismo. Vale a pena transcrever a ideia expressa por Solano (estamos em 1821) de que «um Estado é tanto mais feliz e poderoso quanto maior é nele o número dos proprietários, ou, o que vem a ser o mesmo, quanto menos concentrada está a propriedade nas mãos de poucos, e quanto mais próspero a indústria e o comércio a par da agricultura, promovendo-se de mãos dadas.»

ÀS NOVE DA MANHÃ

Não era pesadelo. Era o metropolitano às 9 da manhã. Pouco habituado a estas lides, também já tive sensação igual De pesadelo. Sem o ser.

Podia o caso passar-se nos comboios da linha do Estoril ou nos cacilheiros — de preferência em dias de nevoeiro. Mas foi no metropolitano Às nove da manhã.

A multidão. Sem um sorriso. Acotovela-se, pisa-se, insulta-se. Em voz baixa e comedida. Como um cão a rosnar. Os «aproveitas», os gordos, os que cheiram fortemente a «After Shave». As criancinhas quase espezinhadas, habituadas a não protestarem fora do tom habitual. Os ensonados, os atrasados, os que se olham com ódio de velhas frustrações.

Mas tudo na boa ordem lusitana. De aceitar o fado. O destino marcado à nascença. De pequenino é que se torce o pepino. Ou: de pequeninos se acostumam a aguentar a canga e o agulhão.

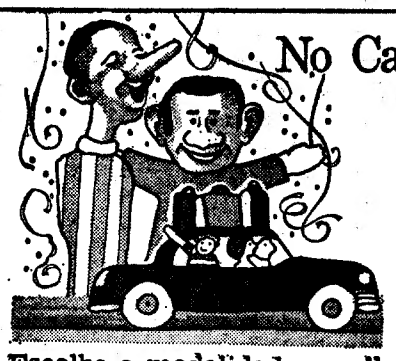
Tentei uma vez uma experiência: cantar ou assobiar mesmo no suplício. Arvorar um sorriso. Que aconteceu? Os olhares de censura choveram sobre mim. Os sobrolhos carregaram-se. Houve murmurios. Tenho a impressão que apanhei mesmo uma pisadela propositada quando ia a sair. Assim mesmo. Para aprender.

O meu amigo entra no «metro». A olhar espantado para aquelas novidades. Mesmo a sorrir. Sorriso que se vai apagando ao passarem estações. E o silêncio mantém-se, aqui e além cortado por um gemido, um suspiro, um silvar dos motores e das portas automáticas.

E acontece o pesadelo Na Rotunda. O bicho pára e ouve-se em voz triste o aviso que assim entendeu: «Este comboio destina-se a Entrecampos. Há correspondência para Auschwitz».

EDUARDO GUERRA CARNEIRO

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO



No Carnaval vai melhor com Hertz

De sexta-feira à tarde a quarta-feira de manhã, quer esteja no Porto, em Lisboa ou em Faro, alugue um Ford Escort ou um Volkswagen por 980$00 (quilometragem ilimitada) ou 720$00 (incluindo 200 km. grátis).

Escolha a modalidade que lhe convier e reserve o seu carro Hertz pelos telefones:
Lisboa: 32 82 47 - Estoril: 28 13 04 - Porto: 33 4 55 - Faro: 23 5 37

vai melhor com Hertz

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

MERCEDES 220
descapotável 1959, óptimo estado. Vendo. R. Filipe Folque, 37-A

«CARNAVAL NO ALGARVE»
E
«AMENDOEIRAS EM FLOR»
INSTALE-SE NO HOTEL BALTUM EM ALBUFEIRA
— BOM AMBIENTE
— BOM SERVIÇO E SERVIÇO DE RESTAURANTE
— PREÇOS ESPECIAIS PARA A ÉPOCA
Faça as suas reservas através do vosso agente de viagens, ou directamente pelos telefones 306/307 — ALBUFEIRA

Artes plásticas

Exposição de Relógio na Interforma

Devido a compromissos assumidos pelo pintor Francisco Relógio com galerias estrangeiras é encerrada no sábado a sua exposição na Galeria Interforma, á Avenida Casal Ribeiro.

Até lá, a exposição está patente ao público das 9 ás 13 e das 15 ás 19 horas.

Exposição de pintura de Helena Amaral Cardoso

Numa das salas do Palácio Foz, é inaugurada amanhã, ás 12 horas, uma exposição de pintura da artista Helena Amaral Cardoso.

Discutidas as medidas de auxílio à Lavoura ribatejana

SANTARÉM, 5. — O grave problema que a cheia está a causar á economia da Lavoura ribatejana foi mais uma vez debatido pela direcção da Federação dos Grémios da Lavoura do Ribatejo, em reunião presidida pelo sr. dr. José Marques e que contou com a presença dos srs. engs. Gomes da Silva, inspector da III Zona Agrícola, e Farrajota Luciano, da Junta de Colonização Interna.

De acordo com a nota da Presidência do Conselho, de 29 de Janeiro ultimo, aqueles técnicos (segundo o nosso correspondente) «explicaram as razões das diligências em curso, no que se refere ao possivel auxilio do Governo, em sementes, a utilizar para as novas colheitas, e da cedência de maquinaria para arranjo dos caminhos vicinais e outros estragos causados pelas inundações, quer em valas de drenagem, quer em valados ou «marachas».

Foram ouvidos todos os representantes dos grémios da lavoura, «que apontaram o que de mais importante há a considerar, em relação aos prejuizos presentes e futuros».

Apreciou-se também um despacho do titular da pasta da Agricultura, na mesma linha de rumo da nota da Presidência do Conselho, sobre os estragos provocados pelas inundações do Tejo.

As escalas hidrométricas deixaram de marcar

As escalas hidrométricas deixaram de marcar e estão apenas em periodo de previsão. Isto significa que a cheia do Ribatejo continua a baixar de volume.

No entanto, continuam ainda interrompidas as estradas de Ribeira de Santarém-Alcanhões e Pombalinho-Azinhaga.

A água isola ainda a povoação do Reguengo do Alviela.

...E AS VITÓRIAS
MORRIS
CONTINUAM!...

CAMPEONATO NACIONAL DE RALLIES
RALLYE TARGA
VENCEDOR ABSOLUTO
ENG. HEITOR DE MORAIS
EM MORRIS COOPER'S.

A. M. ALMEIDA S.A.R.L.
Av. da Liberdade, 11 / Rua Escola Politécnica, 39 / Av. 5 de Outubro, 168 - Lisboa
Rua Sá da Bandeira, 501 - Porto — Agentes em todo o País

A JUGOSLÁVIA DOS ANOS 70

(Continuação da pág. anterior)

uma sedução evidente. As despesas militares aumentaram novamente na Jugoslávia e a visita do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, a Belgrado, em Setembro último, não permitiu manifestamente dissipar as dúvidas dos jugoslavos sobre os objectivos estratégicos, a longo prazo, dos soviéticos, nos Balcãs e no Mediterrâneo.

Oficialmente, há *«com a U. R. S. S. desacordos que provàvelmente deverão ser de longa duração»*. Exemplo disso é aquilo a que o ministro dos Negócios Estrangeiros de Belgrado chama *«manipulação da História»*, *a saber: a publicação da última «História do Partido comunista da U. R. S. S.»*, que, uma vez mais, atira sobre Tito e não sobre Estaline a responsabilidade da ruptura de 1948.

Suspeita-se também em Belgrado que Moscovo tolera, para não dizer mais, as reivindicações territoriais da Bulgária sobre a Macedónia, uma das seis repúblicas da Jugoslávia, motivo permanente de fricção entre os dois vizinhos.

O MINISTRO DA EDUCAÇÃO REGRESSOU DE MOÇAMBIQUE

«Deixei Moçambique; deixei a obra da minha vida — a Universidade de Lourenço Marques» — afirmou, ao desembarcar, esta manhã, em Lisboa, o prof. dr. Veiga Simão, ministro da Educação, que se deslocara àquela província para apresentar cumprimentos de despedida ás autoridades e á Universidade de que foi o primeiro reitor.

O ministro disse ainda:

«A Universidade de Lourenço Marques viverá sempre no meu pensamento e, com o seu apoio e confiança, espero levar o barco a bom porto.»

A aguardar o prof. Veiga Simão, estavam o ministro das Corporações e Saúde; um representante do ministro do Ultramar e dos subsecretários desta pasta; os subsecretários da Administração Escolar e da Juventude e Desportos; um representante do secretário de Estado da Industria; vários directores-gerais, etc.

UM COICE FERIU-LHE OS MAXILARES

COVILHÃ, 5 — Recolheu ao Hospital da Misericórdia o sr. José Marcelino, de 41 anos, agricultor, de Casegas, que atingido pelo coice de uma égua, sofreu grave ferimento nos maxilares.

VIDA SOCIAL

CASAMENTO

Celebrou-se na igreja Matriz do São Paio da Torreira (Murtosa) o casamento da sr.ª D. Rosália Maria da Cruz Vaz Portugal, filha da sr.ª D. Celeste das Flores da Cruz Vaz Portugal e do sr. dr. Apolinário da Silva Portugal, com o sr. Julio de Magalhães Maia, filho da sr.ª D. Maria Ermelinda Teixeira de Magalhães Maia e do sr. eng.º Julio de Almeida Maia. Presidiu á cerimónia o rev. dr. José Manuel da Silva, e foram padrinhos a sr.ª dr.ª D. Maria da Luz Vaz Portugal Mendonça e o sr. dr. Apolinário José Barbosa da Cruz Vaz Portugal, pela noiva, e a sr.ª D. Rosa Cármen Teixeira Magalhães Mota Campos e o sr. Francisco Xavier Mota Campos, pelo noivo. Os convidados reuniram-se, depois, num «copo-d'água».

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «A Rebolona» («La Bambolona»).

REALIZAÇÃO — Franco Giraldi (Itália).

INTÉRPRETES — Ugo Tognazzi, Isabella Rei, Lilla Brignone, Corrado Sonni, Roy Bosiers, Marisa Bartoli, etc.

Baseada numa história de Alba de Cespedes, a fita de Franco Giraldi tem a história da história. E esta é a de um senhor muito bem situado na vida (assim advogado e com Maseratti branco e com mordomo lirú e com mulheres à bicha e com tudo o mais que a sociedade industrial dá aos senhores advogados muito bem situados na vida), senhor esse que um dia encontra uma garota daquelas que fazem o sucesso de um certo cinema italiano e logo ali fica pelo beiço e disposto a tudo, até a noivado reles e a promessa de casamento (com anel). A garota defende-se muitíssimo bem, escudando-se na supervigilância de um vago tio com forte influência na polícia, e o nosso advogado excede-se em truques machista, que fazem rir uma plateia que lá sabe porquê. A fita prossegue de molde a tentar convencer-nos que existem intransponíveis barreiras sociais e biológicas entre o senhor advogado de quarenta anos e pequena-burguesa de dezassete. Depois não há tio nenhum, a garota está muito longe de ser uma ingénua e o senhor advogado é que faz figura de artolas, despendendo um ror de liras em proveito úni-

(Continua na pág. seguinte)

VASCO MORGADO apresenta

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa

HOJE, às 21 horas e às 23 horas

GEORGINA CORDEIRO é a mulher do comandante Kikinho na comédia

O VISON VOADOR

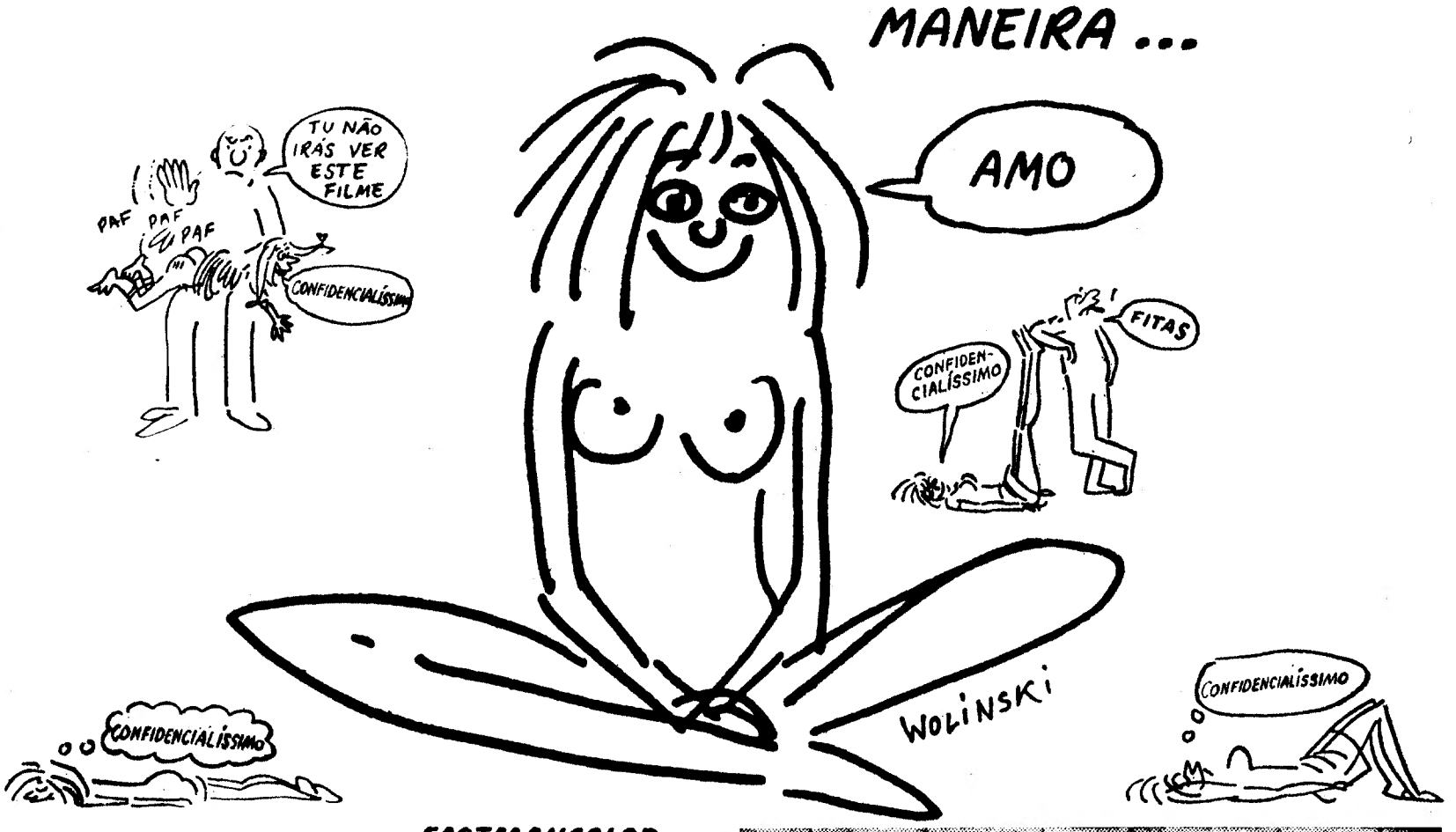
com

Raul Solnado

Ivo Apolloni ✲ Artur Semedo ✲ Fernanda Borsatti ✲ Vasco de Lima Couto ✲ Yola ✲ David Silva ✲ Georgina Cordeiro ✲ Rolando Alves ✲ Maria e a colaboração de Maria Paula

Confidencial «issimo»

NÃO SEI O QUE É MAS DE QUALQUER MANEIRA...

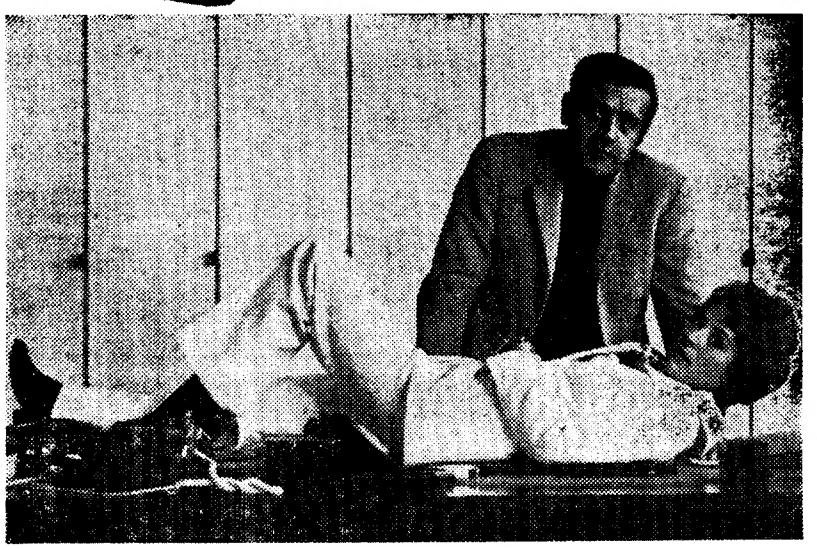


EASTMANCOLOR

HOJE, ESTREIA

EM DOIS GRANDES CINEMAS DE LISBOA!

CONDES e ROMA



ANNIE GIRARDOT ♡ FRANCIS BLANCHE ♡ JEAN YANNE

No filme de GÉRARD PIRÈS

PRÉMIO ESPECIAL NO FESTIVAL DE BERLIN - 1969 — PRÉMIO FEMINA - PARIS - 1969

Um grande exclusivo de FILMES CASTELLO LOPES — Adultos

TAPEÇARIAS
SALDOS
NÓLÃ
AVENIDA DA REPÚBLICA, 20-A

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

MONUMENTAL
CARNAVAL — 1970
4 NOITES DE VERDADEIRA FOLIA
Às 21.30 h.
(Maiores de 15 anos)
4 SURPREENDENTES TARDES INFANTIS
Às 15 h.
(Maiores de 6 anos)
PROSPECTOS EM DISTRIBUIÇÃO — BILHETES À VENDA

HOJE às 21.30
REABERTURA DO ROYAL
AGORA COMPLETAMENTE REMODELADO
COM A ESTREIA DE
UMA PICANTE E FRESCA COMÉDIA
Telef. 86 50 37
CHAPEUS DE SOL
TODA
A LOUCURA...
A FANTASIA...
O ENCANTO
DE UMAS FÉRIAS
EM EASTMANCOLOR
M/ 17 ANOS
EXC. MUNDIAL FILMES
com REAL. DE DINO RISI
ENRICO MARIA SALERNO ● SANDRA MILO
JEAN SOREL ● DANIELA BIANCHI
CARNAVAL 4 noites de farra como é tradição!
BAILE ATÉ DE MADRUGADA
COM O EXTRAORDINÁRIO CONJUNTO
«OS 6 LATINOS»

CAPITÓLIO
HOJE AS 21.45 HORAS
«O CRAVO ESPANHOL»
DE ROMEU CORREIA
M/ 17 anos Tel. 320379
Sábado — Tarde a preços reduzidos
Domingo — Tarde especialmente dedicada a estudantes

COLISEU
HOJE, ÀS 21.30
(MAIORES 12 ANOS)
GRANDE COMPANHIA DE CIRCO DO CARNAVAL
AS MAIORES ATRACÇÕES
A CÉLEBRE BANDA «EL EMPESTRE»
AMANHÃ, às 21.30
(Maiores de 12 anos)
SÁBADO
Inauguração dos Festejos do CARNAVAL
À TARDE, com entrada gratuita às crianças até 10 anos
À NOITE, BAILE até de madrugada

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

co da rebolona e do seu jovem amante. Fim.

A fita é isto, só isto e nada mais que isto. Mas sempre se poderia falar do recurso obsessivo ao erotismo grosseiro, da piscadela-de-olho relativamente a um certo (inofensivo) saudosismo fascista, da crónica pretendida de uma frustração sexual — tudo englobado numa óptica que vira a moral do avesso para melhor a afirmar conservadora, aplacada e obediente.

Realizada sem particular ginástica artesanal, a fita de Giraldi explora abundante e quase que exclusivamente o jogo fisionómico de um Togmazzi-muito-Solmado e as curvas, de facto espampanantes na sua vulgaridade, da estreante Isabella Rei. Saliente-se (por ser, quanto a mim, o único aspecto positivo da película) o tratamento, sóbrio e quiçá nimbado de terna compreensão, a que é sujeito o mordomo lirú. A plateia ri-se — mas desta feita sem saber porquê, ou melhor, sem perceber patavina da arte de ser civilizado.

VÍTOR SILVA TAVARES

• NO AVIZ

TÍTULO — «Juventude enamorada» («Ridera»).
REALIZAÇÃO — Bruno Corbucci, 1969 (Itália).
INTÉRPRETES — Little Tony, Ferrucio Amendola, Oreste Lionello, Marisa Solinas, Raimondo Vianello, Anita Sanders, etc.

Creio bem que o cinema italiano (á parte meia dúzia de jovens realizadores que constituem excepções honrosas) é, hoje em dia, e dentre os maiores produtores cinematográficos do momento, um dos piores do mundo. Compartimentado em *géneros*, plágios descarados dos géneros americanos, os italianos invadem os mercados internacionais com mistelas para todos os gostos: *westerns*, filmes de guerra, filmes «históricos», filmes de *gangsters*, espionagens, filmes pornográficos comédias de alcova, comédias musicais, etc. De tudo um pouco, desde que se destime a um público nada exigente e de sensibilidade atarracada. Os homens que cozinham estas mistelas caminham livremente do filme «histórico» para o *western*, deste, para o filme de guerra, etc. Isto é: de tudo fazem, e mal. Sempre mal, que o tempo não lhes sobeja para pensar no que quer que seja.

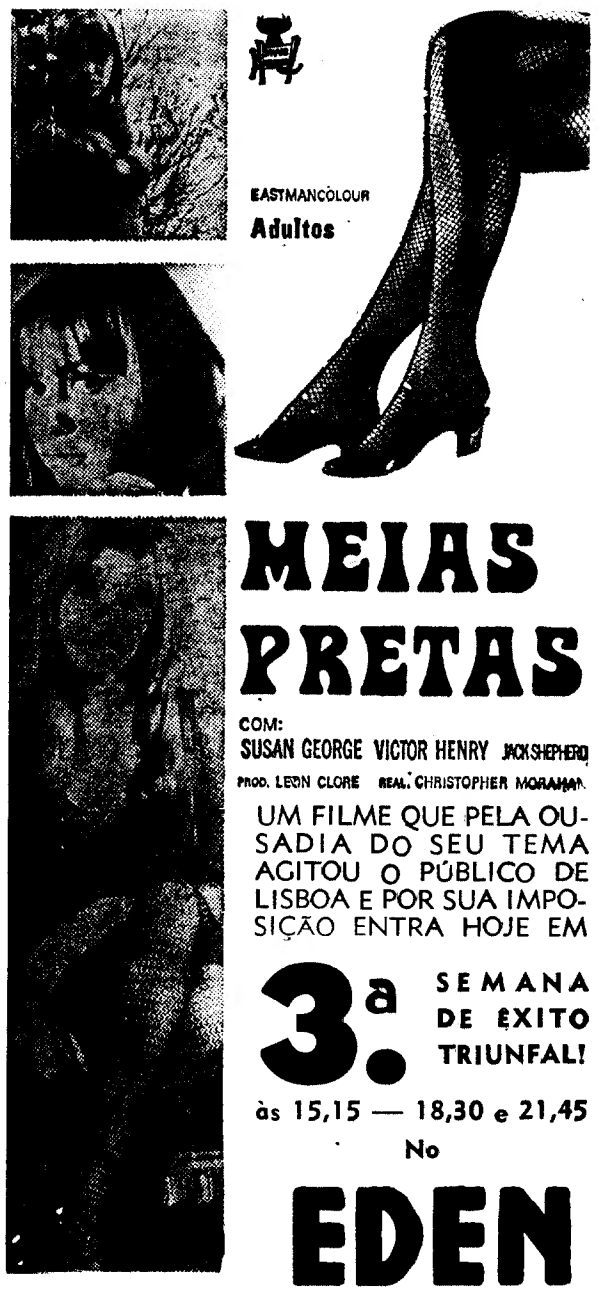
Dito isto, passemos aos factos concretos. Depois de Rita Pavoni, de Gianni Morandi e de uma «multidão» de ídolozinhos da música *ié-ié*, os italianos exploram agora a voz do «pequeno Tony», que não é melhor nem pior do que os anteriores. Os filmes que interpreta também não. (Antes pelo contrário, ou vice-versa, o que muda são as moscas...).

«Juventude enamorada» parte de um argumento que baralha quatro jovens (um que quer ser cantor e estuda para médico e tem a mania dos automóveis, outro que pensa vir a ser pintor, outro que quer ser actor, outro que *faz* poesia) e os atira (jovialmente) á cara do espectador. Dali tudo é possível sair, mas o que sai, realmente, é uma pena: uma comédia insonsa, sem um fio de imaginação, sem um vislumbre de inteligência, sem uma *graça* de que já não nos tenhamos rído em 1900 (altura em que talvez tivessem alguma piada). Donde... Donde o quê?

Entre os complementos, um Jean Manzon que está perfeitamente ao nível da sessão: *O Caminho de Maquiné*.

LAURO ANTÓNIO

HOTEL DO PINHAL
OFIR
TELEF. 023 - 89478/73
7 - 8 - 9 e 10 de Fevereiro
4 ANIMADOS BAILES
DE
CARNAVAL
COM 3 Orquestras
O EXTRAORDINÁRIO SEXTETO INGLÊS
DAVE DACOSTA
com DILYS ELEANOR
pela primeira vez em Portugal
Conjunto «MUSICAL INSPIRATION»
E O JÁ FAMOSO SEXTETO «ORBITA 5»
ACTUALMENTE CONSIDERADO O MELHOR GRUPO MUSICAL PORTUGUÊS
Entrada e marcação de mesa:
SÁBADO e SEGUNDA-FEIRA ..... 80$00
DOMINGO e TERÇA-FEIRA ..... 50$00
— SERVIÇO PERMANENTE DE CEIAS —
(Maiores de 15 anos)



EASTMANCOLOUR
Adultos
MEIAS PRETAS
COM:
SUSAN GEORGE VICTOR HENRY JACK SHEPHERD
PROD. LEON CLORE REAL. CHRISTOPHER MORAHAN
UM FILME QUE PELA OUSADIA DO SEU TEMA AGITOU O PÚBLICO DE LISBOA E POR SUA IMPOSIÇÃO ENTRA HOJE EM
3ª SEMANA DE ÊXITO TRIUNFAL!
às 15,15 — 18,30 e 21,45
No
EDEN

HOTEL EMBAIXADOR
BAILES DE CARNAVAL
Sábado ● Domingo ● Segunda e Terça-feira
CECILE DEVILE
GALLI GALLI ● MARIA VALEJO
«STARLIGHT SHOW» com ANGÉLIKA
Conjunto privativo com Manuel Viegas
PREÇOS — 250$00 (com direito a jantar-ceia); 150$00 (com direito a 50$00 de consumo de bebidas)
MATINÉES-DANÇANTES DOMINGO E TERÇA-FEIRA
— Preço 50$00 —
(Estes preços não incluem as taxas regulamentares)
MAIORES DE 17 ANOS

● HOJE ÀS 20,45 e 23 H.
ENTRA EM SENSACIONAL 5.º MÊS, A FAMOSA REVISTA
MARIA VITÓRIA
ADULTOS
ESPERTEZA SALOIA
UM EXTRAORDINÁRIO ELENCO, COM:
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA
● MARIEMA ● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
E AS ATRACÇÕES
● HELENA TAVARES e «THE MELODIES»
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA
JOSÉ VIANA no «Sinaleiro da Liberdade»
● ATENÇÃO: BILHETES À VENDA PARA O GRANDE CARNAVAL DA ALEGRIA, NO MARIA VITÓRIA, QUATRO NOITES DE FESTA E 2 «MATINÉES», NO DOMINGO E NA 3.ª-FEIRA, SEM AUMENTO DE PREÇOS.

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

NOITES de CARNAVAL

(M/ 15 ANOS)

tuca

BALLET RUSSO

DE

IRINA GRJEBINA

THE RENNO'S

CONJUNTO JUAN DE AIZA COM ÓTICA
FILARMÓNICA FRAUDE
CONJUNTO "CAVALINHO"
FERRER TRINDADE e sua orquestra

CAPRICE LENOIRE (M/ 21 anos) só no wonder bar

SÁBADO —BAILE DE GALA DE ABERTURA (trajo de noite)
DOMINGO—BAILE TRAPALHÃO (máscaras grotescas)
SEGUNDA —BAILE TRAPALHÃO (máscaras grotescas)
TERÇA —BAILE DE ENCERRAMENTO (trajo de noite)

PREÇOS: Restaurante e «Wonder Bar», 300$00 por pessoa (350$00 na noite de segunda-feira) com direito a reserva de mesa e a uma garrafa de espumante, no valor de 200$00, para quatro pessoas. Bar Americano, 100$00 (150$00 na noite de segunda-feira) com direito sòmente a entrada e a dançar depois do espectáculo.

Estes preços não compreendem taxas nem impostos.

As marcações só são respeitadas até 24 horas antes do baile a que se destinam.

TEATRO FRANCÊS NO «SÃO LUIZ»

«LA VILLE DONT LE PRINCE EST UN ENFANT» de Montherlant

Num colégio religioso de rapazes, Sevrais, 16 anos (aluno brilhante), liga-se de amizade com Serge Souplier, 13 anos, aluno inteligente mas alma duvidosa. Essa amizade é vigiada pelo padre De Pradts, prefeito, sob cujas ordens está o aluno mais jovem. Vigiada e, finalmente, interdita. De Pradts encontra, fechados á chave, os dois jovens, o que serve de pretexto para a expulsão do mais velho, pois é o mais jovem que ele pretende proteger, salvar. Contudo, o superior do colégio expulsa também Sevrais, pondo termo áquelas «amizades particulares» em embrião, contra a vontade expressa, e manifestada com certa violência, do padre De Pradts.

A grosseria deste esquema contrasta com o que me parece ser uma das virtualidades da peça de Montherlant: a subtileza com que nos é escamoteada a escabrosidade do próprio tema. «La Ville» coloca-se sob o signo da ambiguidade, que no ultimo acto explode no dilaceramento das opções definitivas perante as quais é posto o padre De Pradts. Essa ambiguidade patenteia-se logo na primeira cena em que De Pradts não hesita em mentir perante o jovem que quer salvar, criando-se assim um clima de cumplicidade que, aliás, é sempre mantido com uma contenção exemplar. Só no ultimo acto — o mais importante e significativo, podendo até dizer-se que os dois primeiros são apenas o caminho para essa tentativa de descoberta, de exposição — o drama assume o carácter explosixo que assinalei. Esse carácter explosivo é, no entanto, expresso sempre numa linguagem depurada e contornante.

É claro que este teatro de absoluto (esta tragédia do sacrifício, como lhe chama Montherlant) cai na sua própria armadilha: o dramaturgo não se apercebe, aparentemente, do impasse em que a peça está metida: por um lado, a partir do conflito tal como é aqui estruturado, seria possível estabelecer as evidentes contradições humanas e sociais que parecem, á primeira vista, insoluveis, a que este tipo de relações humanas parece inevitávelmente conduzir; por outro lado, a peça como que nos surge encerrada em si própria e, ao mesmo tempo, encerrada numa redoma de vidro — um belo peixe num aquário — que a separa do espectador. A perfeição literária dos diálogos, o depuramento, levado a extremos de secura, da acção, a concentração do conflito — tudo o que constitui as virtualidades da peça impede-nos, ao mesmo tempo, de a ela aderir, de tal maneira nos aparecem como que cristalizadas num tempo e num espaço que já não são nem do nosso tempo nem do nosso mundo. O teatro não se compadece com esta perfeição clássica que acaba por nos surgir vazia da própria vida que define o teatro. É como que um mecanismo engenhoso que nada produ

A encenação de Jean Meyer é quase invisível de tão discreta. A movimentação está reduzida ao mínimo, já que é de movimentos de alma que a peça trata.

Esses movimentos traduzem-se em certos silêncios, certos olhares, numa crispação que de vez em quando toca uma ou outra personagem. Uma das cenas, a do gabinete, é bem concebida; a outra, a da arrecadação, parece-me resolver mal o problema da distribuição do espaço.

A qualidade do espectáculo é prejudicada pelo fraco trabalho do pequeno Patrick Jeantet (ou Michel Mesmés), que não conseguiu exteriorizar as perplexidades que definem a sua personagem (Souplier). Bernard Jeantet (Sevrais), em contrapartida, traduziu com certa veemência, a «paixão» que o seu papel pedia. Contudo, as honras da interpretação vão, evidentemente, para Paul Guers, no padre De Pradts. Embora, por vezes, o seu jogo me parecesse um tanto mecanico, devo reconhecer que se trata de uma bela criação dramática, como não é muito frequente ver-se. Certos silêncios, certas «distracções», certas «meditações», a colocação das mãos, a intensidade do olhar, as emoções que espreitam para além da aparente frieza até á explosão final, em suor e lágrimas se misturam, definem um grande actor, capaz de construir a personagem que interpreta a partir da sua total interiorização. Na cena capital da peça, Jean Deschamps (o Superior) consegue dar a réplica conveniente, de tal forma que essa cena é das coisas melhores que temos visto em palcos portugueses.

CARLOS PORTO

SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK

4ª SEMANA

THE GRADUATE

A PRIMEIRA NOITE

considerado
O FILME DO MÊS
pelo programa CINEMA 70 da R.T.P.

Oscar para o melhor realizador
MIKE NICHOLS

ANNE BANCROFT E DUSTIN HOFFMAN · KATHARINE ROSS

Adultos

United Artists

VIDA MUSICAL

Um bom concerto

no Grande Auditório Gulbenkian

A importancia do papel e das capacidades do regente para o rendimento de uma orquestra é, por assim dizer, um axioma que ontem se viu confirmado uma vez mais. Por outras palavras: a Orquestra Gulbenkian, que nos mais recentes concertos actuara de maneira muito deficiente sob a direcção de Gianfranco Rivoli, não parecia a mesma ao longo do programa dirigido por Gérard Devos.....

Logo na deliciosa «Sinfonia n.º 101», de Haydn, se notou a presença de um intérprete excelente, requintado e maleável, e de um musico que se fazia entender pelos seus colaboradores e deles obtinha resultados bem positivos no capítulo da coesão e quanto ao doseamento dos volumes e das intensidades. O primeiro andamento, tal como o «Finale», revestiu-se de vivacidade sem precipitações ou efervescências despropositadas. No «Andante» o tecido sonoro adquiriu uma transparência cativante

Da segurança do seu critério estilístico deu-nos Gérard Devos iniludíveis provas ao estabelecer a diferença entre a singeleza das páginas de Haydn e o rendilhado pomposo da musica, aliás, admirável, de Couperin («Concert dans le goût théâtral»). E como recriou, com «verve» e propriedade ambiencial, as duas obras de Roussel! Como soube realçar a tão característica e são linguagem rítmica do «Concerto op. 34» e da miniatural «Sinfonietta» do autor de «Bacchus et Ariane»!

Outro polo de atracção do programa residia na actuação do violinista Ricardo Odnoposoff, que se fez ouvir num «Concerto» atribuído a Mozart e que figura com o *n.º 271 a*, no catálogo Koechel da produção deste mestre. Sonoridade cintilante, até mesmo o culto de um certo sensualismo sonoro, constitui característica saliente da execução deste notabilíssimo violinista, que o publico lisboeta já tivera ocasião de admirar há uns anos. Não se deprecia do que fica dito que se trata de um intérprete superficial ou inclinado á mera exterioridade. Não faltaram, na versão de Odnoposoff, momentos de uma expressividade cálida e por vezes intimista, conforme se verificou no «Andantino».

Em resumo: uma excelente tarde de musica, com um solista de grande envergadura e um maestro talentoso e categorizado, a que a Orquestra Gulbenkian correspondeu com brio.

NUNO BARREIROS

FESTAS DE CARNAVAL

No Clube Estefânia

No Clube Estefânia, á Rua Alexandre Braga, 24-A, vão realizar-se os seguintes bailes, ás 22 horas, sábado, «Baile Brincalhão»; domingo, «Baile Trapalhão» (a prémio); segunda-feira, «Baile dos Feios»; terça-feira, «Baile dos Fortes» (só dança quem ainda pode).

Na Casa de Trás-os-Montes

Como nos anos anteriores, a Casa de Trás-os-Montes e Alto-Douro vai realizar, na sua sede, á Rua da Misericórdia, 20-2.º, três animados bailes, nos dias 7, 9 e 10. A tarde de domingo é dedicada aos pequenos trasmontanos.

O produto dos festejos reverterá a favor das obras de beneficência daquela casa regionalista.

Em Moncarapacho

MONCARAPACHO, 5 — Tudo se apresta para que, mais uma vez, se revistam do maior brilhantismo as tradicionais festas do Carnaval em Moncarapacho. E vale bem a pena visitar esta pitoresca aldeia, sede da maior freguessia do concelho de Olhão e que se estende desde a serra até ao mar suave. Não só pelos seus encantos, que muitos os tem, como pela imagem inegável do seu tipicismo. Por seu turno, o Carnaval em Moncarapacho reveste-se de características unicas.

Nos dias 8, 9 e 10, as Batalhas de Flores em Moncarapacho são um cartaz que, por certo, trará a esta localidade milhares de visitantes.

Na Chamusca

CHAMUSCA, 5 — A favor do Asilo da Santa Casa da Misericórdia, vão realizar-se nesta vila, nos dias 8, 9 e 10, grandes festejos carnavalescos. No programa: «cerimónia» da chegada ao Cais do Porto do Carvão de Suas Altezas Reais D. Galeão I e D. Enjoada Marisquinhas, no domingo, ás 15 e 30; bandas, zés-pereiras e ranchos folclóricos; uma grande vacada carnavalesca, na segunda-feira, ás 15 horas; bailes no Sport Chamusca e Benfica, no Sporting Clube Chamusquense, na Sociedade Recreativa Ulmense, na Sociedade de Instrução e Recreio do Pinhal Grande e na Sociedade Recreativa Arrepiadense

Bailes de Carnaval nos Bombeiros de Carcavelos

No próximo sábado e na segunda-feira de Carnaval realizar-se-ão, nos salões dos Bombeiros Voluntários de Carcavelos, dois grandiosos bailes carnavalescos com a colaboração do conjunto «Os Monroes».

No Clube de Bragança

BRAGANÇA, 5 — Mantendo uma tradição de longos anos, o Clube de Bragança vai organizar os seus festejos de Carnaval. No domingo, ás 15 horas, realiza-se o Baile Infantil e, ás 22 e 30, o «Baile da Tradição». Na terça-feira, realiza-se o «Baile do Carnaval», com «ceia á americana».

Também no Cine-Teatro Camões, que, após obras de beneficiação, reabriu agora as suas portas, se realizarão espectáculos nas três noites de Carnaval.

NO COLISEU JÁ É CARNAVAL

Uma promessa de Carnaval alegre e popular foi o que ontem á noite deixou, no Coliseu dos Recreios, a companhia de circo que ali se estreou.

Com a apresentação já tradicional de Trini Mariani, o espectáculo desenrola-se numa permanente mutação de aspectos, como num caleidoscópio de tons e sons que constituem, ao fim e ao cabo, maravilha para os olhos de miudos e graudos.

Muita gente jovem, eis, talvez, a principal característica desta companhia de circo. Gente jovem (arrojada ou divertida, quando é caso disso), que ontem mereceu frequentes vezes a honra de aplausos fartos e de aplausos prolongados.

«El Empastre», a banda cómica da companhia, constitui por si só garantia de que o espectáculo vale a pena. As irmãs Alexis (em exercícios de força combinadas), Telinha (contorcionista), Simonis (em bambu aéreo), Duo Gaspars (em rolo giratório) e a troupe Cardinali (em arrojados saltos de balança) são algumas das figuras principais do programa que a nova companhia do Coliseu oferece ao público—e todas elas têm exibições de muito agrado. O ilusionista Aguinaldo, que os mais fiéis e costumados espectadores do Coliseu viram, ontem, com muita satisfação, ser premiado com as luminárias gerais, é também um bom motivo do interesse, tal como, aliás, os palhaços irmãos Torralvos e Totó & Humberto.

Grande Carnaval vai ser o do Coliseu. Aliás, já o é...

MÚSICAS DO CARNAVAL CARIOCA

É sempre um jogo tentar adivinhar quais as composições carnavalescas que vão obter maior divulgação em palcos do Rio de Janeiro. Todavia, segundo um inquérito organizado já esta semana pelo I. B. O. P. E. (Instituto Brasileiro que amiude efectua prospecção de mercados especializados) as 10 melodias preferidas por 50 000 pessoas serão as seguintes: «Botando para quebrar», interpretação de Luiz Wanderley; «Folia Portuguesa», (Dupla Ouro e Prata); «Um amor igual ao meu», (Cláudia Barroso); «Aquele beijo», (Wanderley Martins); «Pula, pula, pula», (Miguel Angelo); «Pulo do Canguru», (Roberta); «Zum... zum», (Renato Guimarães) e «Entra na canoa», (Luiz Américo).

Recintos de diversões

- No «Arabita» (em Alfama) estão a actuar os fadistas Benvinda Cruz, Julieta Reis, Jorge Dias e Julio Vieitas. Este ultimo é, também, o director artístico.
- O grupo «Folclore de Portugal», dirigido por Tulio Pereira, tem estado a actuar na «Tágide».
- Estreou-se na «Jansen» o cantador Filipe Duarte.

PARA UM CARNAVAL ALEGRE E DIVERTIDO:

A GRANDE REVISTA POPULAR QUE BATEU TODOS OS RECORDES DE GARGALHADA!

RIA COMO NUNCA RIU...

3.º MÊS DE ENCHENTES

GRAÇA ● CRÍTICA
MONTAGEM DESLUMBRANTE
LINDA MÚSICA
FANTASIA

LINDAS MULHERES

NO TEATRO - TELEF. 326037

VARIEDADES

HOJE E TODAS AS NOITES AS 20.45 E 23 HORAS
DOMINGO E TERÇA-FEIRA MATINÉES ÀS 16 HORAS

BILHETES À VENDA PARA O CARNAVAL PREÇOS NORMAIS

Uma produção de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

Com uma grande, alegre e poupular companhia:

AIDA ● C. COELHO ● ELOINA ● SPINA ● MAX ● ANITA ● ESPADINHA ● M. FRANCO ● A ATRACÇÃO NACIONAL ANTÓNIO CALVÁRIO ● À FRENTE DE UM GRANDE ELENCO ● UM SENSACIONAL «BALLET» INTERNACIONAL

Só no TEATRO MONUMENTAL

MAIORES 15 ANOS

NAS 4 NOITES — 2 SESSÕES 20.30 e 23.30 H.

Um espectáculo de «Music-hall» ao nível internacional

HORAS DE IMPACTO

com SERGIO BORGES e a da África do Sul VICKIE

PARA O PÚBLICO DAS 2 SESSÕES:
BAILE ATÉ DE MADRUGADA
3 BELOS CONJUNTOS
★ FERNANDO ALBUQUERQUE com RUEDA
★ SOUSA MACHADO e NAPOLITANO ★

monumental CARNAVAL só no TEATRO MONUMENTAL

VASCO MORGADO APRESENTA

LUGARES DESDE 30$00 TEATRO E BAILE

MAIORES 1 ANOS

Só no TEATRO MONUMENTAL

Nas Tardes de Dom., 2.ª e 3.ª-feira AS 15 e 18 HORAS

UMA ENGRAÇADA PEÇA POLICIAL PARA CRIANÇAS

ORIGINAL DE FRANCISCO NICHOLSON

VÁ COM SEUS FILHOS AO MAIS ALEGRE CARNAVAL DE LISBOA

EM TODAS AS «MATINÉES»:
CONCURSO DE MÁSCARAS INFANTIS
60 VALIOSOS PRÉMIOS ● 4 BICICLETAS

● BILHETES À VENDA ●

FOLIÕES

De Carro, A Cavalo ou a Pé,
o CARNAVAL no MACHADO é que é.

A ANIMAÇÃO ESTÁ A CARGO DO
CONJUNTO SEM NOME

SE NÃO TIVER MESA RESERVADA FICA NA RUA.

ENCERRAMOS 4.ª-FEIRA DE CINZAS.

PARA NÃO TER TRABALHO DE CONSULTAR A LISTA TELEFÓNICA, NÓS FORNECEMOS OS NÚMEROS RESPECTIVOS PARA MARCAR A SUA MESA: 30095 OU 328713

M/ de 17 anos

Necrologia

FALECIMENTOS

Manuel dos Santos Luís

COVILHÃ, 5 — Faleceu o sr. Manuel dos Santos Luís, de 83 anos, viúvo, aposentado têxtil. Idealista, de profundas convicções liberais, foi acérrimo defensor dos interesses da classe operária, lutando pela sua elevação e pelo seu prestígio. Era respeitado e gozava de gerais simpatias.

Era pai dos srs. José dos Santos Luís, mestre de tecelagem da Escola Industrial e Comercial Campos Melo; João dos Santos Luís, Adalberto dos Santos Luís e Júlio dos Santos Luís, comerciantes e das sr.ª D. Maria da Piedade Paiva e D. Rita da Conceição Santos.

FUNERAIS

José Eduardo de Macedo Basto

Saiu hoje da capela da Igreja de Nossa Senhora da Fátima para jazigo de família no cemitério do Alto de São João o funeral do sr. José Eduardo de Macedo Basto, de 69 anos, residente que foi na Avenida António José de Almeida, natural do Porto, casado com a sr.ª D. Maria Amélia Garcia de Santana de Macedo Basto.

O extinto que foi industrial no Brasil durante vários anos, era pai das sr.ª D. Maria José B. Byrne Monteiro, casada com o sr. dr. Ruy António Byrne Monteiro, médico-veterinário; D. Maria Filomena Macedo Basto de Carvalho, casada com o sr. dr. Adriano António de Carvalho, adjunto do director-geral dos Negócios Económicos do Ministério dos Negócios Estrangeiros e D. Maria da Graça Santana de Macedo Basto; e dos srs. Paulo José Santana de Macedo Basto (residente no Rio de Janeiro), eng.º José Eduardo Santana de Macedo Basto, casado com a sr.ª dr.ª D. Ana Maria Pais Braga de Macedo Basto; Luís Gonzaga Santana de Macedo Basto e João Pedro de Santana de Macedo Basto.

D. Maria da Nazaré Pessoa dos Santos

LEIRIA, 5 — Realizou-se para o cemitério municipal, com grande acompanhamento, o funeral da sr.ª D. Maria da Nazaré Pessoa dos Santos, de 77 anos, viúva, natural desta cidade. Era mãe dos srs. António e Fernando Pessoa de Oliveira, o último, funcionário do Registo Civil deste concelho; e tia dos srs. Alvaro e José Pessoa dos Santos, e de Acácio Barros Pessoa, este residente em Lisboa e das sr.ª D. Lídia Pessoa Gomes, residente na Figueira da Foz, casada com o sr. Domingos António Wenderly Sousa Gomes e D. Maria José Barros Alves, residente nesta localidade, casada com o sr. Liânio F. Alves dos Santos, subcorrespondente do «Diário de Lisboa». A bondosa senhora, sempre alegre e comunicativa, era muito estimada pelas suas virtudes.

À família enlutada, e em especial ao sr. Liânio F. Alves dos Santos apresentamos as nossas condolências.

FOI ATROPELADA QUANDO BRINCAVA EM PLENA RUA

ÍLHAVO, 5 — No lugar da Laigoa, deste concelho, a menina Maria Madalena dos Santos Dias, de nove anos, filha do sr. João Dias Lopes e da sr.ª D. Maria Natália dos Santos Ferreira, brincava na rua e foi atropelada por um automóvel conduzido pelo sr. Manuel Bizarro Teles, em condições que as autoridades procuram esclarecer: A pobre criança, que sofreu diversos ferimentos pelo corpo, recolheu ao Hospital sub-regional desta vila

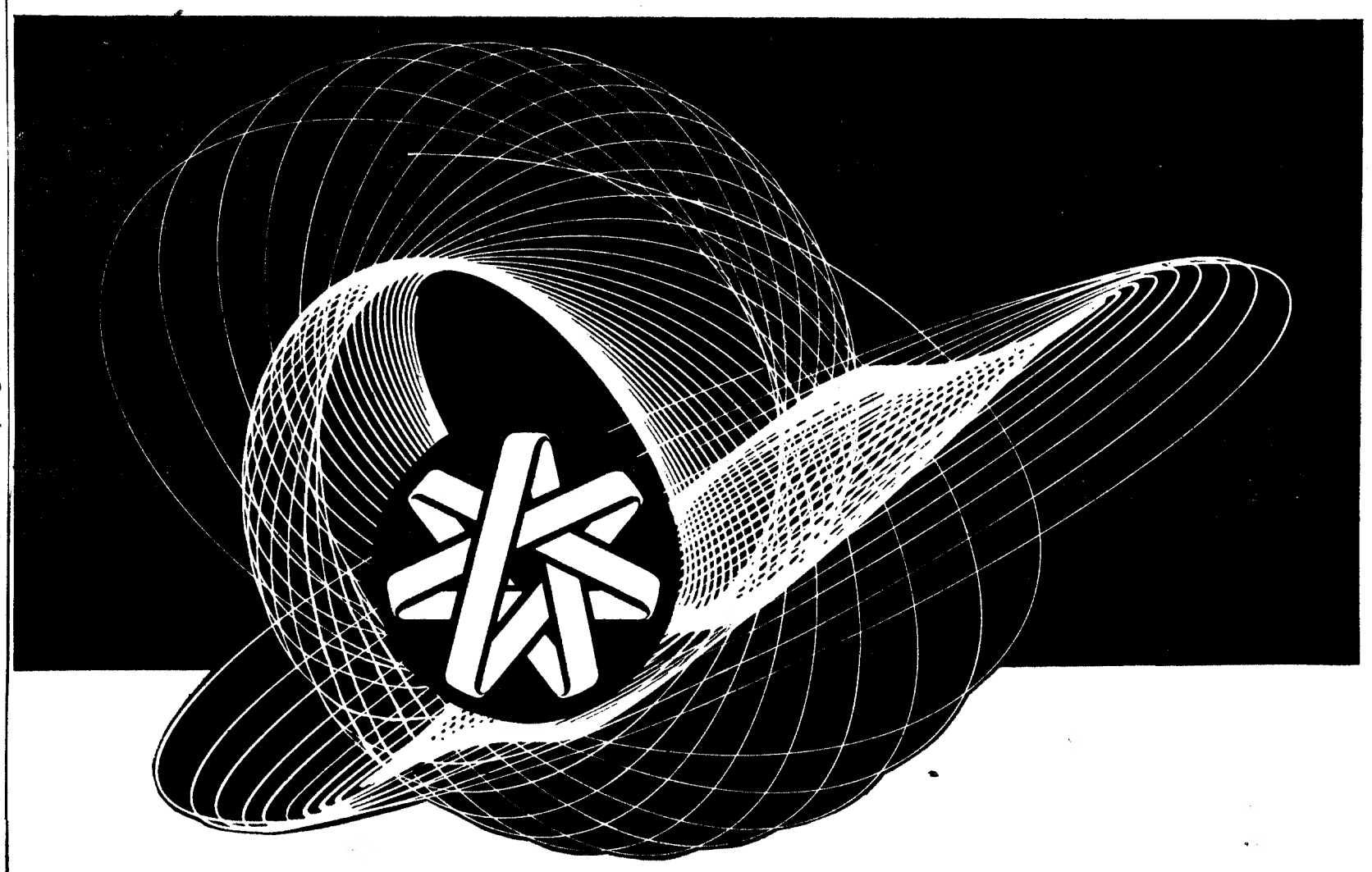
A «MULHER DE FERRO» VAI AO CAMPO PEQUENO

Como manda a tradição, o Campo Pequeno apresenta, nesta época carnavalesca, dois espectáculos (no domingo e na terça-feira, ás 16 horas) nos quais tomam parte vários elementos que vão dispor bem a assistência. Batalhas de serpentinas e de «confetti» servem de pano de fundo á actuação dos cavaleiros-amadores Manuel Santana (do Barreiro) e Joaquim Tenório (de Elvas), dois jovens esperançosos, com muita intuição (que lidarão, em cada tarde, três novilhos), além dos alunos das Escolas de Toureio da Golegã e do «Sector 1», respectivamente, António Ferreira e António Perinú, Martins Lobato e Adelino Carregosa, os quais, em duas novilhas, farão completíssimas «faenas», nos três tércios...

As pegas estarão também presentes, a cargo dos destemidos Forcados Juvenis de Alcochete, chefiados por António José Pinto.

O numero sensacional deste Carnaval no Campo Pequeno reside, porém, na apresentação de Linda Baker — a «Mulher de Ferro», uma jovem mocetona que tem causado a admiração do publico de todo o Mundo pela sua força extraordinária.

Entre as muitas proezas de Linda Baker exibe, contam-se, por exemplo: enrolar uma barra de ferro ao pescoço; dobrar outra barra de ferro de 25 mm., com a boca; partir dois baralhos de cartas com a boca e as mãos; deter o arranque de uma motocicleta; arrastar um automóvel com os cabelos; arrastar uma camioneta com a boca e muitas outras façanhas que vão deixar de boca aberta o publico do Campo Pequeno!



NA LINHA DA EVOLUÇÃO

Valorize as suas economias, participando no processo de evolução sócio-económica do País.
Ajude a traçar, connosco, as linhas do futuro.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano, isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS S
LISBOA
Rua Braamcamp,5
PORTO
Av. dos Aliados, 58-64

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

Actualidade internacional

OS SOBERANOS BELGAS NA ÍNDIA — Os soberanos da Bélgica, que efectuam actualmente, uma visita oficial á União Indiana, deslocaram-se, há dias, ao Centro de Nova Delhi onde fizeram compras num dos armazéns da cidade. Na foto, a rainha Fabíola aprecia alguns objectos de arte expostos naquele armazém

Djakarta pretende reatar as relações com Pequim

DJAKARTA, 5 — (R.) — A Indonésia está a explorar a possibilidade de reatar as relações diplomáticas com a China, segundo revelaram hoje fontes bem informadas.

As mesmas fontes disseram que a Indonésia dera já a conhecer o seu intuito por intermédio das missões diplomáticas chinesas em Paris e Haia.

As referidas fontes não forneceram detalhes da diligência indonésia, mas afirmaram que o assunto fora discutido, ontem, pela comissão parlamentar dos Negócios Estrangeiros.

O presidente da comissão, dr. Imron Rosjadi, declarou que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Adam Malik, afirmara durante a sessão que Djakarta estava pronta a reatar as relações com Pequim, com a condição de que a China acabasse com actividades subversivas na Indonésia e se abstivesse de qualquer interferência nos assuntos internos do país.

As relações diplomáticas entre a Indonésia e a China foram suspensas há dois anos, a seguir á intentona comunista de 1965, que se malogrou, e ao encerramento das respectivas Embaixadas em Pequim e Djakarta.

A Indonésia reconhece Pequim como Governo legal chinês, mas mantém relações comerciais com a Formosa.

Entretanto, o ministro das Finanças, dr. Ali Wardana, declarou hoje no Parlamento que a Indonésia está a seguir uma política de não alinhamento, visando fazer diminuir a tensão no Mundo.

O semanário da Santa Sé critica violentamente a Igreja holandesa

CIDADE DO VATICANO, 5 — (R.) — O semanário da Santa Sé «L'Osservatore della Domenica» fazia a noite passada um aviso velado de que a disputa acerca do celibato do sacerdócio podia conduzir a dissenções no seio da Igreja Católica Romana.

Num editorial, o semanário atacava violentamente a Igreja holandesa por desafiar o Papa. Dizia que a questão do celibato envolvia tanto assuntos disciplinares como doutrinais.

Prosseguia: «Aqueles insistem em esconder esses aspectos — e há muitos que o fazem — parecem trair uma tentativa óbvia para aplacar a perturbação geral, de maneira a fazerem crer que a questão do celibato é apenas marginal e não substancial, ou seja, que não envolve uma escolha fundamental».

O semanário continuava: «Insistem em afirmar que ninguém está a pensar em «cismas», que não se registarão quaisquer disputas e uma pessoa pode compreender porque, devido á eficácia dos inovadores e da sua acção, depende exclusivamente da sua filiação na Igreja.

«Se não fosse assim, a sua função «revolucionária» ou «inovadora» não teria oportunidade nem faria sentido. Contudo, se as coisas seguirem um ritmo que julgaram, uma pessoa poderia também perguntar a si própria em determinada altura se para estar dentro da Igreja basta afirmá-lo.»

O «MATADOR SUICIDA» FOI A SEPULTAR

CIDADE DO MÉXICO, 5 — (R.) — Jaime Bravo, o «Don Juan» das arenas mexicanas, que sobreviveu a 20 colhidas, 14 delas graves, foi ontem sepultado nesta capital.

O conto de fadas do «matador suicida», que de garoto da rua e de vendedor de amendoim chegou a primeira figura da tauromaquia, granjeando fama e glória durante uma carreira brilhante nas arenas de Espanha, nos anos 50, teve, assim, o seu epílogo.

Jaime Bravo, de 40 anos, morreu na quarta-feira, pouco depois de um automóvel em que seguia com mais dois toureiros se ter voltado perto desta cidade.

À semelhança de um seu compatriota, o grande Carlos Arruza, não morreu nas hastes de um toiro, apesar da sua temeridade, vindo a perder a vida inglòriamente num brutal desastre de viação.

Jaime Bravo foi casado com uma actriz de Hollywood, Anne Robinson, que lhe deu dois filhos, antes de se divorciarem. A sua segunda mulher, Monica Lind, outra actriz norte-americana, veio de Las Vegas, de avião, para assistir ao funeral do marido.

Contudo, o toureiro teve muitos romances de amor. Arabella Arbenz, filha de um ex-presidente da Guatemala, suicidou-se antes do seu casamento e o seu nome esteve em tempos ligado ao das «estrelas» cinematográficas Lana Turner e Stephanie Powers, entre muitas outras.

Deixou de vender amendoins para se tornar palhaço e artista de trapézio num circo, antes de vestir pela primeira vez o «trajo de luces» no México

Foi preso como passageiro clandestino por duas vezes, mas, finalmente, conseguiu chegar a Portugal, a caminho de Espanha, escondido no porão de um navio.

Fornecimento maciço de armas soviéticas ao Egipto

— anuncia um jornal libanês

BEIRUTE, 5 — (A. N. I.) — A União Soviética iniciou um fornecimento maciço de material de guerra ao Egipto, por via aérea — anuncia em Beirute o jornal «Le Jour», das direitas.

Citando círculos diplomáticos da Europa de Leste na capital libanesa, o jornal afirma que gigantescos aviões de transporte «Antonov» estão a aterrar em aeródromos militares egípcios de meia em meia hora.

Os aviões russos estariam a transportar canhões antiaéreos ligeiros e pesados, equipamento móvel de radar, e foguetões terra-ar Sam II.

Segundo os mesmos círculos, a ponte aérea teria sido iniciada há setenta e duas horas, e não estariam a ser transportados armamentos modernos ofensivos, como Mig-23 ou Sikhoi 9, os mais modernos aviões de guerra fabricados na União Soviética.

O objectivo imediato destes fornecimentos seria fortalecer o dispositivo militar egípcio, em face dos crescentes ataques israelitas, enquanto estaria a ser levada a efeito uma completa revisão da estratégia defensiva egípcia — prossegue «Le Jour».

As armas estariam a ser desembarcadas nos aeródromos militares de Almaza, Alexandria e Luxor — segundo os mesmos círculos.

A ponte aérea teria sido estabelecida na sequência de uma decisão das autoridades soviéticas, de reforçar com a máxima urgência a defesa em redor do Cairo — prossegue o jornal.

O dispositivo de defesa antiaérea, semelhante ao utilizado pelos comunistas do Vietnam será adaptado no Egipto de modo a poder repelir os ataques dos Skyhawk, Phantom e Mirage dos israelitas.

NIXON AVISA MOSCOVO

(Continuação da 1.ª página)

decisão sobre o pedido israelita de aviões.

A Casa Branca não publicou ainda o texto completo da carta do presidente mas fontes autorizadas revelaram alguns dos seus pontos e ao mesmo tempo disseram que o presidente rejeitou categòricamente as acusações soviéticas de que o fornecimento de armas americanas a Israel está a contribuir para o agravamento da crise.

Nixon disse que os Estados Unidos não são responsáveis pela corrida aos armamentos no Médio Oriente e que continuariam a fornecer auxílio militar a Israel se tal for necessário para manter o equilíbrio das forças.

Ontem á noite, antes de ser conhecida a resposta do presidente Nixon, a Rádio de Moscovo, num comentário em inglês, disse que a confrontação armada entre Israel e os árabes ameaça transformar-se numa guerra em larga escala e acrescentou: «Israel desafiando o senso comum e contràriamente aos interesses da sua própria segurança está através da sua atitude militar e política a contribuir exactamente para impedir a solução pacífica da crise.

«Ninguém nega que o povo de Israel tem o direito á existência como Estado soberano mas Israel foi transformado de centro nacional para o povo judaico em um centro de guerra.»

Segundo a Rádio de Moscovo os Estados Unidos não fazem segredo da sua aliança militar e política com Israel e fomentam o seu armamento e encorajam a agressão de forma a promover os seus próprios interesses.

A Rádio acrescentou que a União Soviética continuará a fornecer aos países árabes as armas necessárias para repelirem a agressão israelita.

Preso o secretário do PC brasileiro

RIO DE JANEIRO, 5 — (F. P.) — O secretário do Partido Comunista Brasileiro no estado de Guanabara, Apolónio de Carvalho, encontra-se detido numa dependência da Polícia do Exército brasileiro, segundo informação oficial desta noite nesta cidade.

Apolónio de Carvalho que foi detido em Janeiro último no Rio de Janeiro, é acusado de ser um dos principais membros do comando de activistas da extrema-esquerda que levaram a efeito uma série de actos terroristas e assaltos a bancos. A informação acrescenta que o detido se tem negado até agora a prestar declarações. Não foram revelados pormenores a respeito desta detenção, considerada muito importante pelas autoridades responsáveis pela repressão dos actos de subversão e de terrorismo levados a efeito por elementos da extrema-esquerda brasileira.

MARIA LUÍSA BARATA

MODAS S. A. R. L.

SALDA MODELOS DE

CHRISTIAN DIOR – GUY LAROCHE – LANVIN – HEIM – EMÍLIO PUCCI e outras marcas igualmente reputadas, assim como uma variedade enorme de outros artigos.

Na Sede a estimada Clientela dispõe de serviço de arrumação de carros por motorista privativo fardado de azul-escuro e braçadeira verde com o nome da Firma.

CAMPO ALEGRE, 616 — PORTO
HOTEL PALÁCIO — ESTORIL
AV. ENG.º DUARTE PACHECO, 1 — LISBOA

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

A próxima viagem à Lua será o último voo do astronauta Lovell

CAPE KENNEDY, 5 — (R.) — O astronauta James Lovell afirmou que a missão lunar da Apolo 13, marcada para 11 de Abril, será a sua última aventura no espaço.

«Vou afastar-me, a fim de permitir que outros homens tenham uma oportunidade» — declarou ontem Lovell a jornalistas após um ensaio geral do seu passeio na Lua.

Contudo, não forneceu qualquer indicação de que planeava abandonar a NASA. É provável que continue na Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço, a trabalhar em qualquer missão terrestre.

O capitão-de-mar-e-guerra Lovell, que comandará o voo da Apolo 13, será acompanhado na missão pelos astronautas Fred Haise e Thomas Mattingly. Haise, um civil, passeará, também, na Lua, enquanto Mattingly se manterá no módulo de comando, em órbita lunar.

Lovell nunca desembarcou na Lua, mas foi um dos tripulantes da Apolo 8, que passou a 80 quilómetros da superfície lunar, em Dezembro de 1968.

Lovell e Haise afirmaram que poderiam caminhar tanto como um quilómetro desde o local de aterragem do módulo lunar até chegarem a uma grande cratera, em forma de cone.

MÉDIO ORIENTE

A crise entra na sua fase mais crítica

CAIRO, 5 — (F. P.) — Reina um «clima de tensão» em várias capitais após os últimos desenvolvimentos da crise do Médio Oriente escreve esta manhã «Al Ahram», que se faz eco dos rumores que circulam em Whiterall, segundo os quais a reunião «cimeira» dos «quatro grandes» poderia ser convocada urgentemente para examinar «a situação explosiva» na região

Segundo o jornal, conclui-se das declarações dos responsáveis britânicos que a crise do Médio Oriente entra certamente na sua fase mais crítica desde a guerra de Junho de 1967.

O jornal declara que os dirigentes britânicos não escondem a sua inquietação perante as recentes «provocações» israelitas, nomeadamente os seus «raids» contra objectivos civis. Mas, acrescenta «Al Ahram», a Grã-Bretanha encontra-se na impossibilidade de tomar uma iniciativa que a oponha à política americana.

Arafat visitará Moscovo

CAIRO, 5 — (F. P.) — Leonid Brejnev e Alexei Kossyguine, respectivamente secretário-geral do Partido Comunista e presidente do Conselho da U.R.S.S., assistirão ás conversações com uma delegação palestiniana que se deslocará próximamente a Moscovo, dirigida por Yasser Arafat, presidente da O.L.P. — escreve esta manhã o jornal «Al Ahram».

O jornal diz ainda que a delegação palestiniana incluirá representantes da Fatah, da Saaika, da Frente Popular, bem como do comando do Exército de Libertação Palestiniano.

Explosão nuclear

WASHINGTON, 5 — (F. P.) — Os Estados Unidos procederam ontem a uma explosão nuclear subterrânea, no deserto de Nevada. Esta explosão, a terceira realizada em 1970, atingiu uma força entre 20 a 200 quilotoneladas.

Particularmente espinhosas as conversações germano-polacas

VARSÓVIA, 5. — (F. P.) — Polacos e alemães ocidentais têm hoje em Varsóvia o seu primeiro encontro ao nível governamental desde a segunda guerra mundial. Estas conversações, que serão conduzidas pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, Jozef Winiewicz, e pelo seu homólogo alemão, Ferdinand Duckwicz, são qualificadas pelos polacos de simples «trocas de impressões», ao passo que os alemães as intitulam mais sèriamente, «negociações para solucionar o conjunto do contencioso entre ambos os países».

As conversações apresentam-se desde já particularmente espinhosas e podem muito bem arrastar-se. Não se pode dizer que reine optimismo em Varsóvia quanto ao seu desfecho

Evidentemente, a questão mais melindrosa é a da nova fronteira polaca ocidental, a Linha Oder-Neisse, resultante da derrota alemã, que a Alemanha Oriental reconheceu em 1950 e que os polacos pedem a Bonn que aceite sem restrições e com carácter definitivo.

Esta exigência é actualmente inaceitável por Bonn, que se refugia atrás da inexistência de um tratado de paz, isto é, da falta de uma base jurídica para solucionar o problema.

Como já fez em Moscovo, onde prossegue neste momento negociações políticas, o Governo de Willy Brandt propõe a Varsóvia um simples compromisso de renuncia ao recurso á força. As posições estão, portanto, muito afastadas e é impossível prever se se poderá achar uma fórmula satisfatória simultaneamente para Bonn e Varsóvia. Uma delas consistiria, por exemplo, em convencionar que todo o acordo de fronteiras será automáticamente incluído em futuro tratado de paz, o que conciliaria ao mesmo tempo as exigências polacas e os escrupulos de Bonn.

Novo engano no Vietnam

SAIGÃO, 5 — (R.) — Dois helicópteros norte-americanos supondo que estavam a ser alvejados por guerrilheiros, dispararam contra civis e soldados governamentais, ontem á tarde. Segundo um informador militar norte-americano, este erro causou oito mortos e 31 feridos.

Os helicópteros, que sobrevoavam uma região da província de Binh Dinh, comunicaram que estavam a ser alvejados por metralhadoras de calibre 50 e ripostaram. Passando segunda vez sobre a região, um dos helicópteros comunicou que estava a ser novamente alvejado, abrindo fogo logo a seguir.

Segundo o informador, apurou-se depois que as tropas regionais estavam a fazer exercícios de tiro com uma metralhadora de calibre 50, nas proximidades de uma pequena aldeia.

Duas greves de curta duração nas Astúrias

MADRID, 5 — (F. P.) — Eclodiram ontem dois novos movimentos de greve nas Astúrias. Em Avilez operários interromperam o trabalho durante duas horas para apoiar as suas reivindicações e a entrada em vigor do seu contrato colectivo. Pelo mesmo motivo interromperam o trabalho, durante hora e meia operários de uma empresa siderúrgica de Felguera, perto de Oviedo.

Em Sevilha, regressaram práticamente á normalidade os estaleiros navais

Entretanto, as autoridades consideram que terminou o conflito mineiro nas Astúrias.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

ÊXITO! ÊXITO!!

ÚNICO EM LISBOA

MUSICA TZIGANE PELA ORQUESTRA DE MAURICE TOUBAS

VIVA ALGUNS MOMENTOS DE BELEZA COMO NOS LOCAIS MAIS ELEGANTES DE BUDAPESTE, VIENA, PARIS E DA VELHA RÚSSIA

CHÁ DAS 17 AS 19 H. E NO JANTAR DAS 21 H. EM DIANTE

ENTRADA LIVRE E SELECCIONADA
GARAGE PRIVATIVA

ACEITAM-SE MARCAÇÕES DE MESA PELO
TELEF. 714021 AV. ROMA, 48-B

Escolha
o ambiente em que quer viver...

... ou trabalhar. A Sopal e o Banco Totta & Açores criaram, pela primeira vez em Portugal, o sistema moderno e prático que torna possível a decoração e o equipamento da sua casa ou do seu escritório.
O pagamento dos seus serviços é feito através de fracções mensais, sem qualquer agravamento de preços.
A Sopal resolve o problema da decoração consigo.
O Banco Totta & Açores resolve para que o pagamento não seja problema.

UTILIZE O NOSSO «PLANO DE VENDAS A PRESTAÇÕES» EM COLABORAÇÃO COM O BANCO TOTTA & AÇORES

S
SOPAL DECORA/REVESTE/EQUIPA
Rua Ivens, 58-64 • Tel. 37 01 66/7/8/9
LISBOA

À SOPAL
Rua Ivens, 58-64
Queiram enviar-me o vosso folheto explicativo sobre Decoração, Revestimentos e Equipamento.
Nome .....
Morada .....

SEM ÁGUA
EXCEPTO DE MADRUGADA

(Continuação da 1.ª página)

torneiras, contadores, instalação, etc., mas o «precioso líquido» só por lá aparece quando calha (habitualmente ás primeiras horas da madrugada).

«Quando quero tomar banho, ponho o despertador para as três horas da manhã. Então levanto-me, estou um tempo infinito á espera de juntar água suficiente, tomo banho e volto para a cama» — disse-nos o sr. Fernando Horta Guimarães, que mora no Caminho do Marquês, 14, 2.º, esq. A esposa, por sua vez, informou-nos: *«Olhe, desde as sete da manhã de ontem que as torneiras estão secas. E' uma coisa tremenda».*

Os prédios, ali, são todos de dois, três andares. Construções que têm, no máximo, vinte anos. Nessa altura (da construção), a água não era problema. O sr. Fernando Horta Guimarães, por exemplo, que reside ali há dezoito anos, só *«há pouco mais de dois anos»* é que começou a lutar com este problema. A que se deve isto, então? Um morador informou-nos:

— *Olhe, o colector para as fábricas (há umas quatro ou cinco) é o mesmo que para as residências. As fábricas estão em franca expansão. Gastam, como é natural, cada vez mais água. Daí...*

A sr.ª D. Maria da Glória Monteiro estava á janela do rés-do-chão, onde reside. *«Tem água?»* — perguntámos.

— *De vez em quando vem um bocadinho, aí sobre a madrugada. Nos outros anos a falta era só no Verão. Agora é isto.*

Num prédio ao lado, onde vive um vereador da Camara Municipal, um homem trabalhava com argamassa. Era o sr. Américo Marujo Carlica, de profissão varredor. *«Onde foi buscar a água?»* — quisemos saber:

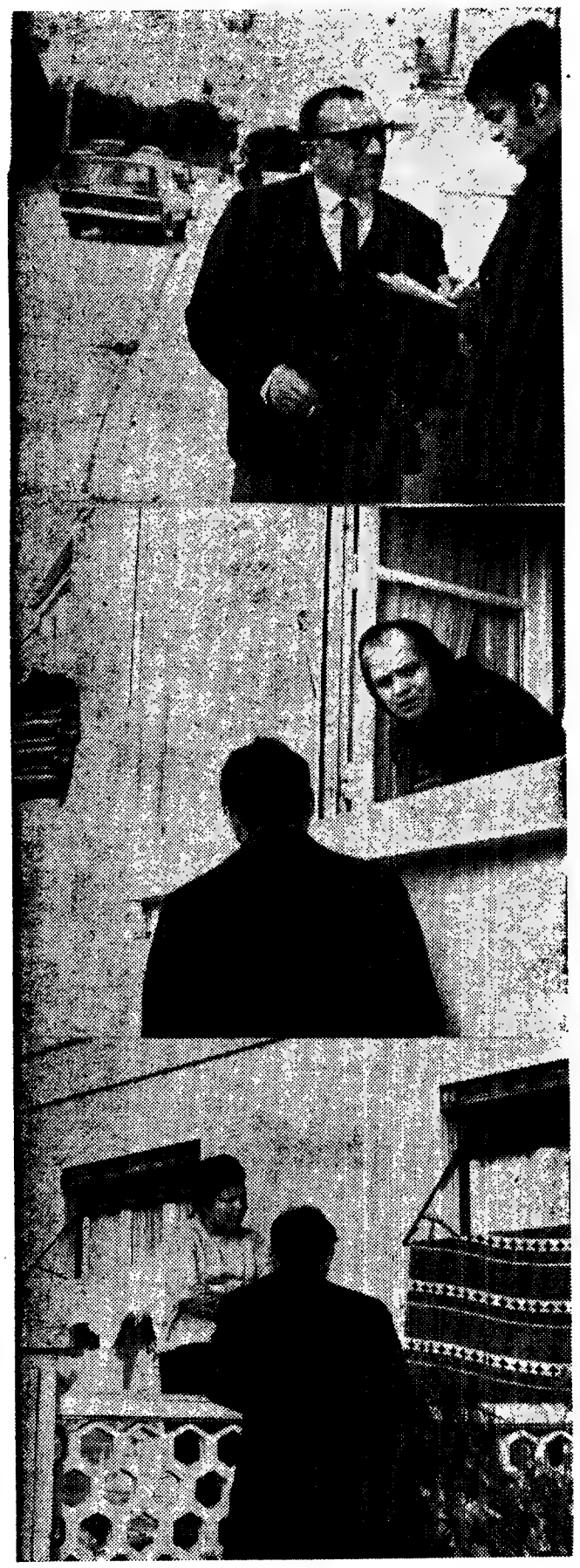
— *Ao ribeiro que corre ali em baixo. Água da torneira não há: só ás vezes corre um fiozinho na da garagem, que é a parte mais baixa do prédio.*

Ao lado, havia uns bidões: o sr. Carlica tinha ido (com que sacrifício!) enchê-los ao ribeiro.

«Lavamos a roupa de noite»

Havia roupa a secar, suspensa de janelas. Como a la-

Continua na 14.ª página)



«É uma coisa tremenda» — opinião unânime dos moradores no Caminho do Marques, na Póvoa de Santa Iria

Os empregados de balcão acorreram em grande número á assembleia sindical. As escadas e galerias ficaram superlotadas

Por falta de espaço (dezenas de ficaram n
foi adiada a assemble
dos empregados de bal

Em convocatória, assinada pelo presidente da secção profissional de Balcão, sr. Paulino Dias Carneiro, que, aliás, não compareceu á reunião, efectuou-se, ontem, a assembleia geral ordinária do Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa.

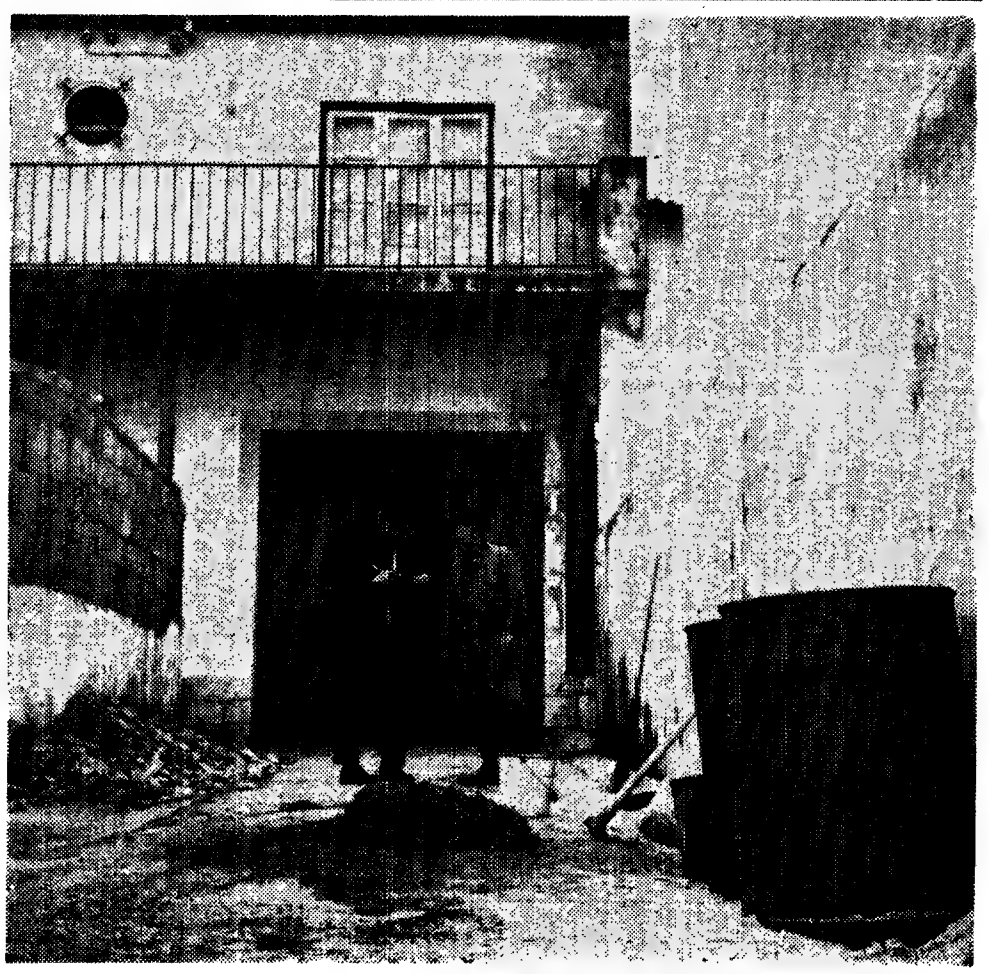
A ordem dos trabalhos era a seguinte: eleição da direcção e representantes da Secção Balcão, á assembleia geral do Sindicato. E, acompanhando a convocatória, uma nota subscrita pelo presidente da Secção afirmava:

«Considerando a importância para o desenvolvimento da classe de que esta reunião se reveste, necessário se torna a conjugação de todos os esforços no sentido de se obter a totalidade de representantes, o que permitirá uma ampla presença nas assembleias gerais, mais consentânea com a validade desta Secção Profissional na discussão dos assuntos de interesse vital para todos os profissionais representados. Assim, solicitamos a presença dos sócios, tão significativa quanto valiosa na estruturação que se pretende tornar válida na orientação dos destinos do Sindicato, imprimindo nova feição que permita, pela unidade de todos, uma defesa mais adequada dos problemas afectos a esta Secção Profissional.»

Na verdade, *ainda que por razões que se prendem com o facto da maior parte dos sócios pretender apresentar uma lista de candidatura que venha a opor-se á proposta pela direcção*, o número de participantes (cerca de dois mil, num total de 6000 caixeiros de balcão, só na área de Lisboa) encheu, por completo, a sede do Sindicato, na Avenida da República, 29, ocupando a sala de sessões, as escadas e galerias dos andares superiores e deixando, ainda, grande parte dos sócios nos passeios e arruamentos circundantes, impossibilitados, pela exiguidade das instalações, de poderem tomar parte directa nos trabalhos e na própria assembleia.

Por esta razão, a mesa da assembleia deliberou adiar a reunião para local e data a fixar posteriormente.

Apesar deste adiamento, ainda se estabeleceu diálogo entre a mesa e alguns dos participantes, ficando estabelecido que a direcção, após a quadra carnavalesca, irá tentar a cedência do Pavilhão dos Desportos, em data pelo menos anterior a 26 deste mês, a



Para as obras na Póvoa de Santa Iria a água vai buscar-se, em bidões, a um ribeiro

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

RELÓGIOS
De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

cial
CENTRO DE LINGUAS

PEDRO BORDALO PINHEIRO

Passa amanhã o 28.º aniversário da morte de Pedro Bordalo Pinheiro, um dos principais obreiros do «Diário de Lisboa», cuja memória continua bem viva nesta casa. Como nos anos anteriores, serão celebradas, ás 12 e 30, na basílica dos Mártires, duas missas de sufrágio, mandadas dizer, uma pela família do nosso saudoso e querido amigo, e outra pelo conselho de administração da Renascença Gráfica.

Pasta Me

A SITUAÇÃO DOS DOENTES MENTAIS IRRESPONSÁVEIS

— OBJECTO DA INTERVENÇÃO DE UM DEPUTADO

O internamento a tempo dos delinquentes considerados irresponsáveis, mas perigosos, é pedido pelo deputado Correia das Neves, um dos nove inscritos para usar da palavra durante os trabalhos desta tarde na Assembleia Nacional.

Na sua intervenção, prevista para o período antes da ordem do dia, o deputado Correia das Neves (círculo de Beja) chama a atenção do Governo para os inconvenientes de se manterem aqueles doentes mentais em prisões inadequadas, como acontece em certos casos, por vezes durante meses e, até, anos.

O dr. Correia das Neves, que começa o seu discurso com um breve elogio da obra do prof. Antunes Varela como ministro da Justiça refere-se á reforma prisional de 1966 e pede a atenção dos Ministérios da Saúde e da Justiça para a situação em que se encontram alguns doentes mentais que os tribunais consideraram irresponsáveis e perigosos mas continuam sem ter lugar em manicómios criminais adequados

De especial interesse parecem revestir-se as intervenções, também previstas para hoje, dos deputados Malafaia Novais (Viseu) e Camilo de Mendonça (Bragança), que se inscreveram para falar sobre, respectivamente «Emigração» e «Madeiras»

Estão também inscritos os deputados Ramiro de Queirós (Porto) e Malato Beliz (Portalegre), que ontem não tiveram ocasião de falar, como estava previsto, o primeiro sobre «Três problemas do ensino primário» e «Planeamento agrícola regional»

Para breves intervenções inscreveram-se, também, para usar da palavra, esta tarde, os deputados Alberto Alarcão e Silva (Lisboa), Francisco Brás Gomes (Índia) e Manuel Veloso e João Lopes da Cruz (ambos pelo círculo de Moçambique)

O deputado Alarcão e Silva fala do problema dos químico-analistas de 1.ª classe dos organismos de coordenação económica, cuja categoria não está ainda definida na escala dos vencimentos do funcionalismo, receando-se que venha a ser confundida com a dos analistas de 2.ª classe

Por seu turno, o dr. Brás Gomes, numa curta intervenção de dez minutos, evoca o antigo deputado regenerador Francisco Luís Gomes, médico, político, cientista economista, romancista, historiador jornalista e naturalista, cujo centenário da morte ocorreu o ano passado, e será comemorado no próximo dia 12, na Sociedade de Geografia.

Quanto ao deputado Manuel Veloso, refere-se, na generalidade, a problemas rodoviários de Moçambique, pedindo para eles a atenção do Governo

Em três linhas

Foi [illegible] abater ao efectivo da Armada os navios-patrulha «Príncipe» e «Madeira».

///

Foi reconduzido no cargo de presidente da Câmara Municipal de Penacova o sr. Júlio Nogueira Seco.

///

Os drs. Domingos Correia Gonçalves de Sá e Luís António Ferreira Ramos foram nomeados administradores dos bairros, respectivamente de Gondomar e Ermesinde.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *Na sessão de ontem da Assembleia Nacional estava inscrito para falar no período antes da ordem do dia o deputado e antigo ministro da Economia prof. dr. Teixeira Pinto. O assunto versava sobre «o papel da União Nacional, na actual conjuntura política». Aquele parlamentar, como a sua intervenção não fosse considerada oportuna, desistiu da palavra.*

★ Aberta a sessão, com a presença de 109 deputados, a Camara foi convidada a votar por escrutínio secreto se sim ou não suspendia das suas funções o deputado Costa Oliveira, para efeitos de responder num processo-crime (acidente de viação) no tribunal de Viana do Castelo. Por 106 votos contra 3, a Assembleia decidiu não aprovar a suspensão daquele deputado.

★ *Depois de destacar a importancia das medidas agora anunciadas pelo Governo para o vale do Mondego, na defesa contra as cheias, o deputado Coelho Jordão acentuou a necessidade de uma boa infra-estrutura rodoviária, em que se destaca a estrada Coimbra-Figueira; a urgência de uma nova ponte sobre o braço norte do rio Mondego; a necessidade imperiosa da reconstrução da estrada da Beira, desde Coimbra á Figueira; e a grande importancia que teria um canal navegável até Coimbra.*

★ O m[illegible] deputado referiu-se, ainda, ao porto da Figueira da Foz, afirmando a certa altura: «Não se encontra justificação, por outro lado, que se tenha concluído a primeira fase vai para 3 anos, onde se investiram já quase 100 000 contos e não se dê execução aos planos estabelecidos na parte interior do porto, cujo investimento previsto se julga inferior áquela verba, para assim se obter toda a rentabilidade da obra e do dinheiro já investido.»

★ *Muitos parlamentares, no intróito dos seus discursos, continuam a saudar a Imprensa, gentileza que nem sempre é mero formalismo. É o caso, por exemplo, do deputado Conceição Pereira: «Aos srs. representantes da Imprensa, apresento igualmente as minhas saudações, fazendo votos para que a tão ansiada lei, que torne a Imprensa livre mas responsável, seja uma realidade durante a presente legislatura».*

★ Ao entrar-se na ordem do dia — a discussão na generalidade da proposta de lei de alteração da Lei do Serviço Militar — foi dada a palavra ao deputado Linhares Furtado. As considerações que fez, com algumas reservas em relação á forma como se pretende fazer a mobilização dos médicos para o Ultramar, o orador foi frequentemente interrompido (principalmente pelos deputados almirante Reboredo, Ricardo Horta e Giesteira de Almeida). Interrupções que foram mais explicações dos objectivos do diploma em causa, do que discordancias.

★ *A terminar, disse o deputado Linhares Furtado: «As recomendações da Câmara Corporativa, as emendas da Comissão de Defesa da Assembleia Nacional, e os acautelamentos dos ilustres oradores que me antecederam terão sempre razão de ser e incluem medidas que merecem todo o apoio, independentemente da própria proposta de lei, porque têm cabimento mesmo na situação actual. Mas, concluindo, não me parece lógico que qualquer disposição legal do teor da proposta de lei deva ser adoptada, antes das condições prévias de reorganização e aproveitamento do potencial médico abaixo dos 40 anos, estarem concretizados. Saliento finalmente as seguintes medidas:* a) — *Máximo aproveitamento dos oficiais médicos do quadro permanente;* b) — *abolição das inspecções para pessoal exercendo clínica activa na Metrópole e destinado a estabelecimentos hospitalares fixos;* c) — *inclusão nas escalas dos médicos que exercem especialidades nas condições que referi acima,* e d) — *recurso ao contrato de especialistas locais como meio de reduzir eficientemente os lugares a preencher»*

★ O deputado Teixeira Canedo, ainda sobre a ordem do dia, anunciou que iria propor dois aditamentos, tendentes a acautelar os justos interesses dos médicos e outros técnicos convocados ou voluntários.

★ *Ao entrar-se na discussão na especialidade da Lei Militar, foi decidido dar prioridade ao texto sugerido pela Câmara Corporativa, com as alterações e aditamentos da comissão de Defesa e do deputado Teixeira Canedo. A discussão prossegue hoje.*

[illegible] de participantes [illegible]m nos passeios [illegible]

[illegible]leia [illegible]alcão

mês, altura em que, para efeito de eleições, se reune a assembleia geral do Sindicato, tendo, pois, que estar, nessa data resolvida a escolha da secção de Balcão (assim como das outras duas secções: Armazém e Praça e Viajantes).

Um outro problema que se pretendeu debater (sem resultado, dado o adiamento da sessão) foi o da não existência de propostas (boletins de inscrição) para a admissão de sócios-efectivos — o que coloca certos profissionais na posição de não-votantes.

O caso será, presumìvelmente, discutido na assembleia que se pretende marcar no Pavilhão dos Desportos

Série de palestras no Museu de Arte Antiga

Prossegue amanhã, no Museu de Arte Antiga, ás 18 e 30, a série de palestras intitulada «Rumos da Arquitectura Portuguesa», especialmente orientada para a juventude, pelo dr. Jorge Henriques Pais da Silva, professor de História de Arte na Faculdade de Letras de Lisboa.

A palestra de amanhã versa o tema: «Os programas construtivos do gótico e o início da expansão ultramarina.»

4-uo 11

EXPO'70
OSAKA
JAPÃO
PROGRESSO E HARMONIA PARA A HUMANIDADE

O ACONTECIMENTO DO ANO
VIAGENS ESPECIAIS
com partidas todos os meses de Março a Setembro *
* excepto Julho

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A:
SAS
Rua Joaquim António de Aguiar 41 - LISBOA - Telef 4 93 74

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

TRADICIONAL CRUZEIRO ABREU desde 1840 à RUSSIA
a bordo do modernissimo paquete «Ivan Franko» de 20 000 tons, na companhia de competentes Delegados ABREU De 18/4 a 11/5

NICE-MARSELHA-ATENAS-CORINTO-DELFOS-ISMIR-ISTAMBUL-ODESSA-LENINGRADO-MOSCOVO-IALTA-PALERMO e AGRIGENTO
Preços desde 14.900$00 • Peça programa detalhado
Escolha dos camarotes no acto da inscrição
LISBOA-Avenida da Liberdade, 160 • PORTO-Avenida dos Aliados, 207 • COIMBRA-Rua da Sofia, 2
Mais um cruzeiro - sucesso ABREU

SÃO SÓ 15 DIAS!!
CALÇADO PARA HOMEM SENHORA E CRIANÇA
DESDE 30$00
RESTOS DE COLECÇÕES
SAPATARIA LISBONENSE
R. AUGUSTA, 202 ● R. DA ASSUNÇÃO, 57

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA
A
Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1875
EM QUASE CEM ANOS DE EXISTENCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO
RUA D. DUARTE, 43
(Edifício do Hotel Mundial)

Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

Alargamento do regime de crédito a médio prazo e do crédito à exportação

— anunciou o ministro das Finanças na posse do administrador-geral da C. G. D. C. P.

No salão nobre do Ministério das Finanças efectuou-se, hoje, ao fim da manhã, no decorrer de uma cerimónia que foi muito concorrida, a posse do dr. Mota Veiga no cargo de administrador-geral da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

O dr. Motta Veiga no momento em que assinava o auto de posse

Presidiu ao acto o sr. dr. João Dias Rosa, ministro das Finanças e da Economia. Presentes ao acto, entre outras individualidades, os secretários de Estado do Tesouro e do Orçamento, da Agricultura e do Comércio, o subsecretário do Planeamento Económico e o sr. dr. Ulisses Cortês, que, recentemente, pediu a aposentação do cargo em que foi empossado o dr. Mota Veiga.

Lido e assinado o auto de posse, usou da palavra o ministro Dias Rosa, que, depois de agradecer a colaboração do sr. dr. Ulisses Cortês e salientar as qualidades do novo administrador-geral, disse da necessidade de um maior desenvolvimento e expansão da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência que passou a ser empresa publica, e anunciou o alargamento do regime do crédito a médio prazo e do crédito à exportação que passa de 5 para 7 anos.

Foi igualmente anunciado que vai ser apresentada à Assembleia Nacional uma proposta de lei sobre o regime jurídico das sociedades de seguros, com vista a um reforço da sua actuação.

Por ultimo o ministro das Finanças anunciou também para breve a reforma dos estatutos organicos do Banco de Portugal, reforma essa inerente ao alargamento do regime de créditos a médio e curto prazo.

No final para agradecer, usou da palavra o dr. Mota Veiga.

«OS GRÃOS DE AREIA TÊM DE SER ELIMINADOS»

— afirmou o chefe do distrito na posse da nova presidência do Município de Cascais

«Torna-se absolutamente necessário que, dentro desta autarquia, cada um saiba ocupar o seu posto, para que não haja atropelos hierárquicos, nem inversão de posições» — disse o governador civil de Lisboa, ao empossar, esta manhã, os novos presidente e vice-presidente do Município de Cascais, respectivamente srs. António Mariano de Carvalho e eng.º Tomás Arez da Costa França.

A cerimónia decorreu nos Paços do Concelho daquela vila, estando presentes, além do dr. Afonso Marchueta, o secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista, o presidente da Junta Central da Legião Portuguesa, almirante Henrique Tenreiro, o director-geral do Turismo, eng.º Álvaro Roquete, o presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, Serra e Moura, e os presidente e vice-presidente cessantes do Município, respectivamente, eng.º Azevedo Coutinho e D. António Castelo Branco.

Falando em primeiro lugar, o chefe do distrito afirmou:

— *Este concelho, pela sua beleza privilegiada, pela excelência das suas gentes, pela atracção que exerce sobre nacionais e estrangeiros, bem merece que tudo se faça por ele, que todos trabalhemos para o elevar á altura dos seus pergaminhos. Cascais, uma das mais antigas vilas do País — é-o desde o século XIV, por determinação de el-rei D. Pedro I — é uma terra de que os portugueses se orgulham, não só pela surpreendente paisagem, como por suas tradições históricas.*

Depois de salientar que «o turismo deve constituir uma das maiores preocupações dos responsáveis», o dr Afonso Marchueta disse:

— *Seguindo Marcello Caetano não corremos o risco de errar; e, se trabalharmos com entusiasmo e consciência, poderemos corresponder ao que o sr. Presidente do Conselho de cada um de nós espera. Temos de ser bons colaboradores; temos de — apesar de «desejosos de paz» — saber falar a tal «linguagem de guerra» de que nos falou Marcello Caetano. Esta guerra, a que se referiu o sr. Presidente do Conselho, é uma guerra diferente, por util e necessária: é a guerra contra a inflação; a guerra contra o imobilismo, o «deixa andar»; a guerra em prol da educação; a guerra pela promoção social das gentes portuguesas; a guerra contra a ignorancia; a guerra pela obtenção de um lar para cada português.*

E, mais adiante:

— *Os grãos de areia — já tive ocasião de o salientar — têm de ser eliminados para que a máquina administrativa funcione nas mais perfeitas condições. As Câmaras Municipais são autarquias da maior importânca na vida da Nação. É delas que, em grande parte, depende o progresso do País e o bem-estar das populações. Nestas «células primárias da nacionalidade», assentam, desde tempos imemoriais, a estabilidade governativa e o bom entendimento entre governantes e governados.*

O discurso do novo presidente

Em seu nome e no do vice-presidente, falou, por fim, o sr. António Mariano de Carvalho, que começou por agradecer a presença das «ilustres e numerosas individualidades» que enchiam o salão nobre dos Paços do Concelho. Prosseguiu afirmando que «*o êxito da nossa missão depende do apoio que nos for dado*». Disse, mais adiante:

— *As Juntas de Freguesia são os pilares em que tem de assentar a nossa política futura. (...) O lema será: servir bem e depressa.*

Finalmente, e depois de afirmar que conta com a Imprensa, a Rádio e a TV («*quando animadas de real espírito construtivo*»), disse:

— *Estão redondamente enganados os que alimentam a esperança de que vão ter um grande presidente.*

E lembrou a frase de Marcello Caetano, segundo a qual nos temos de habituar, agora, a ser governados por «*homens como os outros*».

A FALTA DE ÁGUA NA PÓVOA DE SANTA IRIA

(Continuação da pág. central)

vam as donas de casa? Acercámo-nos de um grupo onde o tema da conversa era, como não podia deixar de ser, a falta de água:

— *Lavamos de noite* — disse-nos a sr.ª D. Ema Lopes, moradora no Caminho do Marquês, n.º 6. E acrescentou: *há aí prédios onde ainda não foram estreadas as torneiras.*

Há um prédio de rés-do-chão e três andares, propriedade da Caixa de Previdência da Soda Póvoa, onde foi instalada uma bomba elevatória. A sua manutenção, no entanto, sai bastante cara — e não é solução que se possa encarar para todas as moradias.

Como resolver o problema? O sr. Fernando Horta Guimarães diz-nos:

— *Só construindo um depósito num ponto elevado. Os depósitos existentes, que são muito bonitos, sim senhor, destinam-se apenas a decantação e não têm altura suficiente. Está a ver: é uma tristeza. Nós compramos máquinas de lavar e, afinal não podemos servir-nos delas como deve ser. Um problema.*

Deixámos a Póvoa de Santa Iria. Cerca de seis mil pessoas ficavam entregues ao seu drama, ao seu tema de conversa de todas as horas: a falta de água.

CADETES da Reserva Marítima

No Grupo N.º 2 de Escolas da Armada, no Alfeite, efectua-se amanhã, ás 10 horas, a cerimónia do juramento de bandeira dos cursos de formação de oficiais da reserva marítima.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4%	518$	—	518$
Consolidado 3%	—	—	523$
Consolidado 3 1/2%	—	—	620$
Centenários 4%	1.480$	480$	—
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 3 Série	—	—	—
Externo 3 Série C	—	—	830$
Externo 3 Série	—	720$	800$
Externo 3 Série C	—	800$	820$
Cautelas 3 Série	—	195$	200$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 3%	—	470$	—
A P I 5% 56	920$	915$	—
A P I 5% 58	920$	—	—
C P 4 1/2% 65	910$	905$	—
C P 5 1/2% 67	1.010$	1.010$	—
C U P 6%	1.000$	1.000$	1.001$
C U P 6% 68	—	—	1.000$
Gas Elect 4% 48	—	—	800$
Gas Elect 4 1/2% 51	—	830$	900$
Gas Elect 5% 52	—	890$	—
Gas Elect 5% 58	—	890$	—
Gas Elect 5% 59	—	890$	—
Gas Elect 5% 62	—	930$	—
Gas Elect 5% 63	925$	925$	930$
Gas Elect 5% 65	—	900$	—
Gas Elect 5% 67	—	1.010$	—
H E A Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	—	—	—
H E Cávado 6%	1.000$	997$	1.000$
H E Douro 5%	815$	815$	—
H E Douro 6%	1.000$	998$	1.000$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	1.001$	1.000$	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	820$	—	830$
Lisnave 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	1.005$	1.006$	—
Moçambique 5%	—	780$	—
Nac Electr 5%	—	—	850$
Nitratos 5%	—	—	830$
Nitratos 5% 60	—	795$	800$
Petroquímico 5%	—	860$	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	920$	940$
Sacor 5% 60	—	900$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	800$	825$
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port. 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	85$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	82$	82$	83$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—
A C Ç Õ E S			
Bancos			
Agricultura	2.380$	2.380$	2.390$
Alentejo	1.165$	1.165$	1.170$
Angola	4.010$	4.010$	4.020$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	—	5.500$	5.550$
E Santo	25.000$	24.500$	25.500$
E Santo n.	—	—	25.000$
Fonsecas S. p.	21.000$	20.000$	—
Fomento Nacional	2.600$	2.550$	2.580$
L & Açores p.	—	7.150$	7.500$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	6.300$	6.250$	6.300$
Portugal n.	3.300$	3.280$	3.320$
Portugal p.	—	4.300$	4.350$
Totta Aliança	6.750$	6.750$	6.800$
Ultramarino n.	3.700$	3.700$	—
Ultramarino p.	3.990$	3.990$	3.993$
Seguros			
Alentejo	143$	143$	—
Douro	—	—	3.000$
Mundial	885$	880$	885$
Sagres	—	1.100$	2.400$
Tranquilidade	—	60.000$	65.000$
Ultramarino	—	18.000$	30.000$
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	850$	840$	860$
Ag Cassequel	810$	965$	815$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buzi	88$5	88$	89$
Cabinda	237$	235$	238$

Diamantes	Efec	Compra	Vendo
Diamantes Angola	2.810$	2.805$	2.815$
H E Revué	—	—	670$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	193$	192$	195$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	500$	495$	500$
Zambézia	90$	89$5	90$
Angolano	—	—	—
Diversos			
Cidla	7.700$	7.700$	—
Cim Leiria	6.000$	—	6.100$
Cim Tejo	—	—	—
Co Navegação	1.650$	1.640$	1.660$
C U P	1.630$	1.610$	1.650$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	2.160$	2.150$	2.180$
Port e Colónias	1.500$	490$	—
Port Celulose	—	4.650$	5.000$
Port Pesca	—	—	1.150$
Port Tabacos	800$	795$	800$
Sacor	4.770$	4.750$	—
Siderurgia Nac	2.230$	2.220$	2.250$
Socel	—	—	3.800$
Tabacos de Portugal	—	1.960$	—
Tabaqueira	—	8.100$	—
U E Azote	—	—	930$
Água Elect e Gás			
Águas Lisboa p	—	435$	—
Águas Lisboa 34	—	—	460$
Águas Lisboa 36	—	390$	—
Eléct Beiras	—	1.700$	—
Gás Electr	466$	—	466$
H E Alto Alentejo	170$	170$	170$5
H E Cávado	1.324$	1.320$	1.324$
H E Douro	1.325$	1.325$	1.330$
H E Norte Portugal	—	920$	—
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.325$	1.325$	1.320$
Nac Electricidade	1.325$	1.325$	—
Termoeléctr Port	1.325$	1.325$	—
U E P	204$	202$	205$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	218$	224$5
F I D E	—	181$	184$9

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	29/1/70	4/2/70	5/2/70
GERAL	161,4	166,2	166,1
METROPOL.	149,7	156,3	156,4
ULTRAM.	247,1	238,9	237,6

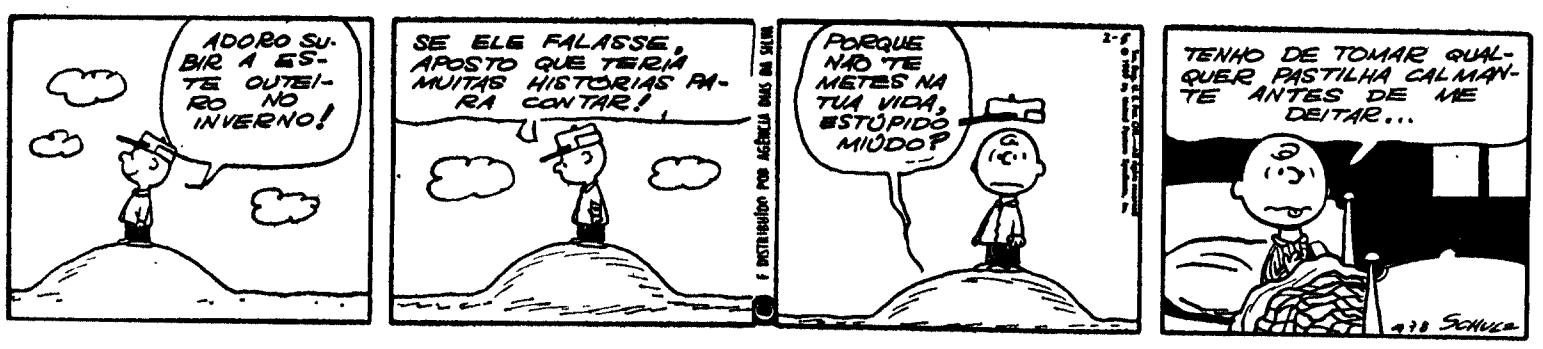
PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 a 2...	28$10	28$60
— Dollars de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$55	7$85
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Argentina — Peso	$05	$08
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,2	$40,7
Holanda — Florim	7$65	7$95
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Libra	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$75	5$15
Suíço — Franco	6$55	6$75
Marrocos — Dirham	4$80	5$80
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	295$00	315$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	33$70	35$70

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

Esteve em Évora o ministro da Defesa

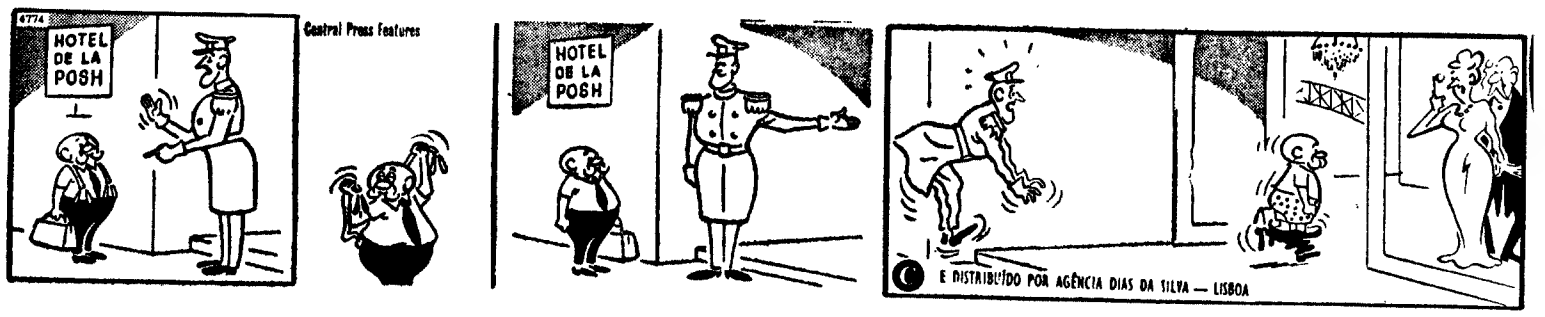
ÉVORA, 5 — O ministro da Defesa Nacional e do Exército, sr. general Sá Viana Rebelo, acompanhado do secretário de Estado, sr. general José Oliveira Vitoriano, prosseguiu hoje nas suas visitas a unidades e estabelecimentos militares, tendo-se deslocado a esta cidade, onde chegou pouco depois das 11 horas, em visita ao quartel-general da 3.ª Região Militar.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 5 de Fevereiro de 1940 publicava:

«Que o mistério animal, o segredo da vida interior dos animais ou, se quiserem, da alma dos animais, hoje desperte e preocupe a atenção dos sábios e dos pensadores — não ha, no caso, menor motivo de estranheza. Nunca foi tão aguda e insistente, como é agora, a necessidade de fixar e definir os limites, as fronteiras que separam o homem do animal.

«A consciência dessas fronteiras, dessas intransponíveis fronteiras, será sempre, para o homem, o viático, o estímulo indispensável a sua ascensão espiritual e intelectual, quero dizer, à criação de autênticos valores e de perduráveis ambientes de civilização e cultura.» (João de Barros).

TRIBUNAL CIVEL DA COMARCA DE LISBOA

2.ª VARA

ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção da 2.ª Vara Cível de Lisboa e nos autos de execução hipotecária que Genoveva Laureano Matias, viúva, residente na Rua do Forno do Tijolo, n.º 25 2.º andar esquerdo, em Lisboa, e outros, movem contra Jorge Rodrigues Alvarez e mulher Irene da Costa Mendes Alvarez, ele dispenseiro da Marinha Mercante e ela doméstica, residentes na Vivenda «Maria do Carmo», no lugar da Charneca da Caparica freguesia de Caparica, concelho e comarca de Almada, correm éditos de 20 DIAS, a contar da 2.ª e ultima publicação deste anuncio, citando os credores desconhecidos daqueles executados para, no prazo de 10 DIAS, findo que seja o dos éditos, virem á execução deduzir, querendo, os seus direitos, desde que tenham garantia real sobre o prédio penhorado, nos termos do preceituado no art.º 864.º do Código de Processo Civil.

LISBOA, 30 de Janeiro de 1970.

VERIFIQUEI: —
O JUIZ CORREGEDOR AUXILIAR,
(a) **Carlos Henriques**
O ESCRIVÃO DE DIREITO,
(a) **José Maria Vaz**

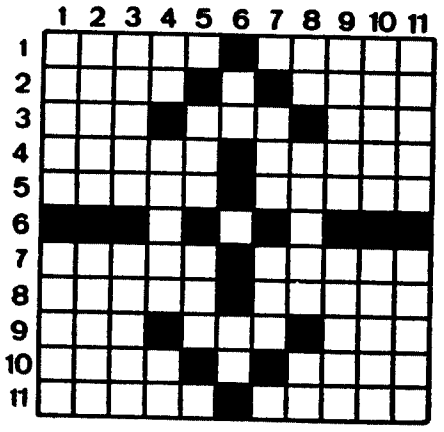
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5438

HORIZONTAIS: 1 — Evidente. Empanelhar. 2 — Freguesia do concelho de Barcelos. Lago de Itália. 3 — Origem. Colorido. Oxido de cálcio. 4 — Cidade da Argentina. Erguida. 5 — Irmão de Moisés. Serra de Portugal. 7 — A morte. Sufoca. 8 — Tratar por tu. Sugar o leite materno. 9 — Preposição. Gavinha. Naquele lugar. 10 — Aldeia da península arábica, na margem ocidental do golfo de Acaba. Líquido composto de oxigénio e hidrogénio. 11 — Guarneço de arames. Levas á sirga.

VERTICAIS: 1 — Sepultura. Porção de metal fundido. 2 — Ligara. Avivar o lume. 3 — Limpar metais. Nome de dança. 4 — Letra grega. Taberna. Amónio (s. q.). 5 — Animal doméstico. Medida de superfície. 6 — O lado do vento. Vê. 7 — Víscera dupla. Gosto muito de. 8 — Antes de Cristo. Entorta as pernas. Átomo. 9 — Confundir. A alma. 10 — Querida. Embarcação de vela semelhante á fragata. 11 — Vagalhão. Contigas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5437

HORIZONTAIS: 1 — Dalas. Falar. 2 — Elam. Lima. 3 — Ulvas. Medas. 4 — Arabeta. 5 — Tiremulora. 6 — DE. Er. 7 — Ugar. Omar. 8 — Airaram. 9 — Narra. Anual. 10 — HORA. 11 — Asara. Maulis.

VERTICAIS: 1—DEUS. Unha. 2—Alli. Teu. Aos. 3 — Lavar. Garra. 4 — Amaré. Airar. 5 — Samarra. 6 — Bu. 7 — MELHORA. 8 — Aleta. Manha. 9 — Lidar. Amuou. 10 — Ama. Aer. Arli. 1 — Raso. Clãs.

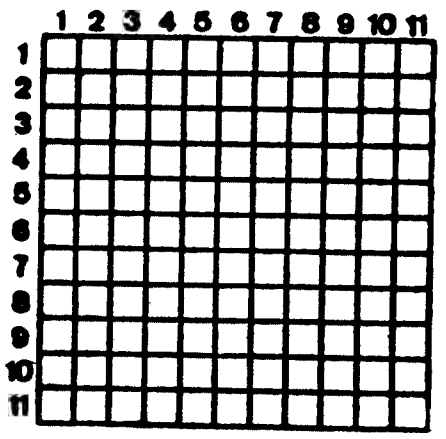
Provérbio: DE HORA A HORA, DEUS MELHORA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9281

HORIZONTAIS: 1 — Nota musical. Cidade da Argentina. Deus dos pastores. 2 — Nome de mulher. Tomba. Cinquenta e quatro em romano. 3 — Sara. Cidade de Itália. 4 — Acautelávamos. 5 — Filleira. Sufixo que designa abundância. Povoação do concelho de Condeixa. 6 — Oferecidas. Atar. 7 — Habilidoso. 8 — Planta espinhosa. 9 — Rente. Senhora. Pronome pessoal. 10 — Prefixo de negação. Empregana. O lado do vento. 11 — Película cinematográfica. Aragens.

VERTICAIS: 1 — Fechada com laore. Sistema montanhoso de Marrocos. 2 — Cada uma das tábuas, geralmente encurvadas, que formam o corpo de uma pipa ou vasilha. Receei. 3 — Série de arcos. 4 — Em partes iguais. Heroína francesa que foi queimada viva. Artigo indefinido. 5 — Antes de Cristo. Torrasse. 6 — Calhaus. Vagueia. 7 — Pronome pessoal. Legalizara. 8 — Bário (s. q.). Engulia. Ouro (s. q.). 9 — Cidade de Portugal. 10 — Embarcação feita de um tronco de árvore escavado. Cidade da Jugoslávia. 11 — Prevenira. Isolados.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9280

HORIZONTAIS: 1 — Aanau. Feiina. 2 — Fiar. Aram. 3 — Ari. Uga. Elo. 4 — Novas. Banal. 5 — Asava. Aveia. 6 — Er. Ri. 7 — Asa. Cãs. 8 — Aaz. Miia. Iró. 9 — Liem. Isar. 10 — Ardor. Pamir. 11 — Soana. Isola.

VERTICAIS: 1 — Afana. Balas. 2 — Airosa. Airó. 3 — Raiva. Azeda. 4 — Ar. Aves. Mar. 5 — Usaram. Rã. 6 — Pg. Im. 7 — Abarca. Pá. 8 — Ea. Avia. Ias. 9 — Irene. Sismo. 10 — Ralais. Rall. 11 — Amola. Conna.

CASACOS DE CABEDAL E CAMURÇA
SALDOS
TEMOS UM GRANDE SORTIDO PARA HOMEM E SENHORA, RESTOS DE PRODUÇÃO DA NOSSA FÁBRICA, QUE SALDAMOS A PREÇOS BASTANTE BAIXOS. ALÉM DE GRANDE QUANTIDADE EM MODERNOS SOBRETUDOS, GABARDINES, ROBES, CAMISAS, CASACOES, MALHAS, CASACOS, ETC.
ALFAIATARIA VERÍSSIMOS
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-C

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«BEIRA»*	5 de Fevereiro	Luanda, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.
«ANGOLA»*	12 de Fevereiro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.

* Com escala prévia por Leixões

Reserva de Passageiros: Telefs. 34764 - 369172

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85; TEL. 323021;
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

MANTÉM-SE O MISTÉRIO

• Onde está Rex Wood?
• De quem é o cadáver recolhido em Carcavelos?

«Tenho a certeza que não é ele. É outro homem.» — disse o jardineiro da Casa dos Plátanos, do Estoril, onde Rex Wood, o pintor, habitava o pavilhão que a nossa gravura reproduz. Albino Dias dos Santos, o jardineiro, conviveu com Rex Wood durante anos, e tê-lo-ia reconhecido ao olhar para o corpo decomposto que foi recolhido na praia de Carcavelos. No entanto, o jardineiro foi peremptório: «Não é ele!».

Por seu turno, a mulher do jardineiro, Etelvina de Jesus, teve dúvidas ao reconhecer o cadáver. Recusou-se a olhar para a cara e achou as mãos do corpo excessivamente grossas, embora bem tratadas, para serem as do pintor, mesmo dando desconto ao inchaço provocado pela longa permanência na água. «A minha única dúvida é por causa das meias, umas meias cinzentas, de lã. O sr. Wood tinha meias daquelas. Os sapatos também podiam ser os dele. Não quis ver a cara. Faz-me muita impressão».

O cadáver, que ontem foi autopsiado no cemitério da Guia, tem, apesar da decomposição, feições definidas e resto de cabelo. Foi baseado nisto que Manuel Pontes, motorista da sr.ª Rachel Sain, disse á Polícia que o cadáver não era o de Rex Wood.

«O corpo que eles têm é o de um homem mais corpulento do que o sr. Wood, mesmo descontando o inchaço e as deformações.» — diz Pontes. «Além disto, apresenta um nariz aquilino, muito afilado, que não está deformado, e que nunca poderia ser o do sr. Wood. Quanto ao cabelo, o sr. Wood tinha-o completamente branco e muito curto. O corpo que está em Cascais tem restos de cabelo castanho e comprido. A água vai estragando os corpos. Mas não lhe faz crescer o cabelo nem o tinge.» — acrescentou.

Por outro lado, amigos do desaparecido estiveram, igualmente, no cemitério da Guia, e foram também formais em dizer que o corpo aparecido não se tratava do do australiano.

A senhora Rachel Sain, proprietária da bela Casa dos Plátanos, mostra-se profundamente impressionada com o desaparecimento do pintor:

«Era uma pessoa tão delicada e um homem tão correcto, que parece impossível que algo de brutal lhe tenha acontecido. Durante os nove anos que habitou o pavilhão do meu parque não se notou nunca nada de estranho na sua vida.» — acrescentou.

Outra empregada de «madame» Sain, Eulália, foi, igualmente, peremptória em dizer que o cadáver que lhe mostraram não se trata do de Rex Wood.

Entretanto, a Polícia — quer a P. S. P. de Cascais, quer a Judiciária, a quem foi deferida competência — proseguem as investigações, que avançam, de momento, de uma forma um tanto nebulosa.

Segundo fontes ligadas ás autoridades judiciais de Cascais, a autópsia ao corpo recolhido em Carcavelos parece indicar que se trata de crime.

«A morte não foi por afogamento.» — disse um dos nosso informadores.

Entretanto, a Polícia Judiciária aguarda os resultados da comparação de impressões digitais e o relatório dos médicos legistas, que procederam, ontem, á autópsia do corpo recolhido em Carcavelos.

Um informador oficial daquela Polícia disse, hoje, que «a Judiciária não tem ainda dados para poder confirmar se o corpo é o de Rex Wood, ou não».

«A hipótese de ser o mesmo é levantada sòmente por o corpo aparecido ter dentes de ouro e meias iguais.» — disse aquele informador. «Mas a Polícia científica tem de fornecer os dados que faltam, e só eles serão válidos para se conhecer a verdade».

Estas meias, e sapatos eram as únicas peças de vestuário que o cadáver recolhido em Carcavelos envergava. Serão do pintor desaparecido?

Esteve alguém em casa do pintor?

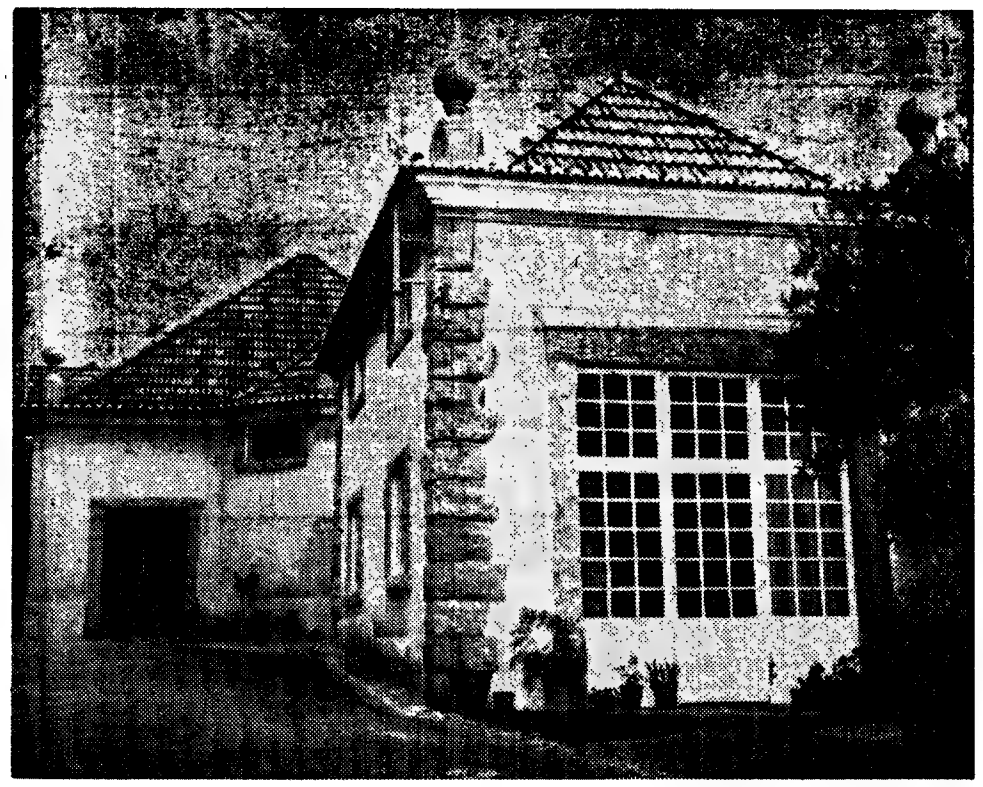
Entretanto, mais um pormenor para o estranho desaparecimento de Wood: a luz e o calorífero estavam acesos no dia 25, quando Etelvina de Jesus ali esteve para proceder á arrumação e á limpeza. Isto não é vulgar, na medida em que o pintor era extremamente cuidadoso com estes aspectos e muito meticuloso e ordenado. O pessoal da casa admite que alguém, que não o pintor, tenha estado na casa na madrugada de 25 ou na noite de 24, o que não seria difícil, uma vez que a porta do pavilhão estava sempre aberta e a distância que o separa do portão do parque é curta e pode ser percorrida sem se ser notado. Etelvina de Jesus afirma, no entanto, que a casa não se apresentava desarrumada, «embora houvesse alguns pormenores que não se coadunam com os tradicionais hábitos de Rex Wood».

Uma fonte ligada á Polícia de Cascais revelou, hoje, que, afinal, parece estar confirmado pelos médicos que procederam á autópsia que o corpo de Carcavelos não é o do pintor australiano desaparecido.

Entretanto, enquanto a Polícia Científica trabalha para fornecer dados concretos sobre a identificação ou não identificação do cadáver recolhido, detectives procedem a investigações em certos meios de Lisboa e da Costa do Sol, no sentido de apurar algo sobre os possíveis últimos movimentos do pintor antes de desaparecer.

Uma fonte da Polícia que procede a investigações confirmou que se receia estar a braços com um caso de homossexualidade.

ALBINO DIAS DOS SANTOS, O JARDINEIRO: «Tenho a certeza que aquele cadáver que recolheram não é o do sr. Rex»



Este é o pavilhão do parque da Casa dos Plátanos onde Rex Wood viveu os últimos nove anos dos quarenta que viveu em Portugal

AS JORNADAS DA UCIDT

(Continuação da 1.ª página)

face dos aspectos gerais do problema:

— Necessidade de estudos de base dos vários mercados e da evolução tecnológica nos sectores de actividade, de colaboração entre a Administração Pública e as empresas, de forma a enquadrar-se a criação e a expansão destas dentro das políticas e planos de desenvolvimento económico;

— A conveniência em o Estado favorecer a difusão dos empreendimentos privados, reservando-se a possibilidade de actuar supletivamente, quando a actividade privada não realize as iniciativas consideradas indispensáveis;

— A definição por parte do Estado das condições a respeitar na criação de novas industrias ou desenvolvimento das existentes, com base na viabilidade económica (dimensão, qualidade do produto, tecnologia empregada, estrutura financeira, enquadramento num mercado mais aberto) e no interesse social (integração numa política de desenvolvimento social a que cada empresa se terá de subordinar), preconizando-se, assim, a substituição de um condicionamento industrial por um condicionamento económico e social.

As sugestões do relatório da UCIDT acentuam ainda a urgência em eliminar as faltas de coordenação e de coerência por parte da Administração Pública na definição ou na indefinição das orientações; a insuficiência de meios humanos devidamente preparados a todos os níveis públicos e privados; as distorsões de preço nos factores de custo que intervêm na produção de muitas empresas, nomeadamente matérias-primas; a legislação obsoleta, favorecendo em centos casos a baixa produtividade e a má qualidade de determinados produtos; as deficiências no diálogo entre a Administração Pública e as empresas, por um lado, e entre os vários sectores privados entre si.

«Necessidade imperiosa do desenvolvimento»

Face á tendência expansionista da economia mundial e á situação da conjuntura, a UCIDT conclui pela «necessidade imperiosa do desenvolvimento, integração e promoção social, em taxa superior á média dos países da O. C. D. E.; vantagem da concorrência, entendida no sentido da competitividade e da competência, como condição fundamental de uma restruturação da industria face ás exigências do desenvolvimento; utilidade de definir uma política que em cada momento dê aos empresários e ao Estado a medida das possibilidades e das regras que devem verificar-se no desenvolvimento económico; conveniência de uma alteração do esquema legislativo no sentido de incentivar o progresso da industria e passar das medidas simplesmente limitativas para medidas positivas de promoção e desenvolvimento.»

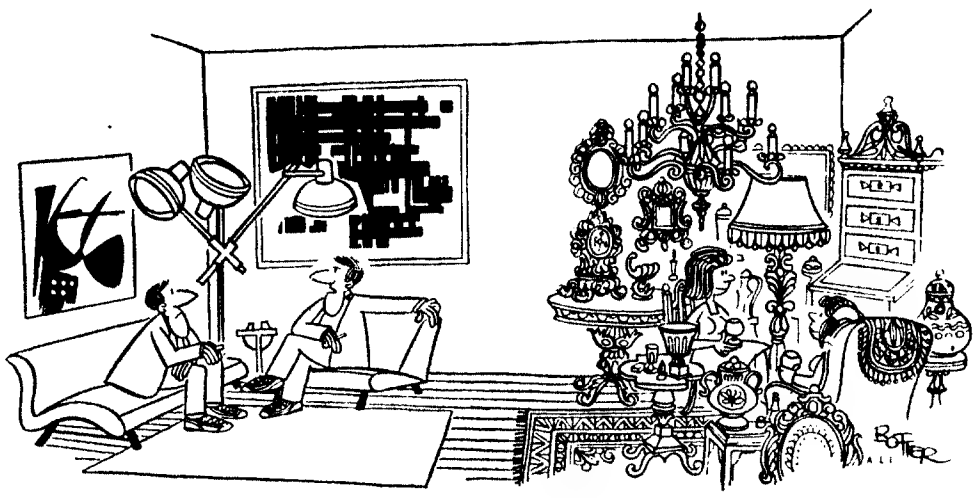
Por ultimo, as assimetrias regionais e as necessidades de investimento inspiraram á UCIDT as seguintes sugestões:

— Utilização do Condicionamento, como instrumento ao serviço de um plano de desenvolvimento económico e social, visando os melhores objectivos da regionalização, equacionada no âmbito de todo o espaço português;

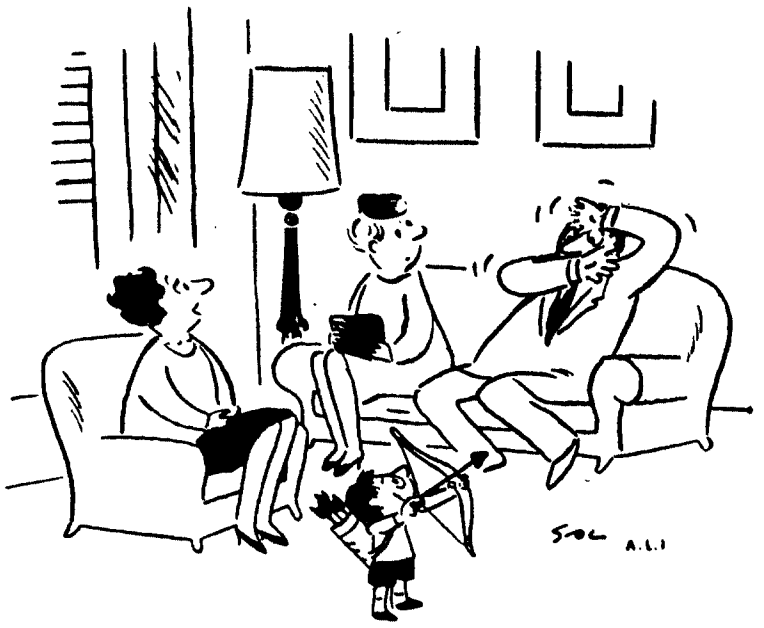
— Fixação de industriais através da criação prévia de infra-estruturas e não vice-versa;

— Actuação adequada da Administração e maior eficiência da Gestão Empresarial em ordem ao aumento da taxa de formação bruta do capital fixo;

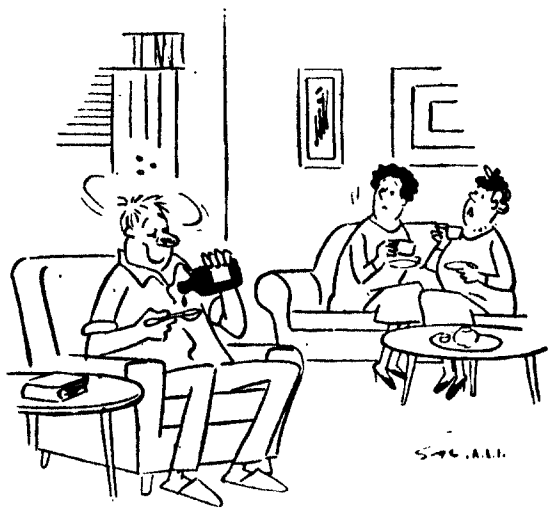
— Fomento de industrias dinâmicas capazes de suprir o esgotamento das possibilidades de desenvolvimento das industrias tradicionais. O de-



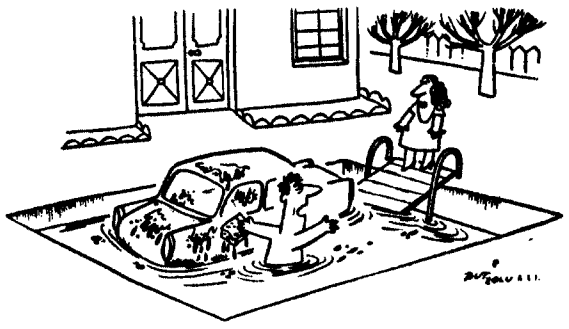
— Minha mulher e eu temos gostos totalmente opostos!



— Não se assuste, senhor Gomes. Essas setas não estão envenenadas ..



— Não achas estranho que o Mário goste tanto de xarope para a tosse? ..



— Ao menos esta piscina serve para alguma coisa...

SÉRIE DE FILMES COMENTADOS SOBRE «MANAGEMENT»

Prosseguiu com a quarta sessão, a apresentação de filmes sobre «Management». Nesta sessão debateu-se o tema «Resultados», comentando o debate o dr. Monteiro Pais.

O «speaker» do filme, prof. James L. Hayes, desenvolvendo o tema «Análise das realizações dos gestores» e analisou como cada «manager» pode avaliar o desempenho da sua função. Como se pode medir da melhor forma um homem em face da sua função? Como pode identificar as áreas de responsabilidade em que precisa de auxílio? Foram questões como estas a que o prof. James Hayes, baseado na sua experiência de muitas empresas, procurou dar resposta salientando métodos de avaliação que auxiliam o desenvolvimento completo da actuação dos gestores.

PARA O CONFORTO E DISTINÇÃO DA SUA CASA

ALCATIFAS INGLESAS

AXMINSTER
WILTON
MARLEYTEX

ALCATIFAS RECOMENDADAS PELO CENTRO INGLÊS DE CARPETES

MAIOR DURAÇÃO • PREÇO ACESSÍVEL
PAGAMENTO ATÉ 12 MESES
ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO

Pessoal especializado em Inglaterra na melhor técnica de colocação e em soldagem de juntas

Consulte a LOAL

Av. António Augusto de Aguiar, 124-A — Telfs 539347-533056

AVISO

E AGORA,

CARNAVAL !

NÃO PERCA A OPORTUNIDADE DE SE DIVERTIR, PODENDO PARTIR

DE SEXTA-FEIRA, 6, ÀS 18.00
ATÉ QUARTA-FEIRA, 11, ÀS 14.00

MORRIS 1000 — 800$00
MORRIS 1300 — 1.000$00
OPEL 1900 — 1.500$00

SEM QUALQUER TAXA DE QUILOMETRAGEM!

TELEFONE-NOS JÁ!!!

AVIS RENT A CAR

C. SANTOS S.A.R.L. AVENIDA PRAIA DA VITÓRIA, 12-C TELEF. 56 11 77 LISBOA
PORTO, TELEF. 37971 / FARO, TELEF. 2 54 38

A inglesinha Gillian Millar, que conquistou em Saragoça o título de «Maja Internacional 1969», com a clássica mantilha e a «peineta» que mais fazem realçar a sua beleza serena

PROCURADOS PELA POLÍCIA

A Polícia Judiciária pediu a todas as autoridades do País a captura de João Baptista Guerreiro, de 22 anos, solteiro, natural de Santiago, Beja, que residiu na Rua Prior do Crato, 45, 2.º em Lisboa, acusado do furto de materiais fotográficos e filmes, livros, perfumes, documentos, objectos de ouro e outros artigos, de origem canadiana, no valor de mais de 50 contos, do interior de um automóvel estacionado, de noite, na Praça da Armada, em Belém.

Aquela polícia pede a comparência de alguém a quem tenham sido vendidos os artigos, sob pena de procedimento criminal. Qualquer informação sobre o paradeiro do acusado deve ser comunicado pelo telefone 533131, á 3.ª brigada da 6.ª secção.

— A mesma Polícia solicitou a captura de José Augusto da Silva, de 21 anos, solteiro, marceneiro, natural de Lisboa e residente no Casal Ventoso de Cima, porta AB, 1, em Lisboa, acusado de furto praticado de dia numa residência da Avenida Infante Santo. Foram-lhe apreendidos um casaco de antílope, de senhora, uma gabardina e uma motorizada, que se julga ser produto de outros furtos.

VIDA POLÍTICA

● Ministro da Justiça

O ministro da Justiça recebeu em audiências separadas, o embaixador da Bélgica, o governador do distrito autónomo do Funchal e o governador civil de Braga, acompanhado do presidente da Camara de Vila Verde.

● Ministro das Corporações e Saúde

O ministro das Corporações e Saúde recebeu o secretário provincial de Terras e Povoamento de Moçambique, o governador civil de Braga e o dr. Dias Ferreira.

● Ministro do Ultramar

O ministro do Ultramar trabalhou com o eng. Arantes e Oliveira, recentemente nomeado governador-geral de Moçambique.

● Secretário de Estado do Trabalho

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência teve reuniões de trabalho com os presidentes das Corporações da Assistência, da Pesca e Conservas e da Imprensa e Artes Gráficas

CRIAR NOVAS TÉCNICAS SERÁ A TAREFA DE AMANHÃ

— afirmação de Philipe Caron num almoço promovido pelo B. P. A.

Promovido pelo Banco Português do Atlântico e pela Camara de Comércio Luso-Francesa, efectuou-se hoje, no Hotel Tivoli, um almoço, terminado o qual o eng.º Philipe Caron, director dos Serviços de Formação da Camara do Comércio e Industria de Paris (e colaborador da Valéry Giscard d'Estaing) proferiu uma conferência sobre «Modernos imperativos na direcção das empresas aos mais elevados escalões». Presentes o embaixador da França, Jacques Tiné, administradores das entidades organizadoras e numerosas individualidades ligadas á finança e á política, especialmente á Embaixada daquele país, á Camara do Comércio Francês, á Associação Industrial, etc.

O eng.º Philipe Caron depois de se ter referido á evolução de gestão de empresas, e do «management», na Europa, falou dos diversos mercados, de publicidade. E disse, em certo passo: «Em resumo, é preciso prever uma época em que as empresas crescem cada vez mais em tamanho e em complexidade. O chefe de empresa não pode continuar a ser o «engenheiro de talento» em que frequentemente se tinha transformado...»

«Sensíveis a esta evolução — continuou — os estabelecimentos de ensino comercial inquiriram-se sobre o tipo de formação a adoptar. Como formar um tipo de indivíduo, cuja primeira função seria administrar a modificação, determinar o desenvolvimento da empresa num âmbito complexo e resistente delegando nos colaboradores o máximo de responsabilidades.»

E o orador acentuou que «tal condicionalismo conduz á problemática dos professores de negócios — uma nova raça — que devendo ser, ao mesmo tempo, pesquisadores, professores e conselheiros de empresas, é ainda com muita dificuldade que se encontram.

Após outras considerações o eng.º Philipe Caron disse que naturalmente, num certo numero de disciplinas, tais como «marketing», análise de sistemas e financiamentos internacionais e interessante beneficiar de técnicas americanas; mas estas técnicas não tiveram ocasião de encontrar no Velho Continente um adequado campo de aplicação.

E a concluir: «Aplicar, pois, estas técnicas tão divulgadas entre os americanos ao nosso próprio círculo é a nossa tarefa de hoje; criar novas técnicas, será a tarefa de amanhã.»

CONFRATERNIZAÇÃO DE ALUNOS DO LICEU DE ÉVORA

Actuais e antigos alunos do Liceu Nacional de Évora vão reunir-se, no próximo dia 22, num encontro de confraternização.

ELEIÇÃO DO «DIÁRIO DE LISBOA» COM O PATROCÍNIO DA IBÉRIA

«MAJA DE PORTUGAL»:

DISTINÇÃO, FOTOGENIA E GRACIOSIDADE

Dentro de poucos dias, começaremos a publicar os cupões que habilitam ao concurso para eleição da «Maja de Portugal», certame que o «Diário de Lisboa» organiza e tem o patrocínio da Ibéria (Lineas Aereas de España). Tal como nos anos anteriores, esta eleição é aberta a uma rapariga portuguesa, solteira, de idade superior a 18 anos, que reuna graça, fotogenia e elegância, que (numa síntese) se aproxime do ideal pintado por Goya nas suas magníficas «Majas».

Um longo (e belo) mundo de sonhos e de prémios de fascinantes honrarias, aguardam uma jovem portuguesa.

Em Portugal, o apuramento de uma embaixatriz da nossa juventude terá de fazer-se no mês de Março. A 15 de Maio, levando na bagagem o trajo regional com que vai desfilar em Saragoça, na noite da eleição da «Maja Internacional», essa jovem plenamente confiante, em plano de absoluta igualdade com as representantes de mais duas dezenas e meia de países, estará na «corrida» para uma meta que confere sedutores e rendosos prémios.

Por essa Europa fora e em quase todos os países das Américas está já em curso a eleição das suas «Majas» representativas, correspondendo-se assim ao desenvolvimento que, de ano para ano, mais credencia esta feliz iniciativa da Associação Goya Internacional.

Dinamarca, Itália, Espanha e Inglaterra já colocaram as suas «Majas» no trono internacional. Será que a quinta edição deste concurso permitirá a uma portuguesa a validação de um sonho extraordinário?

A semelhança das edições anteriores do certame, as «Majas» dos diferentes países vão concentrar-se em Madrid e daí seguirão para Jerez de la Frontera onde se realiza a eleição da «Maja de Espanha». Após um passeio a Sevilha e Cádis, voltam a Madrid de onde viajam para Saragoça, cidade em que se localiza o Palácio de La Lonja, cenário do desfile para o título de «Maja Internacional».

Novos corpos gerentes da Casa do Ribatejo

Em cerimónia marcada para as 21 horas, tomam posse amanhã os novos corpos gerentes da Casa do Ribatejo.

Eleitos recentemente, na assembleia geral mais concorrida dos ultimos quinze anos, os novos corpos gerentes ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral: presidente, Marquês de Rio Maior; vice-presidente, eng.º António Branco Cabral; secretários, Luís Glórias Ferreira e João Gomes Moreira; substitutos, João Augusto Ferreira Mogas e António Aleixo Dias. *Direcção:* presidente, capitão Eduardo da Silva Redondo; vice-presidente, Fernando Ribeiro Gonçalves; secretários, Álvaro de Jesus Dias e Afonso Serrão Gomes; tesoureiro, Benjamim dos Santos Violante; vogais, José Julio Graça e suplentes, Jaime Gens Azevedo, Felisberto Valério, Constantino Nunes Vicente e Octávio de Oliveira Santos. *Conselho Fiscal:* presidente, eng.º Sidónio Nunes Dias; secretário, dr. António Ferreira Lourenço; relator, tenente José Rodrigues Clemente, vogais, António Polainas, João Faustino Rosa Mendes, Pintor Noel Perdigão e Carlos Dias da Silva. *Conselho Regional:* presidente, dr. Francisco Augusto Costa Fróis; vice-presidente, dr. Vidal Baptista; secretários, José Luís Frazão e João Augusto Ferreira Mogas.

Comissões de estudo no Sindicato dos Profissionais de Escritório

Em assembleia geral do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa foram eleitas as seguintes comissões de estudo:

Comissão de Revisão dos Estatutos: Alvaro de Campos Marçal (Direcção), Américo da Silva Ramalho, Fernando da Costa Quintais, D. Idalina Grácio de Andrade, Vítor Manuel Baltazar Rodrigues e dr. António Maria Correia Leite Belmar da Costa (assessor); *Comissão para Aquisição do Imóvel:* José Leonardo de Melo de Queirós da Fonseca (Direcção), António Miguel Soares de Oliveira, António Eliseu Schwab de Macedo, Eurico Cardoso, José Fernando Sousa da Conceição e Carlos Alberto Torrecilhas Marim (assessor); *Comissão de Reestruturação do Roseiral (Infantário e Jardim Infantil):* João António Pacheco Pereira Coutinho (Direcção), D. Isabel Maria Teixeira Vieira, Manuel Bidarra de Almeida, Domingos José Galante, D. Marília Silva Costa e dr.ª Maria do Carmo Ferreira e Silva (assessora); *Comissão de Reestruturação do Centro de Aperfeiçoamento Profissional:* D. Irene de Almeida Carmo (Direcção), Carlos Alberto Moreira de Afonseca, Herminio de Ferreira Nunes, D. Maria Teresa Cardoso, Américo Rodrigues de Figueiredo (aluno) e dr. Virgílio Mendes (assessor).

Colónias de férias da F. N. A. T.

Na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, á Rua do Alecrim, 46-1.º, estão abertas, durante todo este mês, as inscrições para frequência dos pavilhões deste Organismo nas Colónias de Férias da FNAT «Um lugar ao sol» (Costa da Caparica) e «Marechal Carmona» (Foz do Arelho).

FORAM DE 35 195 CONTOS OS LUCROS LÍQUIDOS (EM 1969) DO BANCO TOTTA-ALIANÇA

O Banco Totta-Aliança apresentou o seu ultimo relatório á assembleia geral ordinária que já se efectuou e que foi a ultima do Banco com aquele nome. Desde agora, dada a fusão há meses anunciada e efectivada a partir de 1 de Janeiro ultimo, será o Banco Totta & Açores uma das grandes instituições bancárias portuguesas.

No relatório se diz que «no final do ano os depósitos atingiram quase oito milhões de contos e o crédito concedido ao longo do ano foi de quase trinta milhões de contos. As instituições cuja criação o banco promoveu e a que permanece ligado, prosseguem as suas actividades nos seus próprios domínios de acção. É especialmente o caso do Banco Totta-Standard de Angola, do Banco Standard-Totta de Moçambique, da Sogestil — Sociedade de Gestão de Títulos que administra o Fundo de Investimento para o Desenvolvimento Económico e Social e da Sociedade Internacional Factors (Portugal)».

No activo do Banco as participações financeiras, imóveis e imobilizações diversas sobem a 191 173 contos; no passivo, os depósitos ascenderam a 7 846 780 contos. O capital e reservas do Banco foram de 483 mil contos.

Os lucros líquidos do exercício foram 35 195 contos, dos quais 8 mil para fundos de reserva, 25 mil para dividendos e 2195 postos á disposição da assembleia geral.

SUBSÍDIO GOVERNAMENTAL DE MIL CONTOS PARA A CONSTRUÇÃO (1.ª FASE) DO AERÓDROMO DE FÁTIMA

Deslocou-se a Fátima, como oportunamente tinha sido anunciado, a missão da Aeronáutica Civil incumbida de proceder aos estudos preliminares respeitantes á implantação do futuro aeródromo local.

Duas hipóteses mereceram especial interesse da missão. A primeira, no sítio dos Chos, a 2 km da Cova da Iria, bem servida por acessos, energia eléctrica, água e telefones, permite a construção de uma pista de cerca de mil metros, com possibilidades de prolongamento futuro. O segundo reconhecimento efectuado, respeita a um pequeno planalto nas imediações do Olival, a 23 km do santuário, que não satisfaz, por isso, o objectivo imediato da construção.

Aproximadamente á mesma distancia do santuário encontra-se o aeródromo de Monte Real, onde, em ultimo caso, poderia ser encontrada a solução imediata para o problema das peregrinações estrangeiras que visitam Fátima por via aérea.

A missão anunciou a concessão de um subsídio de mil contos co comparticipaão governamental para a primeira fase dos trabalhos que fossem executados ainda no corrente ano.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

TOTOBOLA

Pelas 20 e 45, o popular locutor Artur Agostinho, revela os seus prognósticos para o 23.º escrutínio do Totobola, em que um dos prélios mais difíceis para os totobolistas é sem dúvida o que o «leader» vai disputar ao Porto, nas Antas.

«O JOGO DA VIDA»:

«NEGÓCIO ESCURO»

Anthony Franciosa volta a ser o principal intérprete da série «O Jogo da Vida», a trasmitir-se cerca das 22 e 5, no episódio intitulado «Negócio Escuro».

Neste filme o arrojado jornalista Dillon vê-se a braços com um caso de tentativa de fraude ao Governo dos Estados Unidos, descoberta com a morte de um repórter fotográfico.

Ao lado de Tony Franciosa e da bela Susan Saint Janes, aparecem Darren McGavin, Juliet Prowse e Gypsy Rose Lee.

Uma cena do episódio filmado «Negócio Escuro» com Juliet Prowse, Tony Franciosa e Gypsy Rose Lee

II PROGRAMA

«Noite de Teatro» e «TV Mundo»

Pelas 22 horas repete-se a Noite de Teatro com a peça original de Costa-Ferreira, com Lourdes Norberto e o autor.

A terminar a emissão, cerca das 22 e 40, repete-se o TV Mundo, preenchido com o Conjunto Musical «The Happleners».

Leopold Stokowsky dirigindo a orquestra Internacional do Festival que a Eurovisão transmite hoje

EUROVISÃO

Festival Internacional de Orquestras das Juventudes Musicais

Pelas 19 e 45 a R. T. P. transmite, em gravação directa da Eurovisão, o Festival Internacional de Orquestras das juventudes musicais, pela Orquestra Internacional do Festival, dirigida por Leopoldo Stokowsk» que interpretará «Passacaglia e fuga em dó menor» de J. S. Bach, «Romance e Rondo do concerto para piano e orquestra em ré menor K. 466» de Mozart e «Romeo e Julieta» de Tchaikowsky.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Eurovisão; 20 e 50: Totobola; 21: Documentário — Algarve; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: «O Jogo da Vida»; 28 e 30: Marcha do Mundo; 28 e 40: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Teatro; 22 e 40: TV Mundo; 28 e 30: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 10: Cartaz TV; 20 e 25: Documentário; 20 e 55: «Casei com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: «Dr. Marcus Welby»; 23 e 50: Marcha do Mundo; 0 h.: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema; 28 e 35: Fecha.

Algarve: MONTE GORDO

Cerca das 21 horas é exibido um documentário sobre Monte Gordo, realizado por Luís Andrade. Em sugestivas imagens é-nos mostrado a «vida» em Monte Gordo, uma realidade para todos aqueles que desejam umas férias maravilhosas, tanto no Verão como no Inverno... um clima doce numa praia imensa de águas tépidas e calmas...

TUDOR
pilhas para iluminação

canal da crítica

AI CHIADO, NÃO ESTÁ TUDO ASSIM MUDADO...

Se mais alguma dúvida existisse sobre a capacidade do responsável de «Panorama do Teatro Português» para restituir a cada texto a vida e a verdade que lhe competem, a emissão de ontem dedicada a António Ribeiro Chiado bastava para a destruir.

O texto do «Auto da Natural Invenção» não se apresentava, só por si, com possibilidades de interessar um público viciado no gosto permanente da anedota. Sabe-se, aliás, que apenas um dos autos do Chiado conta algo que se pareça com uma história. Em todos os demais, o poeta deixa que aconteçam figuras, personagens, palavras (e palavrões...) piadas (e piadões...) graças que o linguajar popular da época tornaria hoje de compreensão muito problemática.

O responsável de «Panorama do Teatro Português» viu-se colocado no seguinte dilema: ou fazia o mais fácil, dando o texto e lavando as mãos de tudo o mais ou entrava no jogo de Ribeiro Chiado e utilizava também a «natural invenção».

Optou pelo segundo caminho, que, sendo o mais difícil, era, também, o único a ser capaz de *dar razão* á obra do Chiado. Assim se rodeou o auto de uma história que não tinha mas que nem sequer representou intromissão desajeitada. Tudo o que acontece numa casa onde entram os comediantes (do roubo á dilapidação) foi sugerido pelo próprio autor no interior da peça:

Autos é devassidão
da casa e mais da pessoa
... ...
Auto é não terdes pazes
com matantes, com rapazes
com embuçados em casa.
... ...
Sofrer auto é coisa feia
porque é estardes em cal-
[das...
etc., etc.

Não andam longe de pensar de igual modo os anfitriões dos assaltos carnavalescos — reminiscência, talvez, destes autos ao domicílio dos velhos tempos...

O «quanto basta» de história para prender o público foi conseguido, pois, de forma engenhosa. O resto admitia-se, igualmente, como demonstrações truanescas, que não precisam de razões outras para nos divertirem.

II

Nenhum elemento utilizado esteve em riscos alguma vez de pôr em perigo o in-

(Continua na pág. seguinte)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 5: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de... 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Portugal Missionário, pelo Padre Augusto Maio; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 9.º Episódio do Folhetim «O capitão dos mares», original de Oliva Guerra; 21 e 5: Conjuntos ligeiros; 21 e 30: Do Estádio Alvalade, o relato do desafio de futebol «Portugal-Espanha» para o campeonato europeu de juniores e no intervalo: Música ligeira; 28 e 5: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 3.º acto da ópera «Tristão e Isolda» (Wagner); 18: Música do Século XX; 19: Duas melodias elegíacas — Orquestra Filarmónica de Haia, dirigida por Willem Van Otterloo; 19 e 10 — Folclore Português — (Música da Beira-Baixa, recolhida por Artur Santos); 19 e 25: O pianista Sviatoslav Richter—Fantasia em dó maior, op. 17 (Schuman); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música instrumental — Abertura «Fierrabrás» (Schubert). Orquestra Filarmónica de Viena, dirigida por Istvan Kentesz; 20 e 30: Concerto pelo Orfeão Seminário de Santiago, dirigido por José Sousa Marques; 20 e 51: Octeto de câmara; 21: Os solistas de Zagreb dirigidos por António Janigro; 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de violoncelo e piano por Celso de Carvalho e José Carlos Pilcoto — Sonata em lá menor op. 36 (Grieg); 22 e 20: Poemas sinfónicos; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — Às 28: O pianista Artur Rubinstein — Peças de Fantasia (Schumann); 28 e 30: Música sinfónica; 0 e 31: Música de câmara; 1: Fecha.

RÁDIO UNIVERSIDADE — onda média — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: A Universidade e a Nação, 9 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 7: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 3: Diálogo; 21 e 8: Tempo-novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 28 e 8: Música tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande noite; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 0 e 2: Em órbita-dois; 1 e 3: Banda Sonora; 2: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral 19 e 3: Miscelânea; 19 e 20: Robb alac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 2: Contrastes musicais; 21 e 15: Só-rádio; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22 e 3: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrocel-3; 28 e 4: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 283,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 5: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Esquema, 18; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: As vozes de Maria Teresa de Noronha e João Ferreira Rosa; 21 e 45: Conjuntos modernos; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 15: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Charadas musicais; 21 e 30: Nova Dimensão; 22: Auditório; 28: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

RODRIGUES
RUA AUGUSTA, 76-80
SALDOS
Cortes casaco senhora .... 100$00
Cortes fato homem ..... 150$00

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

Compre a melhor vista de mar comprando APARTAMENTOS MOBILADOS OU MORADIAS A J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM CASCAIS E PAÇO D'ARCOS

RENDIMENTO DE 6 A 10%, GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito. Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

Preços dos Apartamentos mobilados: 150, 175, 180, 185, 190, 195, 200, 215, 225, 230, 250, 255, 265, 305, 325, 350, 470 e 600 contos

» » Andares: 4 assoalhadas 300 contos; 5ass. 380 contos, 6 ass. 440 contos; 9 ass. 750 contos e 12 ass. 880 contos

Locais onde possuimos andares e apartamentos: Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos (Espargal), Parede, Cascais e Lisboa.
Moradias Luxuosas: 9 divisões assoalhadas, 3 casas de banho, cozinha, garagem, quintal e jardim. Magnífica vista de mar e serra situadas na R. José Ferrão Castelo Branco, em Paço d'Arcos. Facilita-se parte do pagamento.
Apartamentos em exposição nos seguintes locais: Lisboa — Pr. Marquês de Pombal, Reboleira — R. D. Dinis; Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (retaguarda do Hotel Baía)

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

Escritórios: LISBOA - Praça Marquês de Pombal, n. 15-1. — Telefones 45843 e 47843
QUELUZ — Rua D Maria I, 30 — Telefs. 952021/22: AMADORA-REBOLEIRA — Telef. 933670

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAIS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

teresse deste auto. A realização, de Artur Ramos, deu-nos alguns excelentes momentos de movimentação, uma agilidade a que não estamos muito habituados nas realizações da televisão portuguesa. A câmara não se resignou ao papel de espectador: foi sempre actor, esteve também ela sempre em cena — e quantas vezes nos convidou, com malicioso piscar de olhos, a acompanhá-la, a matreira!

As cenas da «*natural invenção*» do responsável de «Panorama» embrechadas no auto quebravam, pelos cortes bruscos, a unidade da representação, que esteve algumas vezes, com soluços.

A música de António Victorino de Almeida integrou-se perfeitamente no «jeito» do autor. Soube tão bem ele comentar com a gargalhada ou a «palavra» a propósito, á boa maneira do Chiado; soube dar «muleta» á mímica sempre que se tornou indispensável. Alguns achados musicais conduziam directamente o telespectador para a intenção e para a natureza do auto...

Quanto aos actores, importa salientar as intervenções de Vasco de Lima Couto, Vítor de Sousa, Mário Jacques e Filipe La Féria (neste, demasiado visível a lição aprendida há pouco, e oxalá não se esqueça que aprender é bom quando leva á criação, e não quando leva á imitação). Quanto a Hugo Casaes, que sempre parece estar cantan an an do, foi melhor a andar do que a falar. A precipitação é inimiga da articulação, e Hugo Casaes precipitou-se algumas vezes, o que tornou mais arrevezado o arrevezado da linguagem.

Pois o Chiado sabia-a toda. Recordo aquelas suas palavras com que deplora a crise teatral a desenhar-se já naqueles tempos. Crise que seria motivada por falta de invenção, de fantasia dos autores incapazes de renovar os autos, mas que já teria, naqueles bons tempos de D. João III, outras razões cumulativas. Ontem, o autor do «Auto da Natural Invenção» referia-se «*daquela subida graça*»

que se vende nesta praça
por quaisquer dez réis e meio
—mas o bom come-o a traça...

Dizia-se numa revista do Parque Mayer: «*Ai Chiado, como tudo está mudado...*».

Afinal, não está assim tudo tão mudado como parece.

MARIO CASTRIM

FÁTIMA SEM LUZ

FÁTIMA, 5 — Causaram grande regozijo em Fátima as intervenções do deputado dr. Rui de Moura Ramos, na Assembleia Nacional, pedindo a resolução dos problemas de iluminação pública e da construção do aerodromo de Fátima.

Foram enviados telegramas ao deputado que, sendo eleito pelo distrito de Leiria, tratou com tanto carinho da resolução destes problemas que interessam naturalmente á população de Fátima, mas cuja resolução é de grande urgência perante tantos estrangeiros que visitam os locais relacionados com as aparições.

A propósito de iluminação dos lugares místicos de Fátima pedida pelo deputado — os locais dos Valinhos, da Loca do Cabeço e do calvário húngaro — lamenta a população de Fátima que enquanto a Câmara de Villa Nova de Ourém anda a colocar lâmpadas de iluminação especial em várias sedes de freguesia, deixe a Cova da Iria, desde há muito tempo, sem iluminação. Embora pareça incrível, existem 40 braços de iluminação sem luz!

E, contudo, Fátima foi visitada no ano findo por peregrinos de 53 países!

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 5 — (A. N. I.) — Foi distribuído o boletim relativo ás Forças Armadas em Angola, na ultima semana de Janeiro, com o seguinte texto:

«No período de 25 a 31 de Janeiro, a actividade geral dos terroristas manteve as características do período anterior, manifestando-se nas áreas afectadas do Norte e do Leste da província por ataques a trabalhadores, instalações económicas e populações, por reacções ás acções ofensivas conduzidas pelas nossas tropas e por implantação de engenhos explosivos nos itinerários utilizados, com prejuízo manifesto dos transportes.

Por outro lado, as nossas tropas exerceram um esforço intenso sobre as linhas de infiltração e as zonas de refugio dos bandoleiros e continuaram os trabalhos de protecção, abertura e beneficiação dos itinerários tácticos, nomeadamente no Norte da província, onde algumas picadas atingiram já dezenas de quilómetros.

É de referir que continua a verificar-se a apresentação de populações refugiadas na Republica Democrática do Congo (Kinshasa) e que se libertam do trabalho forçado das lavras que os terroristas possuem naquele país vizinho, próximo da fronteira.

No Norte dá província, em operações que decorreram nas áreas de Balacende, Mucondo, serra de Ambuila e margens dos rios Zenza e Dange, as nossas tropas assaltaram e destruiram locais de refugio dos bandoleiros, capturaram diverso material e provocaram baixas. Na região de Vista Alegre, os inimigos do povo atacaram instalações económicas, com a finalidade de roubarem artigos e produtos alimentares e causaram a morte de um homem e de uma criança.

Na área afectada do Leste, em acções de patrulhamento e de normalização, em emboscadas, golpes de mão e assaltos verticais, que decorreram nas regiões das nascentes do Lungue-Bungo, Cahgamba, Alto Cuito, Gago Coutinho, Longa e Cuito-Cuanavale, as nossas tropas assaltaram e destruiram locais de refugio dos bandoleiros, interceptaram grupos que perseguiram e deram caça, causaram baixas e capturaram munições e diversos artigos. Nas regiões de Bucaco e de Cailanda as nossas forças, avisadas pela população, encontraram e levantaram armadilhas antipessoal implantadas pelos fratricidas, que também colocaram outras, de natureza anticarro, em itinerários do Leste, algumas das quais foram accionadas.

Verificaram-se ainda acções de represálias sobre samzalas do povo nas áreas de Nule Longa e M'Pupa, onde os carrascos do povo efectuaram raptos e destruiram as lavras, que se destinavam á alimentação daqueles aglomerados humanos.

As nossas forças tiveram um morto e doze feridos em combate. Lamentamos ainda três mortos, sete feridos e setenta e um desaparecidos entre a população civil, também por acções do terrorismo. No período em análise os inimigos de Angola sofreram baixas da ordem das dezenas.»

BELÉM DO PARÁ «VEM» A AVEIRO

AVEIRO, 5 — Em Belém do Pará, que as autoridades brasileiras resolveram denominar cidade-irmã de Aveiro, esteve recentemente uma embaixada desta cidade, constituída pelos srs. dr. Artur Alves Mourim, presidente da Câmara, Carlos Alberto Machado, da Comissão de Turismo, dr. David Cristo, da Comissão de Cultura, e Carlos Mendes, do Grémio do Comércio. Ali, durante as festas do centenário daquela terra brasileira, foram alvo de manifestações de muito apreço e amizade.

E logo ás autoridades aveirenses mas com o desejo de ver entre nós os «irmãos» de Belém do Pará.* Para Outubro não será possível tê-los entre nós, a quando das grandes festas ao Bombeiro de Portugal que aqui se celebram, pois haverá em Belém o «Círio de Nazaré», uma espécie de Fátima de cá.

Mas, como em Maio, se organiza ao nosso País uma excursão de belenenses e nesse mês se realizam as festas desta cidade, tudo indica que a retribuição da visita oficial se concretize, o que equivaleria a que os laços que unem Aveiro e Belém do Pará mais fortemente fiquem estreitados.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

QUIMBA

O LEÃO BRANCO DOS ELECTRODOMÉSTICOS

TV — RÁDIOS — FRIGORÍFICOS
GRAVADORES — ESTOFOS
MOBILIAS—MÁQ. COSTURA, etc.

—//—

SEM ENTRADA — SEM FIADOR
(BRINDES A TODOS OS CLIENTES)

RUA BARÃO DE SABROSA, 250-A — TEL. 713971

Sá de Miranda

CICLO PREPARATÓRIO — LICEAL
ADMISSÃO AOS INSTITUTOS

Telef.: SECRETARIA — 45310, Rua Alexandre Braga, 17
DIRECÇÃO — 537532 (Estefânia — Almir. Reis)

Filipe da Silva Henriques de Vilhena

PARTICIPAÇÃO E MISSAS DO 7.º DIA

Justino da Silva Henriques de Vilhena e sua mulher Estefânia Sagaseta de Ilurdoz de Vilhena, João da Silva Henriques de Vilhena, e sua mulher Maria Carreira de Sousa de Vilhena, sua filha Maria Adelaide de Vilhena de Andrade e seu marido Ruy de Vasconcelos e Sousa de Andrade e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido irmão, cunhado, tio e parente e que serão rezadas missas por sua alma no dia do 6 corrente, na Igreja do Loreto, ás 12 horas, em Lisboa e no dia 7, ás 12 horas, na Capela da Quinta do Cálvel em Torres Vedras.

TRIBUNAIS

Condenados por diversos roubos na Covilhã

COVILHÃ, 5 — Em audiência colectiva, presidida pelo corregedor sr. dr. Raul Moreira de Andrade, que tinha como auxiliares os juizes das comarcas da Covilhã e do Fundão, srs. drs. Rui Azevedo de Brito e José Marques, respectivamente, responderam João Pereira Lopes, de 19 anos, solteiro, da freguesia de Casegas e José Lourenço Ventura Pires, solteiro, da freguesia de Sobral de Casegas, ambos trabalhadores nas Minas da Panasqueira, acusados de roubos em igrejas, viaturas automóveis e até a máquina do totobola, nos escritórios da empresa onde trabalhavam.

Ouvidos declarantes e respectivas testemunhas de acusação e de defesa, o sr. dr. G. Raposo de Moura fez a defesa dos réus.

O João P. Lopes foi condenado a 23 meses de prisão correccional e o José Pires a 8 meses, com a pena suspen-

«RESERVAS» — TAÇA «ISAAC SEQUERRA»

Vitória do Benfica sobre o Sporting (2-1)

• Decisão de PRAIA em noite de chuva

O serão de ontem, passado por água, no Estádio da Luz, não foi nada mal passado, não senhor. As equipas entenderam, e bem, que haviam de jogar o melhor possível e, em largos períodos, conseguiram o seu objectivo para além do habitual.

Um grande golo de Praia deu a vitória ao Benfica. Matine cruzou da direita e o ex-leixonense cabeceou com a conta precisa. Um belo tento para um triunfo alcançado com mérito.

Todavia, quem começou em plano dominador foi o Sporting. O esférico corria de «leão» para «leão» sem que os «águias» conseguissem opor-se com êxito á supremacia visitante.

Aos 13 minutos, Celestino cruzou, a defesa «encarnada» ficou estática e Oliveira Duarte atirou para o fundo das redes. A equipa de Alvalade era então a mais certa, fazendo correr a bola e com os seus jogadores em movimento.

Contudo, a resposta benfiquista não tardou. Abel cortou a direito no sentido da grande área do adversário. Carvalho ainda rechaçou o remate, mas um colega seu, precipitado, aliviou mal. José Augusto recolheu o couro e enviou-o, com calma e pontaria, para o fundo das redes.

A igualdade animou os contendores e o desafio. Sem os compromissos das tácticas cautelosas, que inibem tantas vezes os jogadores de mostrarem o que sabem e valem, os elementos em campo, apesar de nunca se esquecerem que faziam parte de um todo, arranjaram maneira de atingir certa evidência pessoal.

Notava-se um incontível desejo de jogar como indicam as regras, dando a bola sem cair no pecado da retenção, abrindo os esquemas por todas as medidas do rectângulo.

Aos 32 minutos, um desarme de Cruz sobre Chico pareceu-nos passivo de grande penalidade. O árbitro não o entendeu da mesma maneira e respeitamos a sua opinião.

No segundo tempo, o Benfica justificou o êxito. José Morais, do Sporting, que na primeira parte sobressaíra pela actividade constante que desenvolveu, baixou de andamento e rendimento e o conjunto «leonino» ressentiu-se do facto. Os benfiquistas passaram a mandar no meio-campo e a partida tombou, mais acentuadamente, sobre a grande-área visitante.

Carvalho ainda defendeu, incrivelmente, um remate de José Augusto, que se isolara, mas antes já consentira o tento do desempate.

As substituições pouco transformaram o cariz do encontro. O Benfica, com defesa atenta e decidida, punha toda a sua atenção nos movimentos do contrário, a fim de não ser surpreendido. Quanto ao Sporting, falho de convicção nessa fase, a recuperação antolhava-se inviável, como sucedeu.

No Benfica, Zeca e Abel jogaram bem. Ingulla sabe o que fazer da bola quando a tem em seu poder. O que lhe custa é entrar na posse dela. Queremos dizer que sabe passar, mas não encontrou ainda o sítio próprio no terreno para cortar. No entanto, salvou um golo certo, o que é de anotar.

Bastos, Carvalho e Morais, este no primeiro tempo, estiveram acertados, entre os sportinguistas.

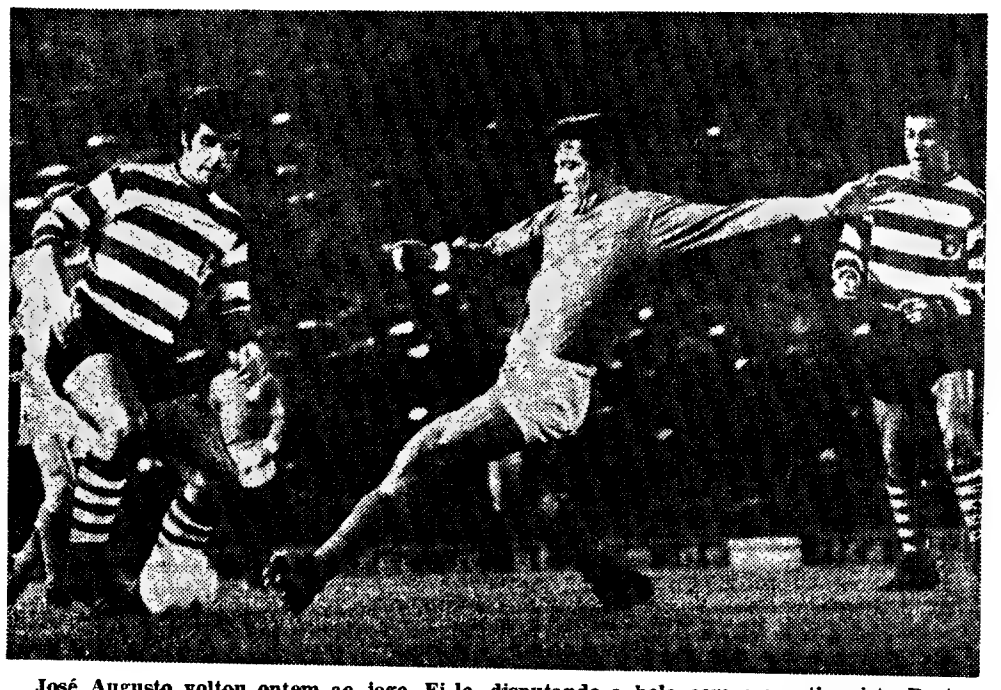
Henrique Silva desprezou, por vezes e deliberadamente, a lei da vantagem, apitando em cima da falta. No lance que citámos, dentro da grande-área do Benfica, não viu o lance como nós.

Equipas:

BENFICA — Fonseca; Fernandes (Águas), Messias (Marques), Zeca e Cruz; Ingulla e Calado; Matine, Praia, Abel e José Augusto.

SPORTING — Carvalho; Celestino, Bastos, A. Baptista e Mamaca; José Morais (Barão) e Dani; M. Duarte, Ernesto, Chico e Oliveira Duarte (Orlando).

FRANCISCO CAMILO



José Augusto voltou ontem ao jogo. Ei-lo, disputando a bola com o sportinguista Bastos, ante a atenção de Celestino

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

57 contos de boa marca

Venha ao nosso stand. O VIVA STANDARD espera por si para lhe demonstrar que vale mais do que o seu preço.

VAUXHALL
VIVA STANDARD
UM PRODUTO GENERAL MOTORS

Garantimos eficiente assistência técnica Vauxhall e Bedford.
Recebemos trocas e damos facilidades de pagamento.

AUTO-INDUSTRIAL
Coimbra–Leiria–Caldas da Rainha–Torres Vedras
Estoril–Avenida de Nice–Telefones: 263550/263396
Lisboa–Avenida Duque de Loulé, 93–95B–Telefones: 538082/562561

em matéria de espaços e economia de transporte

o JU e o J4 MORRIS

têm a última palavra a dizer...

Realmente é difícil imaginar à primeira vista a capacidade de transporte quer do 250 JU ou do 200 J4. Ambos concebidos para poderem receber um máximo de volume, sem ângulos salientes no espaço útil, estes veículos comerciais proporcionam uma arrumação de mercadoria verdadeiramente notável e que graças a um reduzido consumo, quer nas versões Diesel ou a gasolina, pode ser transportada a preços extraordinàriamente baixos.
Em versões de Furgon com ou sem porta lateral, mistas de 5 ou 9 lugares, e ainda chassis com caixa aberta, os J4 e JU apresentam uma gama de modelos de tonelagem diversa que satisfazem plenamente qualquer problema de escalão médio de transportes, urbanos ou rurais.

A. M. ALMEIDA S.A.R.L.
Av. da Liberdade, 11 / Rua Escola Politécnica, 39 / Av. 5 de Outubro, 168 - Lisboa. Rua Sá da Bandeira, 501 - Porto / Agentes em todo o País

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

HOJE, ÀS 21.45 H., NO ESTÁDIO ALVALADE

Portugal-Espanha entre selecções de juniores

Os futebolistas juniores portugueses que esta noite, no Estádio José Alvalade, jogam com a selecção espanhola

Os juniores portugueses jogarão, logo á noite (21 e 45), em Alvalade, uma ultima possibilidade de manterem aberta a porta escocesa para a fase final do Torneio Internacional da U. E. F. A. na categoria.

Depois do desaire de Paris (há precisamente oito dias), os rapazes comandados pela «dupla» dr. David Sequerra-Pires Bandeira irão tentar, frente á forte turma de Espanha, um rectificar da actuação e do resultado que legitime as esperanças de qualificação.

Não se apresenta fácil a tarefa da equipa portuguesa. Na verdade, os espanhóis, beneficiando do trabalho em profundidade desenvolvido desde há alguns anos nas categorias inferiores, vêm a Alvalade cônscios do que podem e valem — tudo levando a supor que irão oferecer forte resistência na tentativa de obstar aos intentos adversários.

Cremos acreditar, porém, que os nossos jogadores algo terão aprendido na jornada de Paris — e que hoje, constituindo já um «onze» mais homogéneo e menos impressionável ante um confronto internacional, já poderão dar melhor ideia das suas possibilidades.

Em princípio, a equipa lusa deverá alinhar com Matos; Fernando, Laranjeira, Vítor e Lino; Fraquito e Duarte; Correia Dias, Castro, Nando e João Cardoso.

Os espanhóis, por sua vez, desde ontem hospedados num hotel da capital, deverão apresentar: Sanches; Barrera, Tanto, Carrasco e Zuluaga; Planas e Jordas; Martinez, Leal, Arteche e Solsona.

Resta aguardar que o publico corresponda em numero e em entusiasmo, não regateando o apoio de que a nossa equipa bem precisará.

SCHWARTZ DEMITIU-SE... TOMMY DOCHERTY (ESCOCÊS) PROVÁVEL TREINADOR DAS EQUIPAS DO F. C. PORTO

Eleck Schwartz não foi feliz no seu regresso a Portugal. Depois de ter feito um excelente trabalho no Benfica voltou, mas para o F. C. Porto, onde não conseguiu idêntico sucesso. Para isto terá, no entanto, contribuído a doença que cedo o acometeu, agravando-se a ponto de o afastar por completo da actividade. Já não causou surpresa, portanto, o facto de clube e treinador terem agora rescindido o contrato que os ligava desde o início da temporada.

Entretanto, o F. C. Porto procura já, naturalmente, um sucessor para o infortunado Schwartz e tudo leva a crer que o cargo virá a ser ocupado pelo escocês Tommy Docherty, que desde ontem se encontra no Porto e tem mantido conversações com os dirigentes do clube. Docherty é um treinador de prestígio internacional, tendo-se notabilizado especialmente ao serviço do Chelsea.

Acontecimentos DE ONTEM

VOLEIBOL

A contar para a 5.ª jornada do Campeonato Regional de Voleibol (seniores), o Nacional venceu ontem á noite, no Estádio Universitário, a equipa do C. D. U. L. por 3-2 (12/15; 12/15; 15/4; 16/14; 15/11).

Sob a direcção de Oliveira Dias as equipas alinharam:

NACIONAL — Villar Moreira, António Resende, Manuel Andrade, Aguiar Buisel, Manuel Pires, Artur Sequeira, Jorge Santos, João Fama e Araujo Esteves.

C. D. U. L. — Barão Pinto, Mena Reis, Nuno Pinto, Pedro Roriz, Moniz Pereira, Rui Andrade, José Brochado, Amauri Bergouse e Hugo Cunha.

[illegible] voleibol permitisse um empate como desfecho de um encontro, esse seria o resultado ideal deste CDUL-Nacional. A equipa da Parede, como favorita que era para este encontro, não pensaria ter tanta dificuldade em vencê-lo e isso deve ter impressionado os seus jogadores que não esperavam tão ardorosa réplica.

O jogo não teve grandes primores técnicos mas foi emotivo e equilibrado com excepção na terceira partida que foi de absoluto domínio do Nacional.

A quarta partida, que demorou 45 minutos, foi a de maior emoção, pois os «universitários» estiveram a vencer por 8-1 e 13-8 e com vários serviços aos 14-13 não conseguiram, por falta de lucidez conquistar o jogo, o que esteve inteiramente ao seu alcance.

A vitória do Nacional acaba por estar certa, pois foi a equipa que menos se impressionou com o desenrolar do encontro e aquela que teve maior presença de espírito no final das duas ultimas partidas

O C. D. U. L. fez uma excelente exibição, com relevo para a defesa que actuou com muito acerto; o ataque, porém, pecou por falta de audácia nos momentos cruciais.

F. D.

BILHAR

Prosseguiu, ontem, na Associação dos Amadores de Bilhar de Lisboa, o Campeonato de Lisboa de 4.ª categoria (partida livre) e a Taça «Luís Coelho» (três tabelas), tendo-se verificado os seguintes resultados:

Campeonato de Lisboa — Manuel da Silva-Fernando Navarro, 100-33 e Manuel Herdeiro-Manuel Rodriguez, 100-58

Taça «Luís Coelho» — Mário Ribeiro (Benfica)-Vladimiro Monteiro (Benfica), 60-37; e Vítor Hugo (Benfica)-Carlos França (F. C. do Porto), 60-57.

BADMINTON

Resultados da sessão de ontem realizada no ginásio da Escola Nuno Gonçalves, a contar para o Campeonato do Sul (3.ª categoria):

Singulares-homens — João Azevedo (Benfica)-J. Catela (Dramático de Cascais), 2-0; Artur Sykes (C. B. L.)-Carlos Dias (Cascais), 2-0; Vítor Quinás (Cascais)-José Sargaceira (Benfica), 2-1; Jorge Melo (C. B. L.)-A. Mota (Benfica), 2-0.

Pares-homens — Meias-finais: Artur Sykes/Jorge Melo (C. B. L.)-Luís Relógio/João Azevedo (Benfica), 2-1; e A. Mota/José Sargaceira (Benfica)-Vítor Mata/Jaime Santos (Benfica), v.-fc.

Singulares-senhoras — Meias-finais: Paula Miranda (Benfica)-Manuela Baião (Benfica), 2-1; e Lourdes Ganho (C. B. L.)-Liliana Pires (Benfica), 2-0.

Pares-mistos — Manuela Baião/João Azevedo (Benfica)-Paula Miranda/Jorge Espanca (Benfica), 2-1. Meia-final: Isabel Pinto/Luís Relógio (Benfica)-Liliana Pires-José Sargaceira (Benfica), 2-0; e Manuela Baião/João Azevedo (Benf.)-Lourdes Ganho/Leonildo Peixoto (C. B. L.), 2-0.

BASQUETEBOL

Em jogo disputado ontem á noite, no pavilhão da Naval Setubalense, a contar para o «Metropolitano» Feminino da I Divisão, a equipa da Cuf bateu a do Nacional de Natação por 50-41.

BRIDGE

Nas salas do Centro de Bridge de Lisboa, decorreu o Torneio do Sul de Equipas Mistas, prova organizada pela Federação Portuguesa de Bridge.

Concorreram oito equipas que realizaram entre si encontros de 32 «mãos» ao longo de vários dias de prova.

O título de campeão regional do Sul foi justamente alcançado pela equipa formada por D. Maria Antónia de Barros, D. Isabel Wolffensperger, D. Maria Teresa Lopes Alves, Manuel Fontes Pereira de Mello, eng.º Manuel da Costa Antunes e eng.º Alfredo Nobre da Costa, que totalizou 112 pontos.

Em segundo e terceiro lugares classificaram-se as equipas assim formadas: dr.ª D. Maria Beatriz de Oliveira, D. Maria Helena Dias da Cunha, D. Maria de Lourdes de Brion, dr. Jorge Monteiro dos Santos, dr. Francisco Calheiros e dr. João Nuno Moreira Cruz, com 104 pontos; D. Eugénia Bivar Weinholtz, D. Maria Eugénia Castro Pereira, dr. Manuel Lacerda e eng.º José Villar Saraiva, com 97 pontos.

DISCIPLINA DA F. P. F.

MULTA E INTERDIÇÃO DE CAMPO PARA O UNIÃO DE LEIRIA

Na sua reunião de ontem, o Conselho de Disciplina da F. P. de Futebol apreciou as conclusões do inquérito mandado instaurar por força dos acontecimentos verificados quando do encontro entre o União de Leiria e o Casa Pia — tendo deliberado interditar, o Estádio de Leiria por 4 jogos, multar o União local em mil escudos e levantar a suspensão preventiva imposta ao jogador casapiano José Ferreira Raimundo.

Para resolução ulterior, ficaram outros factos referidos no citado inquérito.

bidueladas POR CAMILO & PARGANA

GARRINCHA OFERECE-SE

Mané Garrincha, antigo possuidor do «drible» mais espantoso do mundo futebolístico, está em Itália e oferece-se para jogar no Juventus. Como custa testemunhar o crepusculo dos deuses!

O extraordinário extremo brasileiro mendiga um lugar, quando não há muito poderia exigir milhões pelo seu concurso. Garrincha bem pode entoar uma conhecida canção do seu país: «Que será o amanhã da minha vida?...»

BRUMMEL REGRESSA

Ainda não é o grande atleta de outros anos. Todavia, a sua recuperação está á vista e Valeri Brummel já salta 2,08 m.

Milagre de vontade e persistência, o famoso russo, embora habituado ás alturas, conseguiu não ir ao ar.

LUTA DE GALITOS

O Galitos de Aveiro luta bravamente por acabar a sua sede. O seu passado brilhante bem merece um futuro risonho.

Quem não ficará satisfeito quando os «Galitos» entrarem finalmente na sua «capoeira» nova?

TONI & ESTÊVÃO

No meio do desvario que assolou alguns espectadores do ultimo Benfica-Belenenses, dois homens a quem o calor da luta poderia obliterar o entendimento deram um belo exemplo de solidariedade: Toni & Estêvão.

O benfiquista, esquecendo a decepção que o desenrolar da partida certamente lhe causaria, pensou apenas em salvar um homem em perigo. Há coisas que nascem com as pessoas «e quem direito nasce, tarde ou nunca se entorta».

O BOLO PO DAULISTÃO

O F. C. Porto foi a S. Paulo, inaugurar um estádio monumental, e partiu de cá destinado a uma derrota idem.

Um bolo enorme fazia parte da ementa e tudo indicava que os nortenhos comeriam pela medida grande. Afinal, embora não fizessem miséria, os portistas também o não foram...

NÃO LHES CAIU A BELEZA NA LAMA

Os tratamentos de lama são uns dos ultimos gritos da moda. Mas aqueles que têm recebido as nossas gentis atletas diferem daqueles que se ministram nos salões da especialidade.

Nas provas de corta-mato que ora se efectuam, as esbeltas moças sobem montes e vales, sem fazer caso do terreno que pisam. E a verdade é que mesmo sujas, nem assim lhes caem os parentes na lama.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje—CONFIDENCIALÍSSIMO—CONDES e ROMA —A RAPARIGA DO AUTO-STOP—VOX

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45
ESTREIA
A estrondosa comédia
CONFIDENCIALÍSSIMO
com **Annie Girardot** e **Francis Blanche**

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Os pioneiros do automobilismo numa comédia sensacional
OS GLORIOSOS CALHAMBEQUES
com **Tonny Curtis**, e **Susan Hampshire**

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
Os pioneiros do automobilismo numa comédia sensacional!
Technicolor — Cinemascope
OS GLORIOSOS CALHAMBEQUES
com **Tony Curtis, Susan Hampshire** e **Bourvil**

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA SENSACIONAL!
UM ESCANDALO DE GARGALHADAS!
4 BRUTOS NO OESTE
com «OS QUATRO BRUTOS» (célebre atracção da TV), **Emma Penella** e **Darry Cowl**
A história de quatro ,cangalheiros em bolandas com um cadáver e um tesouro num caixão
(Dialiscope) (Eastmancolor)

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.º MÊS
11.ª SEMANA
A espantosa comédia de PIETRO GERMI
DIVÓRCIO A ITALIANA
com **Marcello Mastroianni**

LIDO
Praça D João I—AMADORA
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30
NOITE DE TEATRO
OS DIREITOS DA MULHER
Pela Companhia de Teatro Alegre, com **Henrique Santana** e **Irene Isidro**

VOX
(M. 17 anos) Tel. 720808
Às 21.45
ESTREIA
O filme seleccionado pela Inglaterra para o XIX Festival Internacional de Berlim
A RAPARIGA DO AUTO-STOP
com **Rod Steiger** e **Claire Bloom**

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
(Veja anúncio especial)
Ugo Tognazzi e **Isabella Rei** em
A REBOLONA
Os desejos inconfessáveis de um «jovem» de 40 anos!
Um filme de **Franco Giraldi**

ESTÚDIO
(M. 17 anos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de MARCEL CARNÉ
EM 5.ª SEMANA
TRÊS QUARTOS EM NOVA IORQUE
com **Annie Girardot**

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
O filme que pelo seu tema ousado tem atraído o público de Lisboa!
MEIAS PRETAS
3.ª SEMANA
EASTMANCOLOR
c/ **Susan George** e **Victor Henry**

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE: 15.15 (P. r.) e ás 21.30
ÚLTIMOS DIAS DO APAIXONANTE FILME
A SELVA DOS DIAMANTES
com **James Garner** e **Eva Renzi**

HOJE, ás 18.30 — (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
DESEJO PERVERSO
MORTE A COMPASSO

CONDES
(M. 17 anos) Tel. 522523-326710
Às 21.30
GRANDE ESTREIA
Annie Girardot, Francis Blanche e **Jean Yanne**
CONFIDENCIALÍSSIMO
Prémio Fémina — Paris 1969

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
EM 8.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARÁVEL em TODD-AO cor de Lux
com
BARBRA STREISAND
HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Telefs. 54153/4
Hoje ás 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
THE GRADUATE
(A PRIMEIRA NOITE)
(Oscar para o melhor realizador)
com **Anne Bancroft, Dustin Hoffman** e **Katharine Ross**

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
Divertida comédia musical
JUVENTUDE ENAMORADA
c/ **Little Tony** e **Marisa Salinas**

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
Amor e aventura a altas velocidades
Panavision-Color
BOLA DE FOGO — 500
com **Frankie Avalon** e **Fabian**

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
A vida emocionante do perigoso e fascinante mundo subterrâneo
L. S. D. DROGA ALUCINANTE
com **Harry Guardine** e **Hope Lange**

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 21 horas
OPERAÇÃO «KID BROTHER»
UM ESTRANHO EM CASA

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
Um filme gigante em 3.ª semana
O OURO DE MACKENNA
Gregory Peck — Omar Sharif
Um gigante de acção numa palpitante aventura!

QUINZENA DA COMÉDIA PORTUGUESA
AMANHÃ — M/ 12 anos
18.30 h.
O PAI TIRANO, de António Lopes Ribeiro (1941)
com Vasco Santana, Ribeirinho, Leonor Maia, etc.
Dia 12: **Maria Papoila** (M. 12 anos)

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
5.ª semana de enchentes
Shirley MacLaine, Sammy Davis Jr. e **Ricardo Montalban**
no superespectáculo de 1970, em Cinemascope e Technicolor
«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
O filme escolhido para inaugurar o Festival de Cannes em 1969

LIZ
(Adultos) Tel 48560
Às 21 horas
SOU EU, A NATALIA
ELES COM ELAS

CASINO ESTORIL
Às 21.30 (M. 12 anos)
O HOMEM QUE VALIA UM MILHÃO DE DÓLARES
com **Frederick Stafford** e **Peter Van Eyck**

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo».

TEATROS
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A Forja» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O cravo espanhol» (12 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos)
MARIA VITÓRIA—Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).

CINEMAS
OLIMPIA — Às 21: «A ira de Aquiles» (12 anos).
PARIS — «O Ás do Pedal» (12 anos)
ARCO ÍRIS — Às 21: «Piratas em bikini» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «O jogo é matar» (17 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «A rapariga da pistola» (17 anos)
JARDIM — Às 21: «Case comigo por alegria» (17 anos)
IDEAL — Às 21: «O bom gigante» (12 anos).
S. L. BENFICA — Às 21: «A mão do Gorila» (12 anos)
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: Armadilha para um foragido» (12 anos)
LUMIAR — Às 21: «O inspector Clouseau» (12 anos)
ORIENTE — Às 21: «Ao sol com o meu amor» (12 anos)
PROMOTORA — Às 21: «Filhos de ninguém» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Chapéus de sol» (17 anos)
SALÃO LISBOA—Às 21: «A fronteira do medo» (17 anos)

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Acorda Querida» (17 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Deus perdoa... eu não!» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 7 e ás 21 e 30: «O homem que valia um milhão de dólares» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Operação Rosas Vermelhas». (17 anos)

● Outra Banda
ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 5: «Magnífico intruso» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «Programa de Variedades Beng Beng» (15 anos)

● Linha de Sintra
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 5: «A leste de Kilimanjaro» e «A Fronteira do Mississipi» (12 anos)
AMADORA — Recreios Desportivos — Às 21 e 15: «Escândalo ao Sol» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Romeu e Julieta» (12 anos)

«A FORJA» NO LAURA ALVES

No Teatro Laura Alves, em 3.º mês de lotações esgotadas, representa-se «Forja» (de Alves Redol) que o público aplaude de pé dominado pelo valor da obra e pela mensagem que a peça encerra

Homens de fé, homens de brio, homens de amor e de esperança erguem-se da criação do autor sobre as tábuas de um palco calcinado pela violência da forja. Jorge Listopad foi o encenador, Carmem Dolores e Jacinto Ramos são os protagonistas. A seu lado estão Sinde Filipe, Manuela de Freitas, António Montês, Norberto de Sousa, Maria Margarida, Luís António e o pequeno Alexandre Careto.

Atrás do Reposteiro

- *A peça de reaparição em Lisboa da actriz Laura Alves é «Pobre Milionária».*
- *A montagem da próxima revista do Teatro ABC foi entregue aos cenógrafos Hernâni e Rui Martins.*

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno I
ALCÂNTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (660187)
ALMIRANTE REIS — Cândido Monteiro, Av Almirante Reis, 121-B (45751) ✻ **Góis, Lda., Sucrs.**, Rua dos Anjos, 12-C-D (840101)
ALTO DO PINA — Ibéria, R Barrão de Sabrosa, 235-A (728277)
ALVALADE — Sanex, Av da Igreja, 31-C (776905) ✻ **Aeroporto**, Av Almirante Gago Coutinho, 101-D (722884) ✻ **Rio de Janeiro**, Av Rio de Janeiro, 4-C (721409)
AREEIRO — Algarve, Av de Roma, 7-B (777478)
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av da Republica, 58-D-E (771661) ✻ **Figueira**, Av Marquês de Tomar, 20 (44995) ✻ **Cruz Nunes**, Pr Duque de Saldanha, 4 (418445) ✻ **Novais**, Av Luís Bívar, 11-13 (44324).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, 41 (311216)
BAIXA — Lima Amaro, Suc., Pr. da Alegria, 27-28 (321149) ✻ **Valadas, Suc.**, R da Madalena, 235 (326260) ✻ **Cortez**, R de S Nicolau 93 (325378)
BENFICA — Santa Cruz, Av Gomes Pereira, 34-A (704828) ✻ **Curie**, Av Madame Curie, 15-A (778439) ✻ **J. Ribeiro**, Est da Luz 199-A (780969).
BELÉM — Gomes, Suc., R da Junqueira, 326 (638193)
BOM SUCESSO — Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias 63-A (Tel 611454).
CAIS DO SODRÉ — Africana, Rua Bernardino Costa, 45 (369120).
CAMÕES — Pinharanda, Rua da Rosa, 94-96 (321534)
CAMPO GRANDE — Cabrita, C. Grande, 220-222 (772397).
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 181-183. (686640) ✻ **Urbano de Feitas**, Rua Silva Carvalho, 1-9 (662838) ✻ **Elmo**, R. D. Maria Pia, 358-A (686176).
CAMPOLIDE — Judice de Oliveira, R de Campolide, 54-A (684424).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1—Galinheiras (790969).
CONDE REDONDO — Saluz, Rua Luciano Cordeiro, 73 (42239)
ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr Francisco Morais, 1 (771469).
ESTEFÂNIA — São Jorge, Av Rovisco Pais, 32-A-B (534027)
ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta da R. Possidónio da Silva, 162-A (669485) ✻ **Rodigues & Aires**, Rua da Lapa, 52-54 (662246).
LUMIAR — Central do Lumiar, R do Lumiar, 77 (790480)
OLIVAIS — Central dos Olivais, Lda., R. Alferes Barrilaro Ruas, 1-C — Olivais-Norte (315539) ✻ **Antunes Rosas**, Praça Cidade do Luso, lote 99. Olivais-Sul (313610)
PALHAVÃ — Laranjeiras, R Filipe da Mota, 60-62 (761035)
PICHELEIRA — Luzmar, R João do Nascimento Costa 6-A (728395-720708)
MARQUÊS DE POMBAL — Ribeiro & Castro, Ld.ª, R Duque de Palmela, 30-B-C (43409)
RESTELO — Belém, Rua Instião Vaz, 10-A, á encosta do Restelo (612248)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calçada de D Gastão, 30-32 (381279) ✻ **Pereira, Suc.**, R do Paraíso, 98-100 (863224) ✻ **Branquinho**, R dos Sapadores, 87 (842725)
SANTO AMARO — Dilena, Rua Aliança Operária, 49-A B (636620) ✻ **Costa**, R dos Lusíadas, 32 (636704)
SÃO BENTO — Confiança, Praça das Flores, 59 (327901)
MOSCAVIDE — Banha, Av Moscavide, 22 (251851 8)

● Linha de Cascais
ALGÉS — Miramar, R Ernesto da Silva, 81 (Tel. 212048)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes, 4 (Tel 243203 9)
OEIRAS — Central — Teixeira Simões, 18 (Tel 243005 8)
PAREDE — Macau, R J. Elias Garcia, 62-B (Tel 247178 5)
ESTORIL — S. João — S João do Estoril (Tel 261186)
MONTE ESTORIL — Ostende — R de Espinho, 1 (Tel 260391).
CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); **Nova**—Est. de Alvide—Fontainhas (Tel. 281044).

● Linha de Sintra
AMADORA — Amadora, P 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518) ✻ **Carmele**, R. Ellias Garcia, Lote 28 (Tel. 933803) ✻ **Helénica**, R. Ellias Garcia, 2 (Tel. 933613) ✻ **S. Jorge**, R Pedro del Negro, 5 Rebolelira (Tel. 938703).
DAMAIA — Confiança — Est Militar, Lote D (Tel. 971028).
QUELUZ — Zeller — R. da Republica, 83 (Tel. 950045); **Correia** — L. do Mercado, 3 (Tel. 950905).
CACÉM — Central — Rua Ellias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Simões — R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832).
VENDA NOVA — Nova — Rua Elias Garcia, 0 (Tel 933920)
COLARES — Colares — Abreia (Tel 299088)

● Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos do Costa 0 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel 224250).
ALMADA — Cristo Rei, Av Cristo Rei, 31-A (Tel 273498
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est Nacional 221-B (Tel 224141)
BARREIRO — Soares, Av da República (Tel 2273023
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa—Est dos Barrocas 50-A (Tel 2760182)
MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga (Tel 1239025)
MONTIJO — Montijo — R Almirante Reis, 93 (Tel 230035)
SESIMBRA — Leão — Av Salazar (Tel. 229471).
SETÚBAL — Soromenho — P Machado Santos (Tel 22691); **Alice** — P do Quebedo (Tel 23743).
SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho, 38 (Tel 2218560)

SERVIÇOS URGENTES

Teletones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 ✻ **Companhias Reunidas**, 537011 ✻ **Gazcidla**, 538821 ✻ **Gazcidla**, idem e feriados 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 **Voluntários**, 538524
POLICIA e G N. R — Serviços de emergência, 115 ✻ **Segurança Publica**, 866141 ✻ **Judiciária**, 535380 ✻ **Marítimo**, 326456 ✻ **Internacional**, 362721 ✻ **Viação e Trânsito**, 42205 ✻ **G.N.R. (área rural)** 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✻ **Enfermagem permanente**, 766161 ✻ **Enfermagem de urgência**, 43738 ✻ **Hospital de Santa Maria**, 775171 ✻ **Hospital de S José**, 860131 ✻ **Sangue, oxigénio e soros**, 771168 e 71169 ✻ **Transfusões, soros e oxigénio**, 538524 ✻ **Centro de Intoxicações (informativo)**, 767777 761176 e 763450.
TRANSPORTES—Aeroporto, 720111 ✻ **Caminhos-de-ferro**, (C. P.), 869029 ✻ **Caminhos-de-ferro (Estoril)** 861121 ✻ **Estação fluvial (T Paço)**, 325345 ✻ **Estação marítima de Alcântara**, 663195 ✻ **Estação Marítima da Rocha**, 672445 ✻ **Estação fluvial (Belém)**, 638511.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
(Maiores de 5 anos)
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

CHURRASCO
ABERTO ATÉ AS 3.30 H.
Rua das Portas St.ª Antão, 83
Telef. 323059

Música, muita música,
UM CARNAVAL ALEGRE!
UM CARNAVAL completo num ambiente DISTINTAMENTE FAMILIAR
VARIEDADES
INFORMAÇÕES PELO TELEF. 79 02 11
DIAS 7 8 9 10 Fevereiro
RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144
(2.ª CIRCULAR AO CAMPO GRANDE)
— Parque privativo para automóveis —
AR CONDICIONADO (Maiores de 15 anos)

CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42968

UM CARNAVAL DIVERTIDO E ALEGRE NO RESTAURANTE O POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
Marque já a sua mesa

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

CORREM 165 PROCESSOS DEVIDO À FALTA DE AFIXAÇÃO DE PREÇOS EM ESTABELECIMENTOS DO PAÍS

Refere-se a «falta de afixação dos preços» (165 em 330) a grande maioria dos processos instaurados na sequência da actuação das brigadas de fiscalização da I. G. A. E., na ultima semana. No entanto e segundo a respectiva nota daquela Inspecção Geral, o sistema traduz-se de uma maneira geral, num primeiro passo para a especulação Idêntica intencionalidade reflecte a contravenção designada de «*comércio irregular*» (74 e 330), a qual, na generalidade, consiste na falta de facturação das vendas do grossista ao retalhista, impossibilitando a Fiscalização de verificar a exactidão das percentagens legais na formação dos preços de venda ao público

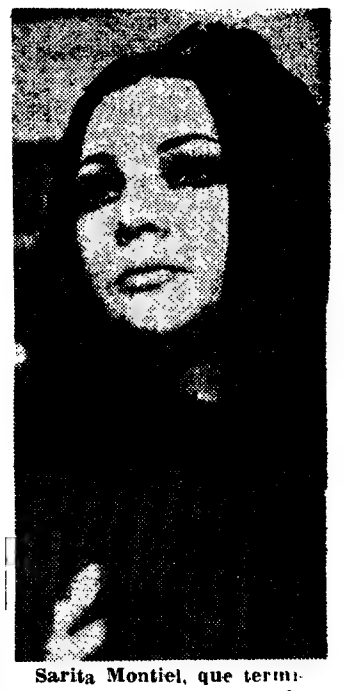
A especulação atinge todos os produtos e nem os jornais escapam. O relatório da I. G. A. E. recorda um caso: para comemorar as suas bodas de prata, o trissemanário «A Bola» publicou (a 29 de Janeiro) um numero especial, composto pelo jornal pròpriamente dito («cabeça», na gíria) e um suplemento numerado que habilitava os compradores ao sorteio de um automóvel. A grande procura do jornal levou o vendedor José Gomes a vender a «cabeça» isolada (por dois escudos), reservando o suplemento para transacção posterior. Em face de várias queixas e denuncias, a Fiscalização da I. G. A. E. resolveu actuar, prendeu o especulador apresentando-o ao competente Tribunal que lhe arbitrou fiança de três contos, enquanto aguarda julgamento. Entretanto, uma brigada de fiscalização da I. G. A. E. promoveu a venda de «A Bola» («cabeça» e suplemento, evidentemente) ao preço estabelecido, apurando nessa venda 590$00 que foram depositados á ordem do Tribunal

A especulação também se paga (mas só às vezes)

Damos conta de alguns dos casos relatados pela I.G.A.E. Em Braga, foram presos em flagrante delito os srs. Manuel José da Costa Ferreira e José Gomes Ferreira: o primeiro vendia carne de 16$00 a 32$50 e o segundo, carne de 24$00 a 40$00. Em Lisboa, foram processados: António Augusto Esteves, da Avenida da Republica, (carne de 40$00 a 61$00); José Fernandes, da Rua de Arroios (carne de 33$40 a 41$00); António Prim Franco Rodrigues, da Rua da Esperança (cobrou mais 38$60 numa venda de carne de 94$40), Carlos Alberto Neves, da Rua Marquesa de Alorna (carne de 14$00 vendida a 20$10); João Manuel Fernandes, do Mercado de Chão de Loureiro (carne de 50$00 a 61$00).

Estes casos são apenas alguns, dos mais escandalosos. Mas há mais. Aí vão exemplos de processos em mercearias: António Campos, de Guimarães (lucro líquido de 42,8% em amêndoa em casca e miolo); António Tavares, de Coimbra, Orlando Salvado, de Castelo Branco, Joaquim da Silva, de Lisboa (Av. Praia da Vitória) e Arnaldo Domingos, da Pontinha (falta de higiene e existência de produtos impróprios para consumo)

Muitos mais processos foram instaurados pela I. G. A. E. em diversos ramos de comércio. Apesar de tudo, a actuação das brigadas de fiscalização vai continuar



Sarita Montiel, que terminou a sua temporada teatral na sala do Zarzuela (em Madrid) e que iniciou uma digressão por Espanha com «Sarita e o seu espectáculo», encontra-se a braços com um problema: se não abater o peso (e adelgaçar o corpo) não poderá filmar (em Abril) uma película musical. Há cerca de quatro meses que Sarita Montiel segue o mais severo regime alimentar. O resultado tem sido contraproducente e a vedeta continua gordíssima e cheia de medo que surja uma crise que lhe provoque um colapso

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO ÀS 9 HORAS — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado ou encoberto, o vento era fraco a moderado de oeste, caíam aguaceiros nas regiões a norte do rio Tejo e havia nevoeiro em alguns locais do interior

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima, Praia do Rocha, 17°; mínima, Montalegre, 0,5°

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 H — Porto, 10°; Penhas Douradas, 1°; Coimbra e Lisboa, 8°; Portalegre, 4°; Faro, 11°; Funchal, 14°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera 11°,5; na água do mar, 13°

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento moderado de noroeste com rajadas; aguaceiros.

Amanhã
Nascer às 8 e 39
Ocaso às 19 e 03

Amanhã Dia 13 Dia 21 Dia 1

MARÉS.

PREIA-MAR: **Hoje** — 3 e 27 (4,1 m); 19 e 50 (3,9 m). **Dia 6** — 4 e 15 (4,3 m); 16 e 42 (4,1 m) **Dia 7** — 5 4,4 m); 17 e 30 (4,1 m). BAIXA-MAR: **Hoje** — 9 e 26 (0,8 m); 21 e 37 (0,8 m). **Dia 6** — 10 e 08 (0,6 m); 22 e 21 (0,7 m). **Dia 7** — 10 e 54 (0,5 m); 23 e 06 (0,7 m).

O FOGO DEVOROU A CORRESPONDÊNCIA NOS C. T. T. DE ÉVORA

ÉVORA, 5 — Cerca das 3 horas da madrugada, o guarda da estação dos C.T.T. desta cidade foi despertado por intenso cheiro a queimado e forte fumarada. Verificou, então, que o fumo irrompia da caixa de recepção de correspondência, instalada à entrada do edifício. Pediu a comparência dos bombeiros locais, que logo ali se apresentaram imediatamente, atacando o incêndio. Não puderam porém, evitar que ardesse toda a correspondência ali colocada depois das 22 horas, altura em que se verificou a ultima tiragem

Suspeita-se que se trate de fogo posto (até, possivelmente, por brincadeira mas brincadeira de muito mau gosto), estando a P. S. P. a proceder a investigações.

RESTAURANTE CASTANHEIRA
TELEF. 79 01 68 • LUMIAR • LISBOA, 5
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA

CARNAVAL

No amplo salão de festas:
4 noites (Sábado, Domingo, 2.ª-Feira e 3.ª-Feira)
2 «matinées» (Domingo e 3.ª-Feira)

(M/ 15 ANOS)

INFORMAÇÕES PELOS TELEFONES 790168 E 790507

SAIU HOJE

motor

HEITOR DE MORAIS GANHOU O III RALLYE TARGA

Uma completa reportagem pelos enviados especiais Augusto Vilela, Baptista dos Santos, Maria do Céu

24 HORAS DE DAYTONA

Uma lupa sobre a «temporada» (por Philippe Toussaint, do serviço de reportagem no Estrangeiro)

Acerca de micro-acabamentos (Bandeira de Lima)

Artigos — reportagens, entrevistas do momento actual no mundo do automóvel

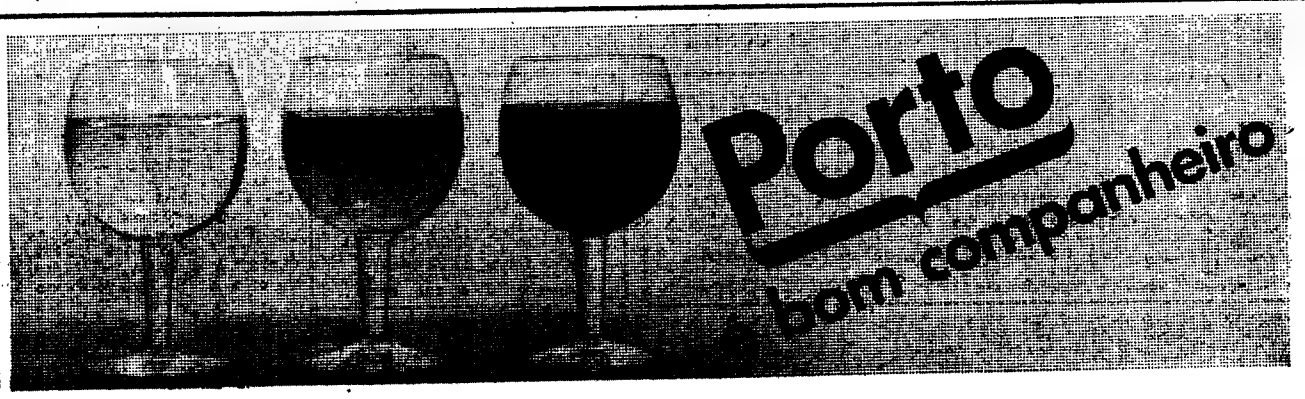
PREÇO 2$50

GRÉMIO NACIONAL DOS BANCOS E CASAS BANCÁRIAS

Os Estabelecimentos Bancários estarão encerrados, como de costume, na terça-feira, dia 10 do corrente, com excepção dos Serviços de Tesouro a cargo do Banco de Portugal.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1970.

A DIRECÇÃO



GAGEIRO

por José Cardoso Pires

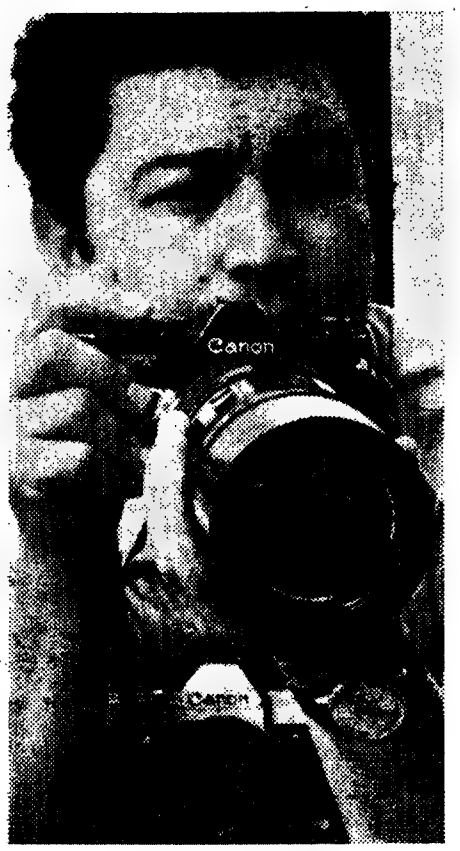
TAMBÉM aqui, acredite-se ou não, uma criança nasce maravilhada pela revelação do simples acto de existir. Ei-la. Está nas fotografias de Eduardo Gageiro, com toda a claridade comovente, toda a pureza em abertura que os *amateurs* ditos *d'art* jamais conseguem transmitir quando retratam uma criança. Esta conhecemo-la ao primeiro relance — identificamo-la como nossa, quero eu dizer — é a infância no claro-escuro inconfundível da nossa realidade mais íntima e, ponto importantíssimo, tem densidade interior porque nos sugere imediatamente referências morais, cumplicidades, recusas. Há nela a beleza difícil de um dia-a-dia que soletrámos sem darmos por isso, e agora vamos *aprendê-la* através de uma objectiva que é o olhar de Gageiro, tão sagaz, tão perscrutador.

Aprender uma criança. Vê-la nesta página e, logo a seguir, encontrá-la já tocada por uma indecifrável melancolia, como se de repente se tivesse apercebido das terríveis resignações com que terá de cumprir a existência. Volta-se para nós, para a objectiva, agarrada a um destroço de brinquedo, e nada pergunta, não estende sequer a mão a pedir companhia. A sua nobreza está nisso, nessa solidão indefesa. Depois, na foto seguinte, encontramos velhos.

ASSIM. De repente, velhos.

Também eles — é de prever — fizeram a sua entrega confiante nos anos da inocência. Surgiram dos escombros, aparecendo em primeiro plano com o tal olhar silenciosamente magoado. Foram, como todas as crianças de Gageiro, a imagem da infância traída.

E agora, do pé para a mão, transformaram-se em velhos, repare-se. Velhos de que idade? Vinte, trinta anos? Sessenta? Digamos cem? De concreto o que nos mostram estas figuras surpreendidas assim no seu «habitat» mais expontâneo e reveladas (*reveladas* como num laboratório sociológico) pelas sínteses de Gageiro, o que elas nos contam é que mourejam por feiras e por cidades, ocupando o breve espaço de pátria que lhes cabe. Que vivem o seu espectáculo solitário, a sua felicidade elementar: o casal almoçando ao sol, a mãe amamentando o filho, o repouso da sesta... Que para lá da vida essencial (comer, dormir e procriar são constantes da temática de Gageiro) lhes resta apenas o seu módulo de morte que é a velhice, a fé numa vidente, a campa, o sobrenatural...



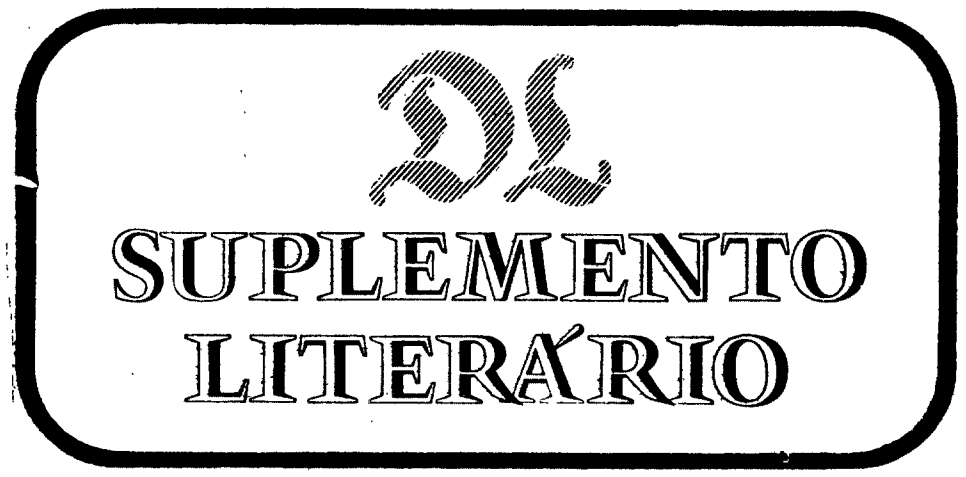
Sagaz, perscrutador, o olhar de Gageiro é todo o inventário da «Difícil Arte de Ser Português»..

E no entanto, sabêmo-lo de sobejo, cada idade tem uma cor própria de vida — é isso que distingue a criança do jovem, o adulto feliz do velho satisfeito. Mas não aqui, neste humilde risco de subsistir. Aqui e a esta hora, 1970, a infância desponta toldada pela sombra da velhice e isso já nos tinha dito Raul Brandão com os seus avejões da morte e do grotesco (o grotesco e certas personagens goiescas traduzem sínteses superiores em Gageiro) a ensombrearem uma paisagem humana povoada de velhos sem infância.

Quanto à idade da pujança, ao homem consolidado nos seus equilíbrios nada se sabe. A «Difícil Arte de Ser Português», que é afinal todo o inventário de Gageiro, só ocasionalmente e sem grande significado o poderia registar.

REGISTA, sim, o velho que está dentro de cada adulto — o sono. (Sono: libertação primária, compensação da carne e prefiguração da morte. Também a insistência deste motivo na obra de Gageiro propõe conotações elucidativas, penso eu...) Regista a infância que perdeu a infância, a beleza que resistiu à desventura e, para terminar, o terrível e quase macabro humor do quotidiano: «Páre, Escute e Olhe» — ordena ao cego o cartaz de uma passagem de nível; «*Totalmente Automática. Señora, usted también debe tener esta maravilla en su hogar!*», recomenda em castelhano publicitário uma legenda imposta na tenda (portuguesíssima) de uma vendedeira de castanhas. Inclusivamente, a ânsia de luz ou de uma fresta que permita partilhar do mundo dos outros, sendo uma

(Cont. na pág. 7)



A poesia de Ruy Belo

por Gastão Cruz

SENDO de natureza predominantemente discursiva, o surrealismo continha os germes da própria destruição do discurso e pôde, portanto, na poesia portuguesa, conduzir, quer às brilhantes e vastas arquitecturas frásicas de A Colher na Boca *de Herberto Hélder, por exemplo, quer ao desmantelamento sistemático de esquemas lógicos e sintácticos — em que há a considerar também a contribuição concretista — que caracteriza os textos mais representativos de* Poesia 61.

Ruy Belo optou por uma terceira solução, que é já, por assim dizer, uma síntese daqueles dois tipos de organização da linguagem, uma reconstrução do discurso, que obras como Dezanove Recantos *de Luísa Neto Jorge e* Os Ovos d'Oiro *de Armando da Silva Carvalho poderão igualmente documentar.*

O novo discurso, a que tive ocasião de referir-me, exactamente a propósito daquele livro de Luísa Neto Jorge, é, na realidade, uma reconstrução, na medida em que não se integra na linha da grande tradição discursiva da poesia portuguesa moderna do mesmo modo que nela se integram os de um Jorge de Sena, um Ramos Rosa, um Herberto Hélder. Entre o ponto em que essa linha se interrompera e o novo surto discursivo, existiu a radical contestação daquela, ou seja, a destruição do discurso.

Há nesse surto toda uma nova experiência de descontinuidade da linguagem, de utilização de elipse, de fricção entre núcleos semânticos: é ver, por exemplo, a técnica de justaposição de frases aparentemente desligadas umas das outras, originando um discurso cheio de silêncios, flutuações e surpresas, inexcedivelmente aplicada num poema como *Ácidos e Óxidos*, de *Boca Bilingue*, e largamente assinalável em outros poemas do mesmo livro, como *Saint-Malo 63*, *Guide Bleu*, *Organização Administrativa da Maçã*, *Das Coisas que Competem aos Poetas*, *A Inteligência Soterrada*, *Certas Formas de Nojo*, etc.

Em *Homem de Palavra(s)* (1), Ruy Belo estabiliza, digamos, a utilização de técnicas como a que acabo de citar, que faziam de *Boca Bilingue* uma obra eminentemente *experimental*, no único sentido em que vale a pena sê-lo — no sentido em que cada experiência é simultaneamente uma aquisição definitiva.

Entre essas experiências cumpre destacar ainda as admiráveis variações de *Laboratório* e de *O Jogador do Pião*, em que sucessivas substituições vocabulares e da estrutura frásica, por vezes mínimas, adentro do esquema do soneto e de um enquadramento imaginístico fixo, permitem uma visão interna da oficina poética, ao mesmo tempo que desmistificam os mitos da inspiração e do automatismo.

Outra das experiências de maior interesse que podemos encontrar em *Boca Bilingue* é a exploração exaustiva do estrato fónico, em correspondências paronímicas, aliterações, assonâncias, repetições, que são sempre muito mais que mero ornamento ou inconsequente capricho, como normalmente sucede na poesia que se rotula de experimental. Poderia dar inúmeros exemplos:

Ó palavra impossível, cuja vizinhança
a outra, útil ou portátil, não consente,
abre o poema, símil da lábil criança
(«Ce Funeste Langage»)

E tão terrível tudo, porque tudo
trazia no princípio o fim de tudo
(...)
permanecer na transparência rápida do [ser
(...)
Estás e nunca estás e o vento vem e [vergas
(...)
Que resto dás? Ou proventura deixas al-[gum rasto?
(Ácidos e Óxidos)

E tudo vai moendo e remoendo momen-[to a momento
triturando. colhendo arrepanhando
e a face ficta fraca e fixa
a fruta em frente fita, frígida fremente
(Mortis Causa)

Mas há uma maçã no cerne desta nossa [carne
ela cresce mesmo na cresta quando o [verão alastra
(...)
Riste e morreste meu amigo triste
Rugas no riso roem-nas os ratos
(A Inteligência Soterrada)

(Cont. na pág. 6)

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO

N.º 598

5 ● FEVEREIRO ● 1970

Esclarecimento

Referindo-se a algumas afirmações que fiz no Suplemento Literário do «Diário de Lisboa», de 22 do corrente, o crítico sr. Gaspar Simões aludiu na página literária do jornal «Diário de Notícias», do dia 29, dois factos que não são verdadeiros:

1. *Que eu lhe enviei, circunspectamente, os meus livros.*
2. *Que lhe telefonei a perguntar se os recebeu*

Gostaria, portanto, que ficasse esclarecido o seguinte:

1. *Os meus livros foram enviados ao crítico sr. Gaspar Simões pelas respectivas editoras como sendo propriedade das ditas.*
2. *Desconheço a pessoa do crítico sr. Gaspar Simões e também o seu número de telefone.*

É tudo. E obrigado.

ARMANDO DA SILVA CARVALHO

Foto-Maton

SABER QUE O RETRATO de Fernando Pessoa, morto de cirrose, de tristeza, ultramodéstia e incompreensão, lá porque o artista Almada Negreiros o pintou, foi vendido por mil e trezentos contos (1 300 000$00), valendo a tela incalculàvelmente mais que toda a obra literária em vida do poeta (pràticamente obrigado a suicidar-se, descrente da pátria e sem fortuna que lhe chegasse para farmácias e clínicos e sem clínicas) dá-me, saber da «verba», tal volta ao cérebro que julgo ter por inversão visceral o estômago ali agoniadíssimo... e no ventre, um pouco acima, o cérebro cheio de fome e de cansaços, atacado por incuráveis úlceras!

Há-de mestre Almada reconhecer que, sem a Obra poética, doutrinal, estética e analítica de Fernando Pessoa, o quadro seria apenas o excelente retrato de um qualquer senhor míope, escrevendo uma «ridícula carta de amor» à mesa de um café... Ainda que muito bem desenhado, terá de concordar por força que jamais quadro seu (nem mesmo os da Gare Marítima) atingirá semelhante «valor». Valor monetário, aliás, que o pintor Almada Negreiros culpa alguma tem de ter atingido.

E há-de o comprador igualmente reconhecer que a interpretação figurativa de semelhante génio e mártir do pensamento e do ritmo — como a Torre de Belém e a estátua de Camões — é pertença exclusiva duma Pátria inteira, por pequena que seja.

Ah! Não me digam que o retrato a óleo de um Poeta Maior português, concebido por um dos nossos melhores artistas plásticos, extraordinário vate ele mesmo, irá parar às paredes do salão de um atentíssimo industrial qualquer, ainda que de nome honrado... Não me digam, porque... porque me dá na gana estender aos pés da minha tarimba o túmulo de Inez e de D. Pedro — para o que me bastaria, quiçá, sorte no totobola duas vezes de seguida, o que já tem calhado, ou dois auspiciosos casamentos com um magnate americano e um armador grego, estilo rei-morto, rei-posto, ambos dispostos a satisfazerem-me pequenos caprichos.

Como na mansarda se deixa morrer o Poeta, desacarinhado e mal compreendido, como se lhe paga a patacos a *Mensagem* publicada — e depois de morto se lhe pinta o retrato vivo e, por capricho e negociável esperteza, se o adquire num leilão a exorbitante preço de resgate é para nós mistério indecifrável, embora as cifras o bem expliquem: pão-pão, queijo-queijo.

Gesto heróico o vosso, senhor comprador, posto que cheio de riscos imprevistos e incalculáveis lanças ou lances de peitos lusíadas (alfabetizados) — e parabéns, mestre Almada, mil parabéns pelo seu grande talento desta vez não desperdiçado, apesar da percentagem de hoje tardiamente exceder dez vezes o preço porque se dispôs há dezasseis anos a compreender com inteligência, fielmente retratando-o, um daqueles «que por Obras valorosas se vão da lei da Morte libertando», muito embora morram de desespero numa Pátria muda, cega e surda, para mais arruinada neste momento por adversidades comuns, que não permitem ao povo readquirir o que sendo de todos não devia pertencer a alguém em particular — mas que, por contradição económica, de facto pertence.

Porque meios conseguiu uma só pessoa anónima comprar (com esse folgado gesto tentando, talvez, libertar-se da Lei infalível) e que o pretenso Museu de Arte Contemporânea não quis sequer encomendar e como pode o pobre, esquecido Fernando Pessoa valorizar, agora que já não escreve, um objecto de arte só porque nele se descreve a sua esquálida, torturada figura é que realmente custa, pelo menos a quem for poeta e receba esmolas dos editores a par de gloriolas para depois e intragáveis louros venenosos, muitíssimo a compreender.

Mil e trezentos contos para possuir o impossuível! — que dirias tu, semi-assassinado-de-incompreensão, semi-suicidado-de-desalento Fernando?

—«Que tudo vale a pena se a alma não é pequena»... e encolherias os ombros estreitos, morrendo voluntàriamente de cirrose no fígado á mesma, após fazeres magríssimas contas e constatações ao restrictamente necessário para subsistir (1). Quem fala aqui em viver?!

N. C.-R.

(1) Em Fernando Pessoa «subsistir» significaria mais ser compreendido e atendido, directamente remunerado através do intelecto, evitando-lhe empregos que lhe evitariam o Génio.

Subprodutos

SE RETOMO um dos temas que se me foram tornando obsessivos é porque ele constitui um dos elementos para um possível diagnóstico da enfermidade comum. Refiro-me à IMBECILIDADE actuante, eficiente e dominadora.

O Imbecil, que, à sua maneira, sabe muitas coisas, ignora o espírito das qualidades. São-lhe absolutamente alheios o espírito de infância, de amor, de inteligência. Que importa, se o mundo está feito à sua medida, tem a sua fisionomia?

Um dos aspectos mais definidos da actuação compensadora do Imbecil revela-se através da difusão dos mitos menores que enformam aquilo que se convencionou designar como «consciência colectiva». Livros, palestras radiofónicas, a Imprensa, discursos, espectáculos, televisão, todo um arsenal epidémico serve o Imbecil, ajuda-o a controlar (que mania), o statu quo.

Desde a escova que não fere as gengivas até às pílulas de cultura condensada, tudo satisfaz a voracidade igualitária do Imbecil. As palavras manifestam uma das linhas de poder que o Imbecil utiliza para captar, colocar ao seu nível tudo o que lhe parece excedê-lo. A visão pessoal é uma bizarria que o Imbecil trata de reduzir às dimensões do seu (nosso) universo, pois ele não pode aceitar o desconforto das dissemelhanças.

Afirmo que 99,9999% de tudo o que se torna público confirma a nossa sujeição à mediocridade, reino feliz do Imbecil. E, que, por cobardia ou incapacidade, nos vamos deixando absorver pela avalanche de cretinices que nos caem em cima, oferecidas como matéria para reflexão.

A intervenção da literatura menor é tão poderosa que é ela que determina, em grande parte, os sonhos da massa amorfa que os pseudo-revolucionários por respeito (imbecil) por um vocabulário estereotipado designam como «povo».

*

De um autor (Bernanos):

«Je sais parfaitement que ces nouvelles digressions sur les imbéciles risquent d'assommer les lecteurs. Que voulez-vous, je fais de mon mieux, ce n'est pas ma faute, je ne me distingue plus très bien du troupeau et, s'il faut l'avouer, je m'aime mieux ainsi.»

MANUEL DE CASTRO

ARMANDO CASTRO

A EVOLUÇÃO ECONÓMICA DE PORTUGAL DOS SÉCULOS XII A XV

acaba de sair o 9.º VOLUME

* * *

DO ÍNDICE:

- A economia política da sociedade medieval portuguesa
- Esboço da teoria geral do sistema económico feudal português
- Alguns traços característicos da evolução económico-social até à crise de 1383

* * *

"Um clássico da bibliografia económica nacional, um autor que ninguém poderá ignorar quando estejam em causa os problemas da nossa história económica."

Mário Sacramento

431 págs. de texto ■ 10 extratextos, mapas e desdobráveis ■ 5 págs. de índices (onomástico e analítico)

Colecção PORTUGÁLIA

A HISTÓRIA □ A CULTURA □ A TERRA □ OS HOMENS

PORTUGÁLIA EDITORA
AV. DA LIBERDADE, 13-3.º LISBOA

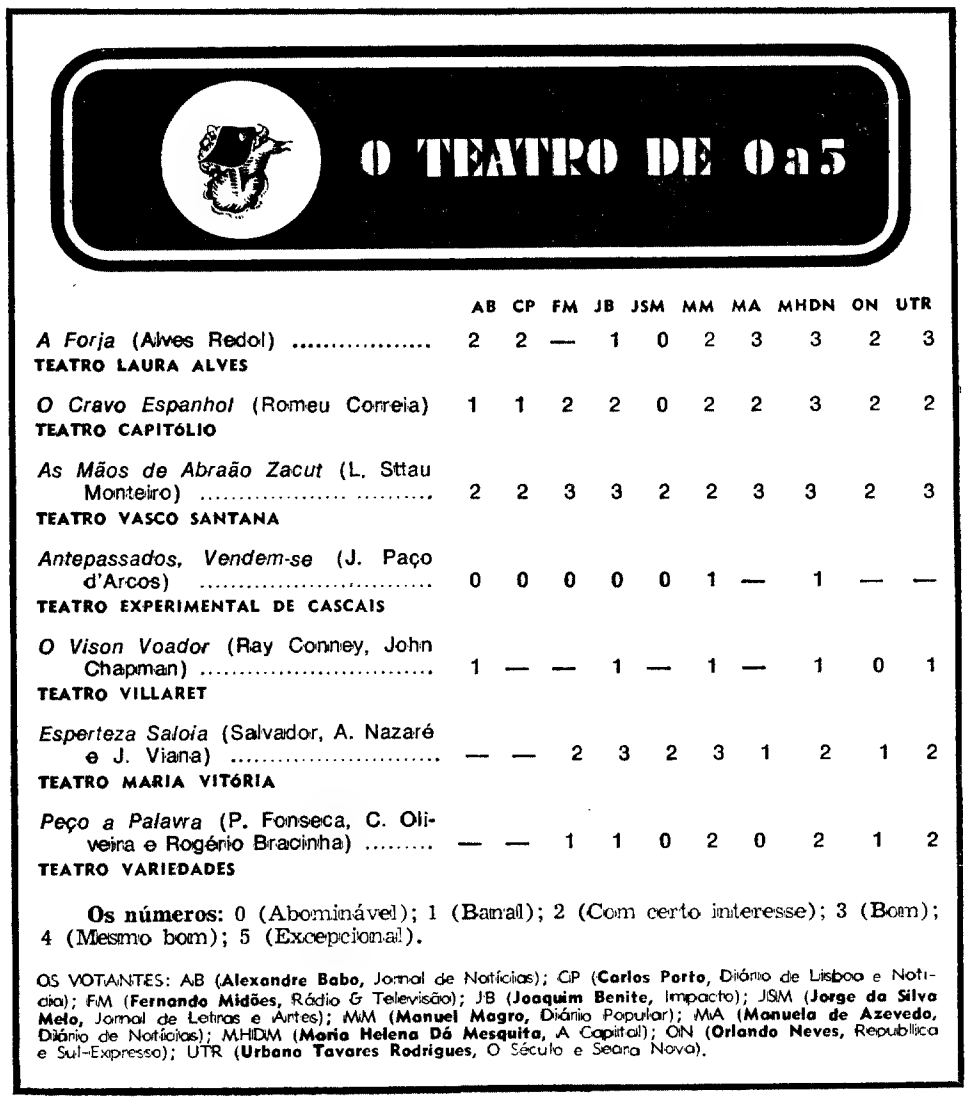
SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

CONTOS EXEMPLARES
3.ª EDIÇÃO

Prefácio de D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES
BISPO DO PORTO

Que estes Contos Exemplares de Sophia sejam recebidos e compreendidos como aquilo que são: pórtico sobre o "Aberto", não apenas no sentido rilkeano, mas, para além desse, no sentido joânico da Luz que se abriu para todo o homem que vem a este mundo!
(Do Prefácio)

PORTUGÁLIA EDITORA



O TEATRO DE 0 a 5

	AB	CP	FM	JB	JSM	MM	MA	MHDN	ON	UTR
A Forja (Alves Redol) — TEATRO LAURA ALVES	2	2	—	1	0	2	3	3	2	3
O Cravo Espanhol (Romeu Correia) — TEATRO CAPITÓLIO	1	1	2	2	0	2	2	3	2	2
As Mãos de Abraão Zacut (L. Sttau Monteiro) — TEATRO VASCO SANTANA	2	2	3	3	2	2	3	3	2	3
Antepassados, Vendem-se (J. Paço d'Arcos) — TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS	0	0	0	0	0	1	—	1	—	—
O Vison Voador (Ray Conney, John Chapman) — TEATRO VILLARET	1	—	—	1	—	1	—	1	0	1
Esperteza Saloia (Salvador, A. Nazaré e J. Viana) — TEATRO MARIA VITÓRIA	—	—	2	3	2	3	1	2	1	2
Peço a Palavra (P. Fonseca, C. Oliveira e Rogério Bracinha) — TEATRO VARIEDADES	—	—	1	1	0	2	0	2	1	2

Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

OS VOTANTES: AB (**Alexandre Babo**, Jornal de Notícias); CP (**Carlos Porto**, Diário de Lisboa e Notícias); FM (**Fernando Midões**, Rádio & Televisão); JB (**Joaquim Benite**, Impacto); JSM (**Jorge da Silva Melo**, Jornal de Letras e Artes); MM (**Manuel Magro**, Diário Popular); MA (**Manuela de Azevedo**, Diário de Notícias); MHDM (**Maria Helena Dá Mesquita**, A Capital); ON (**Orlando Neves**, Republica e Sul-Expresso); UTR (**Urbano Tavares Rodrigues**, O Século e Seara Nova).

A CRISE DAS OPÇÕES

por Rocha de Sousa

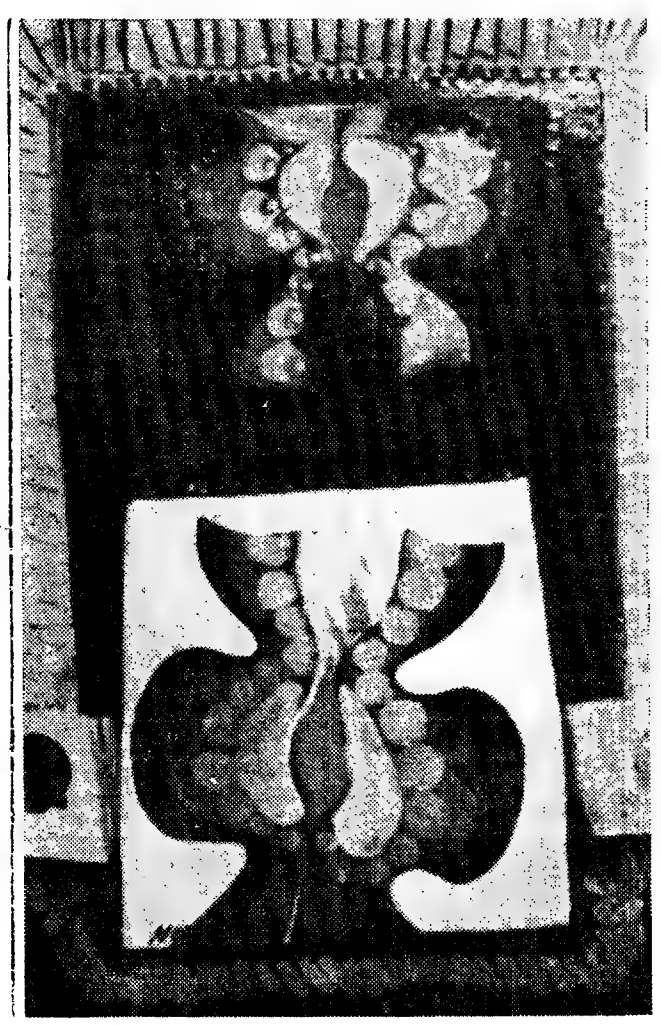
NOÉMIO RAMOS, autor que tem feito o seu trabalho solitàriamente, situa-se no plano de uma geração mais nova mas não lhe deve quase nada do ponto de vista social. Os artistas aparecidos nos últimos anos agrupam-se em torno de interesses práticos comuns, vivem em pequenos «clubes» de convivência restrita, fazem as suas exclusões e digerem as suas naturais suficiências. Noémio Ramos, por vocação ou por fatalidade, remete-se para uma situação de marginalidade em relação às pequenas comunidades instituídas, insistindo num trabalho que, apesar das suas inegáveis e evidentes absorvitáveis e evidentes absorções na estética contemporânea, se reveste de um pessoalismo nítido e beneficia das virtudes e defeitos que a solidão determina.

O AUTOR ELE-MESMO

Conseguimos entretanto que Noémio Ramos nos fizesse algumas declarações de fundo sobre a pintura, um pouco para o revelar no confronto possível com a sua obra, um pouco também para o introduzir no circuito das nossas ideias. De uma forma geral, vê-se que o autor, embora consciente de todo um processo de transformação irreversível da pintura contemporânea, decide-se por um comportamento indagador que não abdica das situações clássicas:

«*A pintura é o meio mais completo de pesquisa da forma.* E essa pesquisa constitui por si mesma uma finalidade *e leva-nos sempre a um objecto final (aqui o objecto é a própria pintura, objecto concreto e objecto estético). Se há artes que se definem pela sua forma espacial, volumétrica, etc., a superfície plana, a linha e a cor são ainda hoje os únicos meios de pesquisa dessa forma. Assim a figuração do pensamento de hoje, e enquanto não existirem outros meios, é a superfície que o assegura*».

NOÉMIO RAMOS
Galeria de Arte Moderna
S. N. B. A.



Pintura de Noémio Ramos

O problema é reposto com uma citação de Maurice Denis e aproxima-se fatalmente de uma opção ao nível individual, nas resultantes de um sistema poético:

«*A pintura é uma superfície coberta de cores de certa maneira reunidas»; mas não é só, porque o é antes de ser uma batalha. A mulher e o cavalo de batalha escondem todo o sistema poético que envolve a própria pintura. Sem dúvida que foi necessário que o artista tomasse consciência da composição da cor pura como base fundamental, depois das imagens na conjuntura de um espaço surreal, depois a própria imagem do quotidiano, ela mesma, ou em função dos vários tipos de leitura visual. «De certa maneira reunidas» não é mais do que a composição ou estrutura que as cores tomam, a qual não é produto de uma conquista individual, mas sim de um meio ou de uma época. Tanto que os tipos de arte colectiva vêm efectivar-se essencialmente pela estrutura da composição, enquanto que as artes mais individuais ficam mais próximas do sistema poético.*

Finalmente, as consequências sociais da opção possível:

É essencial aperceber-mo-nos das estruturas, não do aspecto visual ou das imagens, para o que é necessário uma análise do concreto e não uma simples impressão ou informação crítica.

Depois da análise da própria pintura no panorama histórico á luz das ideias do nosso tempo, análise que nunca termina, um estudo intensivo das ideias que mais influenciam a juventude dos nossos dias e uma análise sempre a enriquecer-se do nosso ambiente artístico, meio social e político-económico. Se na América aquilo que foi o movimento «hippie» pode ainda influenciar muitos jovens, na Europa Continental a base das ideias situa-se em Herbert Marcuse. Não esqueçamos o Maio de 1968 em Paris, o «Salon de la jeunne pinture», não em si talvez mas pelos problemas que se tecem á volta dele, que constituem os primeiros efeitos do pensamento de Marcuse, e não devemos esquecer o brilhante futuro das artes na base de todo o sistema de liberalização do homem. Não uma arte como refúgio da repressão e automatismo social, mas toda uma produção baseada na forma estética. A arte na base de toda a actividade humana.

A PINTURA POSSÍVEL

Para Noémio Ramos, no entanto, a realidade dos resultados que assegura repousa numa pesquisa que não toma inteira consciência das opções a que obedece. Em certo sentido, o seu trabalho limita-se a um exercício de elaboração que se processa teimosa e admiràvelmente no plano, isto é: não se altera para além das urgências essenciais da escrita, da acção, da pintura-pròpriamente-dita, resolvendo-se numa dimensão poética onde é possível descobrir de forma ambígua certas alegorias, certos simbolismos, certa preocupação figurativa de timbre irónico. Nisso, o autor está de acordo com as suas próprias ideias. Mas o autor está com as suas próprias ideias.

Mas o apelo da pintura, na tal superfície coberta de cores de certa maneira reunidas, omite o aparecimento decisivo de uma forma de intervenção mais vasta, mesmo a partir do universo figurativo enunciado.

De uma forma agradàvelmente desprendida, a pintura de Noémio Ramos demonstra o significativo interesse do autor por um modo de expressão que comprometidamente recorde o mundo e as suas localizações de ordem social. Trata-se de uma obra que se pode ver á luz das tendências neo-figurativas e *pop*, acusando uma organização de tipo narrativo constantemente camuflada mas que persiste e se reassume quer na estrutura do quadro, quer na repetição das imagens motoras. Afinal, as figuras consequentes desse processo são a sua razão de ser e definem, na violência e na velocidade, a sua consistência poética, individualista e irònicamente acusatória. A oficina continua naturalmente fiel a uma formulação técnica tradicional, manejada com instrumentos convencionais, traduzindo-se ou vertendo-se num estilo que se equilibra com certa dificuldade em face das opções e da sua possível mudança de direcção. Por enquanto, essas opções não parecem entender as estruturas da

(Cont. na pág. 6)

AUTORES de HOJE

Noémio Ramos situa-se no plano da geração mais recente dos pintores portugueses e tem demonstrado, desde quase o início do seu aparecimento em público, um interesse simultâneo pela pintura como fenómeno específico e pelo comprometimento da obra em relação às estruturas e realidades do mundo social. Individualista, reflexiva e poética, a obra deste autor tem demonstrado satisfatória coerência de processos, numa fidelidade manifesta à pintura dos meios tradicionais e à sua formulação expressiva. Hábil, desprendida e muito viva na sua imagética, a obra em referência orienta-se fundamentalmente pelos caminhos da nova figuração e das alusões «pop», assumindo um tom irónico, metafòricamente alusivo à realidade quotidiana. Por vezes aparentemente narrativa, contrói-se segundo registos que ocupam o plano como sequências de figuras alteráveis no significado e no objectivo acusatório que obliquamente perseguem.

Noémio Ramos

Noémio Ramos nasceu em Faro em 1946.

É diplomado em Pintura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Participou nas seguintes exposições colectivas: E. S. B. A. L. (trabalhos escolares de 1967-68); Casa da Imprensa, com um grupo de alunos da E. S. B. A. L.; Exposição da B. P. (1966); Salão de Maio da S. N. B. A. (1966); I Exposição de jovens artistas na Sociedade de Geografia de Lisboa (1967); Salão de Maio da S. N. B. A. (1967); II Salão Nacional de Arte (1967); III Salão Nacional de Arte, 1968.

GUIA DAS EXPOSIÇÕES

GALERIA INTERIOR *Rua Camilo C. Branco*	**JOÃO ABEL MANTA, SÁ NOGUEIRA E CONDUTO,** numa exposição de aplicação de tecidos, vitrais e «objectos», segundo uma linha que se dirige de um modo particular a novas tendências de consumo.
GALERIA *JUDITE DACRUZ* *Rua do Alecrim*	**JOÃO VIEIRA,** pintura e objectos, numa tentativa de renovação empreendida pelo autor em torno dos problemas habitualmente postos pela sua pintura.
GALERIA *DE ARTE MODERNA* *S. N. B. A.* *Rua Barata Salgueiro*	**LEONOR PRAÇA,** com uma pintura que se abre para o sonho, numa dimensão mágica e poética onde as formas tecem aparentes alegorias.
GALERIA QUADRANTE *Av. Luís Bivar*	**ANTÓNIO FERRAZ e PAIZANA,** numa exposição em que o trabalho de equipa aparece enunciado e em que a criação de objectos dinâmicamente articula os problemas do espaço e da percepção.
GALERIA 111 *Campo Grande*	**JASMIM,** com obras recentes em que a obsessão do erotismo empresta especial virulência à tradução irónica do mundo urbano. **EDUARDO NERY,** numa exposição em que a sua obra volta a esclarecer-se e a esclarecer-nos, retomando irònicamente a falibilidade do olhar e a necessidade de reinformar a visão.
GALERIA INTERFORMA *Av. Casal Ribeiro*	**RELÓGIO,** regresso de um artista e de uma fórmula estilística em combate contra o tempo.
GALERIA S. MAMEDE *Rua da Escola Politécnica*	**JOSÉ RODRIGUES,** o desenho como expressão poética e reflexão particular do olhar na realização visual.

A PROPÓSITO DO LEILÃO DUM QUADRO E DO PREÇO ATINGIDO

Folhetim artístico de José-Augusto França

COMEÇOU o ano de 1970 com um acontecimento insólito na vida artística portuguesa: um quadro de Almada Negreiros foi vendido por 1300 contos num leilão. Falou a Imprensa, espantaram-se as pessoas, comentou a «Brasileira» — muitos sentimentos se misturaram na apreciação do facto, e nem todos tiveram a devida nobreza...

De qualquer modo, 1 300 contos é quantia importante e nunca um quadro contemporâneo chegara a tal altura de cota. A propósito se lembrará que o «Grupo do Leão», de Columbano, foi vendido ao Museu de Arte Contemporânea, há cerca de vinte anos, por 400 contos. Contos estes que hoje valeriam em hipótese de emprego imobiliário, prédios ou terrenos urbanos, e segundo índices prováveis, e genéricamente, cerca de 1 600 ou seja 300 % mais.

É possível portanto comparar a capitalização imobiliária a uma capitalização em obras de arte, com nítida vantagem — e isto é um fenómeno novo na vida socioeconómica portuguesa. E novíssimo na vida sociocultural...

Acresce, porém, a situação histórica dos dois quadros que comparo, pintado um em 1885 e outro em 1956; por um pintor aceito como o maior da arte ainda contemporânea nacional, e por outro pintor que ainda é discutido. Mesmo que culturalmente possamos ultrapassar esta discussão em torno da obra e da personalidade ímpar de Almada Negreiros, devemos pôr a questão relativamente ao papel dos próprios quadros de que se trata, no contexto, em ambos os casos já histórico, da pintura portuguesa. Aí a importância do «Grupo do Leão» sem dúvida se avantaja — e contra o retrato de Fernando Pessoa, de Almada, joga o facto de ele ter uma réplica publicamente exibida na Fundação Gulbenkian.

Por outro lado, de coordenadas temporais, devemos marcar que quando o quadro do Columbano valia 400 contos valeu o de Almada 30, preço que por o pintar recebeu o autor. A menos que o «Grupo do Leão» valesse hoje 20 000 contos, o de Almada não valeria os 1 500 em que, com taxas e alcavalas, pelo menos importou em 1970. Conclui-se daqui que o quadro de Almada Negreiros beneficiou de uma supervalorização. Justificável ou não?

PERGUNTA mal posta e de impossível satisfação por não fazer sentido. Trata-se de um notável quadro, de grande qualidade pictural (por essa qualidade específica em 1956 me bati eu quando, por ideia mal feita, se pretendia que fosse apenas um desenho colorido) — e de uma obra que, havendo um Museu de Arte Contemporânea em Lisboa, aí poderia, ou deveria, figurar. Justificável é, portanto, qualquer preço que se lhe atribua, honorificamente. Passando à realidade económica reduzindo à sua relatividade o absoluto de uma valoração artística honorífica, outros factores jogam, que são de concorrência.

«Grupo do Leão»: há 20 anos, 400 contos

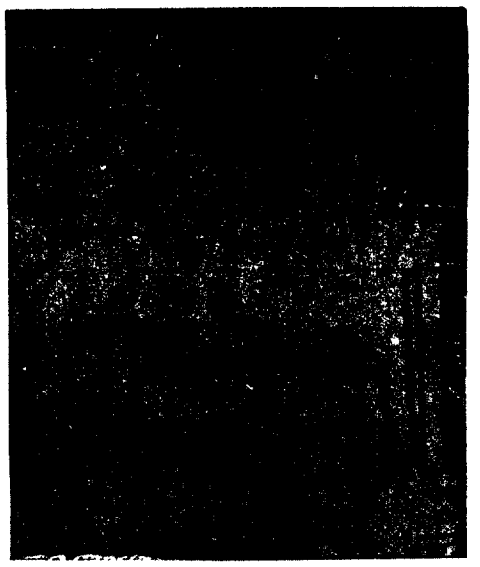
Que concorrência? Aquela que resulta do concorrer de valores afins, numa bolsa de «placements» em que *prática operatòriamente* temos de nos situar. Arte é arte, sem dúvida — mas sociologia é sociologia, e acima de tudo (ou antes de tudo) interessa conhecer os problemas que a sociedade má ou boa, põe.

ACONTECEU então que a obra de Almada Negreiros se supervalorizou. Por apreço real? Um tanto, mas não muito com certeza, dado o nível cultural que conhecemos. Por faro financeiro, então? Certamente, mas este faro, há que explicá-lo.

Ele vem de importação, sem dúvida. O facto de, pelo mundo civilizado fora, as obras de arte constituírem uma colocação de capitais extremamente vantajosa (há toda uma bibliografia sobre isso — e até uma notabilíssima tese de doutoramento na Sorbonne, há 3 ou 4 anos defendida, com grande eco), alertou capitalistas portugueses.

É possível marcar (e oportunamente o farei) o dia certo em que os preços das obras de arte contemporânea começaram a subir em Portugal — e foi, precisamente, a partir de obras de Almada que isso aconteceu. A morte de Eduardo Viana, logo depois, com toda a especulação em torno do seu espólio, constituiu um segundo elemento de «alta». A acção de um ou dois compradores recentes terminou esse movimento de tendência.

Estes os factos, que não cabe aqui esmiuçar — e esta a grande mutação do mercado português da especialidade que, não existindo, passou de repente a existir. Com o aparecimento e a definição de «marchands» já senhores de consciência profissional, contra o amadorismo ingénuamente intelectual de aventuras anteriores.



De 30 para 1300 contos!...

Não se suponha, porém, que ser «marchand» é apenas saber vender: há (sobretudo!) que saber comprar — escolher, com responsabilidade cultural que, traduzida embora em lucro comercial, não deixa por isso de representar um notável papel na vida artística, considerada no seu plano mais nobre ou mais idealista.

VOLTEMOS, porém, ao Fernando Pessoa pintado pelo Almada e aos 1500 contos que custou. Apenas para sublinhar, a mutação referida — e para ver nela um sinal de melhoria da própria vida pessoal, e portanto profissional, dos artistas portugueses. Que Almada tivesse recebido uma percentagem de 20% na mais-valia da sua obra, que uma lei ainda recente lhe garantiu, traduz, por outro lado complementar, tal melhoria. E consideremos ainda que o facto de lidar, mesmo por atacado, com obras de arte em vez de o fazer com massos de acções de sociedades anónimas (em geral miseramente desenhadas) vai polindo o gosto dos compradores, dando-lhes verniz cultural. Até porque (é a garantia moral da fábula) acabará por valer mais comercialmente o que for artisticamente melhor...

O Teatro não é para nós

por Carlos Porto

A DESCOMPRESSÃO que marcou os últimos meses do teatro que se faz em Portugal, permite tirar desde já algumas conclusões que nem por se quererem provisórias, deixarão, espero, de ser clarificadoras, sobre as possibilidades de haver em Portugal um teatro escrito e feito por portugueses, ou sobre o melancólico facto de o teatro não ser para nós.

É necessário sublinhar uma vez mais o facto de o teatro ser uma manifestação colectiva em que participam não só autores, encenadores, actores e técnicos, como, e de maneira decisiva, espectadores. Veremos, embora ràpidamente, como a intervenção dos diversos elementos que contribuem para a criação do espectáculo teatral, não pode deixar de constituir um arremedo, porventura sincero e bem intencionado, do que deveria ser a autêntica realização dos valores que definem o teatro.

Não estou a ver nenhum dramaturgo português a escrever qualquer coisa no género das «Cartas» que Jean Genet escreveu a Roger Blin quando este encenou uma das suas peças. O mesmo direi, aliás, em relação às pessoas que vão encenando.

A ausência de textos capazes em número quantitativamente significativo (digo isto, porque não esqueço o facto de haver textos no nosso teatro contemporâneo aparentemente conseguidos), corresponde, o que não é menos grave, a falta de homens de teatro naquela acepção que os Vilars e outros Brooks ajudam a definir. Vemos, por vezes, encenações aceitáveis, mas desde a morte de António Pedro e da «retirada» de Ribeirinho não vemos ninguém capaz de ser um autêntico criador.

O TEATRO é um arte em movimento. É necessário sempre apagar tudo, sempre esquecer, sempre recomeçar de novo. É a revolução permanente. Em cada dia devemos nascer pela primeira vez.

JEAN-LOUIS BARRAULT

No capítulo de actores, a situação não é mais animadora (com as excepções formar-se-ia uma pequena Companhia).

Mas se não formam actores, técnicos, etc., também não se forma público. O público é a maior vítima deste estado de coisas para o qual só contribui com a sua proverbial incapacidade de intervir. Já não falarei no caso da província. Já não falarei no caso de haver no Porto uma única sala de teatro (sem contar com a do Círculo de Cultura Teatral que leva pouco mais de 100 pessoas). Etc. Etc. Quero principalmente referir-me à falta de contacto das crianças com o teatro, ao facto de o teatro não ir às escolas, aos liceus, ao facto de ser tão raro o teatro universitário, mesmo assim a única esperança do nosso teatro.

O Teatro deve ser feito por todos

Se me sinto, de facto, quase totalmente desencantado, o facto não é apenas efeito das carências que apontei (e que estão longe de esgotar a lista). Deve-se, sobretudo, à realidade com que deparo todos os dias: a incapacidade de fazer um aproveitamento integral dos que valem alguma coisa; o desprezo que atinge alguns desses valores (quando tanto se fala em crise de quadros).

Em relação ao público, aliás, devo reconhecer que é negativa a sua melhor presença: a do público (jovem). É, contudo, a partir dessa negatividade que será possível um renascimento do teatro em Portugal.

Quando digo que o Teatro não é para nós, quero também dizer, mesmo sem pertencer a nenhum Instituto de Futurologia, que o Teatro é para as futuras gerações que, esperemo-lo, saberão merecê-lo — quer dizer lutar por ele.

DAS «LOUCAS» do sítio de Chaillot

por Lauro António

1

AO LER uma obra (aqui indeterminada, tanto podendo ser literária ou plástica, cinematográfica ou musical), o leitor está simultâneamente lendo essa obra, lendo o seu autor e lendo-se a si próprio. Quer isto dizer que quem lê lê penetrando no mundo criado pelo autor, ao mesmo tempo que franqueia os limites, da personalidade do próprio autor, das suas obcessões, dos seus temas e temores, das linhas vectoriais do seu pensamento. Ao entrar no mundo proposto pela obra, ao penetrar no universo do autor, o leitor está, acto contínuo, a descobrir-se a si mesmo, filtrando a obra através do seu próprio pensamento, das suas próprias reacções, da sua própria sensibilidade. Ler será, portanto, conhecer. Conhecer em direcções várias, das quais a não menos importante será a de se conhecer a si próprio. Importa pois ler activamente. Ler com consciência das implicações diversas que tal acto acarreta como consequência lógica.

2

Jean Giraudoux escreveu *A Louca de Chaillot* em 1945. Ao fazê-lo, propôs ao leitor (aqui leitor-espectador) um universo poético e uma linguagem simbólica, feitas de um humor amargo e subtil e de um vago e impreciso clima anarquizante. Saída da II Guerra Mundial, dos seus fantasmas, dos seus terrores, de uma angústia profunda que o pesadelo provocara, *A Louca de Chaillot* propunha caminhos, saídas de emergência, alçapões providenciais que poderiam situar-se nas caves de Chaillot, mas teriam de ser encontrados um pouco por todo o lado.

Após a destruição haveria que construir. Mas construir como? Construir sobre que bases, acreditando em quê? Giraudoux pergunta-se, interroga-se e pretende estender as suas dúvidas (AURÉLIE: — «Então ainda não reparou que todos esses homens que, por toda a parte, arvoram ares de construtores, estão secretamente dedicados à destruição? O prédio mais recente que construíram não passa de um projecto de ruína (...) A ocupação da humanidade não é mais do que uma empresa universal de demolição?»).

3

Brian Forbes ao adaptar ao cinema *A Louca de Chaillot*, de Giraudoux, teve, como qualquer leitor medianamente atento, de ler a obra de Giraudoux, penetrar no seu clima, estudar a sua linguagem, inquirir do seu estilo. Para além disso, e, sempre através da obra, Brian Forbes teria certamente que (saber) ler Giraudoux, isto é, tentar compreender os porquês da peça, as causas do seu estilo, as razões íntimas que obrigaram Giraudoux a criá-la. Esta dupla interpretação da obra que tem como corolário directo muitas outras interpretações (de ordem sociológica, política, estética, moral, e mais) é, porém, uma interpretação de ordem pessoal. Brian Forbes, como qualquer leitor, leu na primeira pessoa do singular. Leu *A Louca de Chaillot* e daí resultou uma determinada leitura de *A Louca de Chaillot*. Uma leitura que, ao ser concretizada no cinema, se soube (depois) ser uma leitura actualizada, revista e aumentada. Uma adaptação que, pelas características próprias do acto de criação, terá que ser referenciada ùnicamente a Brian Forbes (isto para lá de todas as razões internas e externas que tenha ditado — ou obrigado —, essa visão pessoal).

4

Não serão deslocadas (agora e aqui) algumas considerações sobre a propriedade ou impropriedade da adaptação de uma obra escrita numa determinada linguagem a uma outra (nova) linguagem.

O problema das adaptações assenta no que poderemos chamar questões de princípio. Primeiramente cremos que toda e qualquer adaptação é legítima. Esta última deverá ser olhada como uma *nova* obra (sugerida por outra) e não como uma adaptação que se quer ùnicamente fiel ao seu modelo. Porque, fidelidade por fidelidade, há que convir que o modelo é sempre mais fiel a si próprio que qualquer futura adaptação. Donde se conclui que uma adaptação só se justifica desde que enriqueça a obra-base com prolongamentos e interpretações novos que a sua (nova) leitura não pode deixar de proporcionar.

Para além disto, uma adaptação nunca pode ser sinónimo de servilismo ou de ilustração inconsequente numa linguagem diferente. Haverá que recriar não só o

(Cont. na pág. 7)

K. Hepburn: perder um pouco de si própria...

Quarenta e três anos depois

Foi deputado, vice-presidente da Comissão Executiva da C. M. de Lisboa, governador civil substituto (de Lisboa também), presidente do Conselho Central das Juntas de Freguesia (ainda de Lisboa). Jornalista, é director-adjunto da «República». Um nome ligado aos de Pessoa e Sá-Carneiro, com colaboração no «Orpheu»: Alfredo (Pedro) Guisado. Regressa á poesia cinquenta e sete anos depois da estreia («Rimas da noite e da trsiteza») e quarenta e sete depois de «As cinco chagas de Cristo», que fora o seu último volume. Título da nova obra: «Tempo de Orfeu». Na colecção Poetas de Hoje, da Portugália, com prefácio de Urbano Tavares Rodrigues.

Anda tudo ligado

Tem vinte e poucos anos e três livros publicados; faz o estágio de jornalismo no «Diário de Lisboa», frequentando simultâneamente a Faculdade de Letras de Lisboa. Os Cadernos Peninsulares vão publicar-lhe (dentro de dias) mais um volume de poesia — «Isto anda tudo ligado» — que o confirma como dos nossos melhores jovens autores. Nome: Eduardo Guerra Carneiro. Entretanto a mesma série lança «A poesia deve ser feita por todos», colectânea de poemas e textos de reflexão crítica assinados por Carlos Loures.

Regresso de Férrer

Nos anos quarenta, em Coimbra, publicou dois romances: «Rampagodos» e «Ilha doida». Mais tarde radicou-se no Brasil, de onde só vieram notícias (literárias) suas em 1968, com «A morte segundo Estácio de Saa», lançamento da editora carioca Livros de Portugal. Agora está outra vez cá e a S. E. C. acaba de colocar nas livrarias os seus «Objectos recuperados», sessenta poemas sobre o tema da mudança. Nome: Joaquim Férrer.

Citação de Pessoa

Na posse (recente) dos novos presidente e vice-presidente da C. M. de Sintra uma novidade — a citação de Fernando Pessoa por um homem da administração, o dr. Afonso Marchueta, governador civil de Lisboa. Eis o passo a que nos referimos: «Não creio ser descabido falar em poesia, porque a poesia tem sempre e em tudo o seu lugar. Todos precisamos dela, ainda que, por vezes, não sintamos que assim seja. A «Mensagem» de Fernando Pessoa tem poemas admiráveis que ajudam a melhor avaliar a grandeza das coisas, e a melhor lutar por elas. Há um verso seu, que sempre e muito me impressionou: «Deus quer, o homem sonha, a obra nasce». Porque Deus quer, o homem sonha, e porque o homem sonha a obra nasce. Ai do homem que não sonha! A obra que não nasceu do sonho, não nasceu de ideal. E sem ideais, que o mesmo é dizer sem alicerces, toda a obra ruirá.»

Carolina Michaëlis

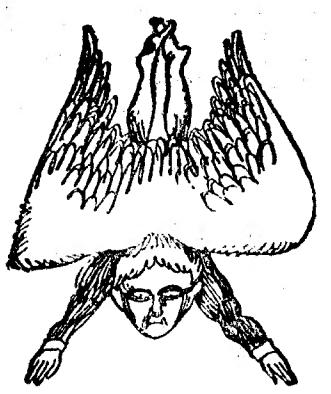
A revista «Ocidente» reuniu os «Dispersos — originais portugueses» de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Algumas figuras em índice: D. Sancho II, Martim Codax, André de Resende, Diogo Bernardes, (frei) Agostinho da Cruz e Uriel da Costa. Quase 470 páginas de densa erudição desta «fada que a Alemanha enviou a Portugal» (**apud** Menéndez y Pelayo), romanista ilustre falecida há quarenta e quatro anos no Porto.

Pela morte de Redol

«Notícia da morte de Alves Redol» é um poema de José Ferreira Monte que o autor publicou há dias em **plaquette**. De Castelo Branco, embora impressos na capital, vieram estes versos sentidos, produto da emoção e, no recorte literário, parentes próximos do neo-realismo de quarenta.

Nas livrarias

Nas livrarias, merecendo registo especial: «Os novos cadernos do major Thompson», de Pierre Daninos (Bertrand); «Combate ao crime», de Wolfgang Wehner (Civilização); «Cardeal Newman: ecumenismo e fidelidade» (idem); um original de teatro, «Da epopeia», de Duardo Carvalho, com o subtítulo «peça em três actos, proposição e um acto-proposta: epílogo» (Estampa); e a terceira edição de «La Ciociara», de Alberto Moravia (Portugália).



«Tropeço de ternura por ti»

por Alexandre O'Neill

É SIMPLES a separação.
Adeus.
Desenlaçado o último abraço, uma pressa de darmos costas um ao outro.
Já não há gestos. O derradeiro (impossível) seria não desfazer o abraço.
Pressa de cada um retomar o outro na teia lenta da remembrança.
Não desfazer o abraço. Ficar face encostada ao niagara dos cabelos.
Sobram fotografias, voz no gravador, um bilhete na caixa do correio. Sobra o telefone.
Tensão-telefone. Experimentada. Sofrida.
Tensão-telefone. Possibilidade de voz não póstuma.
No gravador, voz de ontem, de anteontem. De há anos.
Sobra o telefone. Mudo.
Retininte?
Sobrarão as cartas. Sobra a espera.
Na teia lenta da remembrança, retomo-te em memória recente: na praia de ternura onde nos enrolámos e desenrolámos desesperados de separação.
Sobra a separação.

A poesia de Ruy Belo

(Cont. da pág. 1)

Ruy Belo trabalha, pois, a poesia como um *homem de palavras*, como alguém para quem a linguagem não é um meio mas um fim, isto é, como um poeta. E, portanto, também como um *homem de palavra*. O título do novo livro de Ruy Belo significa precisamente que o *homem de palavra* e o *homem de palavras* são, no poeta, um único e o mesmo indivíduo. Ou seja, que a autenticidade do poeta é a autenticidade da sua linguagem.

Disse, há pouco, que no volume agora publicado se estabilizam as conquistas expressiva que fizeram de *Boca Bilingue* um dos livros fundamentais da poesia portuguesa moderna. Na verdade, a tão característica construção dos poemas de Ruy Belo, que, embora em *Boca Bilingue* viesse a alcançar um rigor e uma amplitude de realização mais acentuados, podia assinalar-se já em *Aquele Grande Rio Eufrates* e *O Problema da Habitação — Alguns Aspectos*, persiste em *Homem de Palavra(s)*. Um poema como *Mudando de Assunto* poderá exemplificar perfeitamente essa construção, baseada numa constante diferenciação de assuntos *(mudando de assunto*, diz o autor, se bem que talvez num sentindo um tanto diverso) ou até de motivos, de frase para frase, assuntos e motivos entre os quais existe uma relação temática elíptica:

Entramos no inverno, longo tunel
A noite cresce como a orla da maré
numa manhã de mar e de neblina
Nunca mais saberei quem passou no cor-
[redor
Estendo-te a mão por cima destes sé-
[culos, Agrippa d'Aubigné
Se eu pudesse, Lutero, fazer alguma coi-
[sa por ti
Assim recordo apenas multiplas cadeiras
[onde me sentei
e aquelas coisas todas que esqueci
Alguém alguma vez pela vidraça de um
[café
me terá visto e terá querido ser quem
[sou?
Pintaria Matisse a Dança II
alguém leria a Trilogia das Barcas
«Foi assim que voltei para França»
Para onde voltaste verdadeiramente,
[Erasmo?
Estou tanto na velhice como nestes dias
compro o meu sono em comprimidos na
[farmácia
juro que nunca vi a invencivel explosão
[das folhas
e choro tudo o que passou só porque fui
[capaz
Eu não dispenso a morte eu quero mor-
[rer muito
levar de uma só vez aquilo que me leva
e ficar a esquecer no meu mais puro
[espanto
Não perguntem quem sou
neste momento em que recordo e escrevo
Alguma parte minha banha agora
o mar Mediterraneo do verão?
Farão ski em Sesimbra ao fim da tarde
ou em Vila do Conde uma certa manhã?
E uns olhos azuis no comboio para Ver-
[salhes?
E que fazer agora destas mãos
da cara que mostrar todos os anos par?
Entramos no inverno. Quantos são?
Tenho uma vasta obra publicada
e tenho a morte em preparação

Estes saltos de sentido entre proposições contíguas, tão nítidos no poema que acabamos de ver, poderão observar-se em muitos outros do ultimo livro de Ruy Belo. *Senhor da Palavra*, *Um Dia Não Muito Longe Não Muito Perto*, *Cantam na Catedral*, *A Medida de Espanha*, *Da Poesia que Posso*, *Através da Chuva e da Névoa*, *Idola Fori*, *Corpo de Deus*, e outros, poderiam, em maior ou menor grau, mostrar-nos a referida tendência para valorizar a proposição como unidade estrutural. O próprio poeta parece ter consciência da relativa independência e da importancia desse elemento na sua poesia, ao intitular *Algumas Proposições com Crianças* e *Algumas Proposições com Pássaros e Arvores que o Poeta Remata com uma Referência ao Coração* dois dos seus poemas agora reunidos. Por vezes, o nucleo é um pouco mais amplo que a frase e, embora nem sempre possamos determinar-lhe rigidamente os limites, penso que, num poema como *Exercício*, esse nucleo tende a identificar-se com a estrofe:

Nos dias em que o vento anima a roupa
suspensa desta ou daquela janela
o meu olhar perdido não a poupa
e vai seguindo os movimentos dela

Aqui estou tristezas alegrias
Nesta colina do instante canto
esta vida indecisa de maresias
ó vida ameaçada enquanto

a minha grande esperança é o café
Agora que o tomei
com pressa e frenesim até
o que vai ser a vida ainda não sei

Mosteiro dos Jerónimos fachada
impassivel ao vaivém humano
aqui ando eu perdido de ano em ano
ó vida noves fora nada

Nos dubios dias da destruição do verão
quando tudo parece ir acabar
regresso então á versificação
e encontro nos papéis o meu segundo
[mar

Como se vê, há uma clara independência de cada estrofe no que respeita ao assunto e uma tarefa aliciante para o leitor poderá consistir em reconstituir as ligações temáticas entre elas, aparentemente suprimidas.

Os saltos de sentido que tenho vindo analisando na poesia de Ruy Belo produzem-se, muitas vezes, entre zonas temáticas diversas. Porém, dentro da mesma zona temática e sem que se dê sequer uma mudança de assunto, pode haver deslocações — no tempo, por exemplo. Este foi, desde sempre, de resto, um dos grandes temas da poesia de Ruy Belo.

Quem mais que eu
quem foi esqueçeu?

— interroga o poeta em *Idola Fori*. E, no entanto, a volupia de recordar avassala-o. Há poemas inteiramente erguidos sobre o passado, como *Vat 69*. E as deslocações a que me referi são frequentes. Alguns exemplos:

O pôr-do-sol em Espinho é termos sido
[felizes
(Literatura Explicativa)
As casas que eu fazia em pequeno
onde estarei eu hoje em pequeno?
Onde estarei aliás eu dos versos daqui
[a pouco?
(Oh as Casas as Casas as Casas)
Que será feito de tanta gente que eu vi,
não dessa gente agora, mas de quando
e como a vi?
(Estudo).

Ao ler versos como estes, pensamos em Fernado Pessoa, é claro. E é justamente em Fernando Pessoa que Ruy Belo quer que nós pensemos ao lê-los, pois ele o cita em *Da Poesia que Posso: Aqui na orla da praia mudo e contente do mar;* e nos diz, no mesmo poema: *Pessoa é o poeta vivo que me interessa mais.*

Não esqueçamos que a poesia de Ruy Belo, como muitas das mais importantes poesias do nosso século (e não só do nosso século), é também uma poesia da cultura poética (e da cultura, sem mais). Citar é hoje um processo corrente na poesia que se escreve, porque a poesia também se faz com a poesia que já está feita. E não é, de modo nenhum, a presença de Pessoa a única que aprendemos em *Homem de Palavra(s)*. Podemos encontrar, por exemplo, o vestígio de Bocage *(um dia em que me achei mais pachorrento)*, muito da lição de Cesário (também citado textualmente, de resto, no poema *Estudo: «Se eu não morresse nunca e eternamente / buscasse e conseguisse a perfeição das coisas!»)*, uma abordagem da vida provinciana portuguesa, sobretudo nortenha, que poderemos aproximar de António Nobre.

Eu a miséria da minha terra
contempleia-a ao natural

— diz-nos Ruy Belo. Também António Nobre contemplou as pústulas expostas nas romarias de Portugal, esse Portugal que encontramos reproduzido nas páginas de Ruy Belo com uma fidelidade talvez inigualada por qualquer outro poeta dos nossos dias. Sim, é de Espinho, e de Vila do Conde, da Póvoa de Varzim, de Mangualde, de Duas Igrejas, de Santarém, de Esposende, da Senhora da Guia, de Lisboa, de Vila Real, do rio Cávado, que nos fala esta poesia. E ainda dos homens do cais, dos estivadores:

Só eles suam mas só eles sabem
o preço destar vivo sobre a terra
Só nessas mãos enormes é que cabem
as coisas mais reais que a vida encerra

E do *Portugal futuro*, pelo qual o poeta é capaz até de sacrificar o seu gosto de recordam o passado:

Gostaria de ouvir as horas do relógio
[da matriz
mas isso era o passado e podia ser duro
edificar sobre o Portugal futuro

Ruy Belo foca de frente *os reais problemas quotidianos que ainda não há muito a grande arte desconhecia*, como ele nos diz no poema *O Maná do Deserto*. Foca-os com a firmeza de um *homem de palavra* e sem esquecer nunca que um *homem de palavra* é, em poesia, igualmente um *homem de palavras*.

GASTÃO CRUZ

(1) — O presente texto foi lido no passado dia 24 de Janeiro, na Livraria Galeria 111, precedendo poemas do livro *Homem de Palavra(s)*, de Ruy Belo.

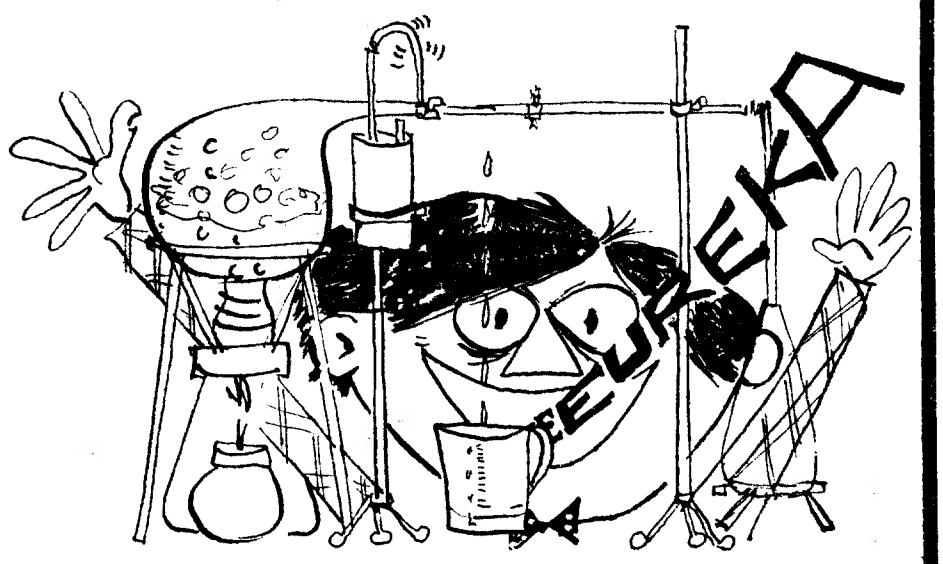
A crise das opções

(Cont. da pág. 3)

realidade, como o próprio autor insinua, antes levantam um processo de contestação irónica das suas aparências no confronto das significações anedóticas. Há aqui uma figuração feita de sequências, da arrumação cronológica das formas no plano, decorrendo de uma experiência tecida e alimentada no real. Isso faz-se melhor do que nunca, por uma espécie de alegoria contundente, quase local, quase popular, desnudando ambiguamente o quotidiano, as tradições, os mitos, a esclerose de certos hábitos, o sonho e a infância.

Duas coisas fundamentais se confrontam na actual pintura de Noémio Ramos: as virtudes de uma força que lhe conferem uma densidade poética particular e os defeitos de uma indecisão ou de um formulário que não lhe permitem assumir as opções que parece perseguir.

II CONCURSO
PHILIPS
PARA JOVENS CIENTISTAS E INVENTORES



Se tem mais de 12 anos e menos de 21, ponha à prova a sua capacidade inventiva e espírito científico participando no II Concurso Nacional Philips.
Envie-nos trabalhos originais e inéditos sobre Física, Química, Matemática, Biologia ou Engenharia e poderá ganhar uma viagem à Holanda, com permanência de sete dias, e um prémio no valor de 12.000$00.

PHILIPS
Peça o regulamento completo deste Concurso à
PHILIPS PORTUGUESA, s.a.r.l.
Apartado 1331, Lisboa 1

Gageiro

(Cont. da pág. 1)

ilustração quase obcessiva de Gageiro, é por vezes reforçada por um acento insólito e dramático (veja-se o rosto do velho, espreitando por baixo dos pés dos semelhantes, veja-se o carregador que sobe o Chiado como se tivesse rompido com a cabeça um painel de cenário, etc.)

Esta capacidade de detectar o insólito decorre evidentemente de uma identificação activa do artista com o meio. Requer um hábil poder de «distanciação» e assenta numa acuidade crítica que só um conhecimento íntimo do ambiente pode permitir. Caso contrário, reduz-se à anedota ou ao achado superficial, o que não tem nada a ver com o significado de grande dimensão com que Gageiro sabe revestir o pormenor insólito.

Isto, penso eu, afasta-o da abominável família dos partidários da bela *pâtine* ou do grão trabalhado e de outros efeitos clandestinos que fazem o comércio e os altares medalhados da «fotografia de cavalete». Depois, elegendo o pormenor pelo contexto e não por atributos isolados, Gageiro põe à prova a sua inconfundível óptica portuguesa, uma vez que é na síntese do apontamento e na felicidade com que se apontam associações locais verdadeiramente representativas de uma época e de uma sociedade que todos os bons fotógrafos, como todos os bons escritores, se conseguem prolongar para além do tempo e dos cosmopolitismos de circunstância.

NADA mais repugnante aos olhos do admirador de arte do que a pintura que se pretende fotografia ou da fotografia (a de cavalete, passe a expressão) que se pretende pintura. Uma coisa e outra já lá vão. Como já lá vão os muitos campeões de salão que se cruzaram entre si reproduzindo cisnes desdobrados em espelhos de água, melancolias de pôr-de-sol e rostos de velhos inventariados ruga a ruga. Esses, preocupados com a realidade aparente tinham da máquina uma ideia bastante limitada e da fotografia uma concepção ilustrativa — e numa altura em que as rivalidades convencionais da expressão plástica perderam sentido, estas ambições ingénuas não têm lugar que se lhes ofereça entre o documento e o experimentalismo.

Gageiro, por isso mesmo, define claramente o seu campo de acção. Nada de *ersatzen*, nada de

frases «literárias» a encher a fotografia. Como a portuguesíssima Irene Lisboa, que construiu toda uma coloquial e «quotidiana» elementaridade, também ele alcançou uma difícil simplicidade de estilo, uma linguagem quotidiana (que é a do repórter) para nos transmitir uma atmosfera verdadeiramente pessoal e do nosso tempo. Daqui, desta data.

Através dele, reconhecemos que a fotografia vê o que o olhar não abrange, aquilo que a nossa atenção visual deixa escapar. E isso ás vezes é muito. É o inventário das nossas singularidades, a contribuição para nos definirmos a nós portugueses, estas criaturas tão-pouco meditadas pelo mundo e tão sobrecarregadas de História, de viagens, invernias.

Só realmente o amor e a vivência, e uma certa densidade do olhar, podem fotografar um país com tamanha verdade e introduzir-nos, como Gageiro, na «Difícil Arte de Ser Português».

JOSÉ CARDOSO PIRES

Aquilino, Santareno, Torga

(Cont. da pág. 8)

da escolha de tais assuntos, de tal temática, que, esta, em si não me parece anacrónica. Se a produção de tais situações-limite na realidade, é hoje entre nós de reduzida probabilidade, a psicologia subjacente que conforma essa realidade — a da segregação dos *anormais* ou *perigosos*, sob qualquer aspecto — parece-me permanecer, de um modo geral, e actuar sob as mais diversas *formas transferidas*. Todo esse comportamento de comunidades afundadas na ignorância, na miséria, no primitivismo dos instintos, na luta rude por uma sobrevivência e nos tíbios protestos dos «fracos» explorados pelos «fortes», com as concomitantes estruturas da superstição, do fatalismo e das sacralizações primárias, infelizmente são ainda do nosso tempo. E a repugnância pelo *anormal* — o que se afasta do comum — e pelo *perigoso* — o que, de qualquer forma, pode perturbar e fazer oscilar ou alterar a sociedade ou até só um qualquer «pequeno grupo» — desde os criminosos aos santos, desde o apático e o idiota até aos revoltosos e transformadores e aos «cérebros» criadores, todos esses foram sempre objecto de perseguição e de ostracismo, quando não de aniquilação.

NATÁLIA NUNES

Das «Loucas» de Chaillot

(Cont da pág. 5)

esqueleto temático como a própria linguagem. Recriar diz tudo: criar de novo.

5

Ainda sobre adaptações, dois exemplos (nada exemplares):

Bondartchuck, ao filmar *Guerra e Paz*, de Tolstoi, optou pela fidelidade rigorosa de um ilustrador pouco inspirado. Ilustrar sem recriar é empobrecer. Esta atitude respeitadora dos clássicos, longe de beneficiar o texto de que se serve, facultando-o a uma maior audiência, só pode ser prejudicial para ambas as partes, já que nem serve o cinema (logo, o seu público), nem a literatura (reduzindo o romance a uma ossatura que este efectivamente transcende).

Segundo exemplo que a memória recorda: *O Estrangeiro*, que Luchino Visconti foi buscar a Albert Camus com idêntica reverência de intenções. O resultado foi um filme literário pela forma e híbrido pela proposta humana e política que oferecia (digamos, em rápido parêntesis que se quer de justiça, que o filme de Visconti conseguia, ainda assim, uma recriação fílmica do mundo de Camus muitos furos acima daquela que nos era proposta por Bondartchuck da obra de Tolstoi). O erro mais grave de Visconti terá sido perfilhar como suas, opções humanas e políticas que não eram realmente as suas. Camus tinha do homem e da sua situação no mundo perspectivas seguramente muito diversas daquelas que Visconti vem ostentando ao longo da sua carreira. Ao tentar manter-se fiel a Camus, Visconti atraiçoava-se a si próprio. Acrescente-se que tal traição nada teve de positivo, pois o romance de Camus (concordemos) era muito mais fiel a si mesmo que qualquer leitura pretensamente fiel feita no cinema por Visconti.

6

Regressemos a Brian Forbes. A sua adaptação é, primeiramente, uma traição a Giraudoux. Uma traição temática (o que, por si só, poderia não ser crime, como procurámos atrás demonstrar) e uma tentativa (malograda) de traição à própria estrutura teatral da obra. O que acontece, na realidade, é que o produto final desta adaptação é um malogro total sob qualquer aspecto que se procure encarar. Vejamos como:

a) a recriação da linguagem é quase nula. Todo o filme vive de um diálogo debitado numa tradição profundamente teatral e desenrola-se num espaço que (por muito que se procure iludir com algumas cenas filmadas em exteriores) não deixa nunca de ser um espaço cénico;

b) temàticamente a traição assume aspectos muito curiosos:

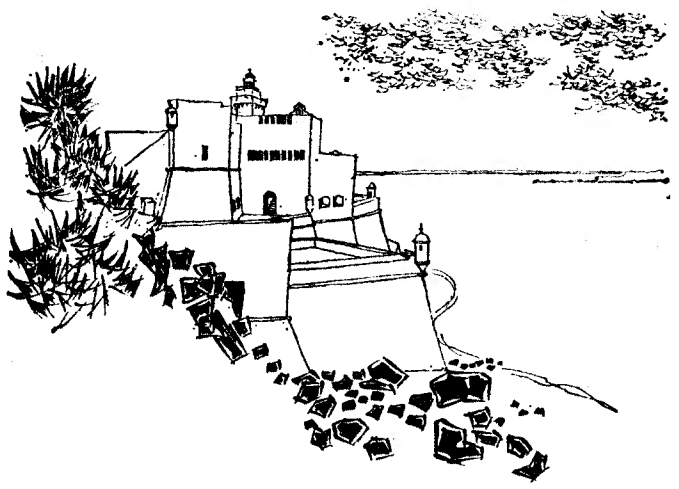
— por um lado é total (de Giraudoux quase nada resta, a não ser meia dúzia de títeres desambientados e ridículos, dizendo coisas inconsequentes num bairro de Chaillot que nunca deixa de cheirar a estúdio);

— por outro lado mostra-se vagamente respeitadora de um esquema que deixou de ter qualquer significado, transpostas que foram as finalidades da obra. Do que resulta uma (monumental) confusão, onde todos perdem um pouco de si próprios: Giraudoux, *A Louca de Chaillot*, Brian Forbes, Katherine Hepburne e o espectador.

7

Moral da história: «*En art comme en cuisine, le mélange (...) répugne*» (Giraudoux).

LAURO ANTÓNIO



A GLORIOSA HISTÓRIA

DOS MAIS BELOS CASTELOS DE PORTUGAL

TEXTO DO **PROF. DAMIÃO PERES**

DESENHOS, QUADRICROMIAS, FOTOGRAFIAS E ARRANJO GRÁFICO

DO **PINTOR GOUVÊA PORTUENSE**

De Norte ao Sul de Portugal, numerosos castelos — variados em configuração arquitectónica, consoante os conceitos militares dominantes e variados também na maior ou menor intenção artística — emparceiraram-se como perenes testemunhos históricos da vida da Nação. Vida de vigilância e de esforço na defesa do território pátrio, mas vida igualmente tocada de incidentes trágicos ou românticos. História e tradição entrelaçam-se, por isso, como que inscritas nas suas enegrecidas ou doiradas pedras.

Esta é uma notável obra de Arte, apresentada em um volume de 515 páginas impressas em magnífico papel, com centenas de ilustrações e muitas páginas a cores. Tamanho 24 × 30,5 cms.

Vários extratextos em quadricromia. Sobrecapa a cores.

— Cada volume encadernado em imitação de pele ... — 750$00
— Idem, em pele de 2.ª ..... — 850$00
— Idem, em pele de cabra ..... — 900$00

NOTA — Existindo poucos exemplares disponíveis desta obra monumental, a mesma não será vendida na próxima Feira do Livro.

Mais uma notável edição da

Portucalense Editora

A VENDA NAS LIVRARIAS

ALFREDO GUISADO

TEMPO DE ORFEU

reedição, em um volume, dos livros: ELOGIO DA PAISAGEM (1915), AS TREZE BALADAS DAS MÃOS FRIAS (1916), MAIS ALTO (1917) e ANFORA (1918)

com estudo de

URBANO TAVARES RODRIGUES

"O mais injustamente esquecido dos poetas do Orpheu é Alfredo Guisado."
Óscar Lopes

"Não imagina como me orgulho de as suas poesias se incluírem na mesma escola que as minhas e as do Fernando Pessoa."

De uma carta de Mário de Sá-Carneiro

COLECÇÃO

POETAS DE HOJE

PORTUGÁLIA EDITORA
Av. da Liberdade, 13-3.º — LISBOA

UM DRAMA DE AQUILINO OUTRO DE SANTARENO E UM CONTO DE TORGA

por Natália Nunes

NESTE MOMENTO (fins de 1969, princípios de 1970), em que tivemos a alegria de ver em cena nos palcos dos nossos teatros quatro dramas de autores portugueses — e não interessam, para o que vou dizer, juízos sobre o valor desses dramas — chamou-me a atenção certa coincidência de temática e semelhança de assunto em dois deles. «O pecado de João Agonia», de Bernardo Santareno, e «Tombo no Inferno», de Aquilino Ribeiro. Coincidência e semelhança que, depois, me fizeram lembrar também de um conto de Miguel Torga, do seu livro «Novos contos da montanha», que se chama «O leproso». Pareceu-me que merecia reflexão tal coincidência.

Em «O pecado de João Agonia» — começo pela obra do mais novo destes três autores — há o drama de um anormal sexual, de um homem cujo comportamento, neste domínio vital, é aberrante em relação àquilo que se considera comum, são, «como deve ser». E todos os varões da comunidade a que o anormal pertence, inclusivamente os parentes mais próximos, se aliam para eliminar do seu meio esse anormal.

Em «Tombo no Inferno», de Aquilino, o drama é o de um homem em que, pelo contrário, a virilidade é bem definida e possante, mas que, atingido por doença altamente contagiosa e fatal, é também segregado da comunidade e acaba igualmente por ser sacrificado.

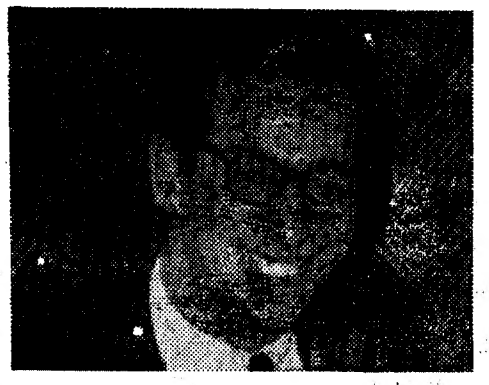
Em «O leproso», de Torga, o assunto, embora desenvolvido na brevidade de um conto, é extremamente parecido com o de «Tombo no Inferno»: enquanto aqui, o mal físico que atinge a vítima é a raiva, contraída por mordedura de cão, nesse conto é a lepra, a terrível doença deformante e corruptora da carne, do mesmo modo contagiosa e ainda hoje sem cura certa. Aqui, o leproso é queimado vivo num autêntico auto-da-fé praticado por todos os aldeões.

Aquilino Ribeiro

UMA TEMÁTICA ANACRÓNICA?

A uma primeira análise, talvez se possa dizer que o assunto da eliminação dos *anormais* e dos *perigosos*, pela comunidade, *tratado nas dimensões do caso-limite*, como o fizeram estes três escritores, nos parece hoje um tanto anacrónico e ultrapassado. Pelo menos nas camadas cultas existe actualmente maior tolerância, determinada por uma maior compreensão, perante o caso das anormalidades sexuais, entre elas a da homossexualidade (o caso da personagem João Agonia), pois os estudos da Psicanálise, da Psiquiatria, da Psicossomática, da Sociologia e da Biologia, bem como a divulgação mais larga das investigações destas ciências, vieram dar a compreender que tal anormalidade tanto pode ser natural, isto é, vir inscrita na estrutura psicossomática de um indivíduo, como ser consequência de perturbações e traumatismos de ordem psíquica sofridos na infância, ou dos erros pedagógicos e sociais que vitimam os adolescentes.

Também só dificilmente poderá suceder, hoje, que algum regedor, ainda o da aldeia mais recôndita em brenhas serranas, se lembre de mandar enclausurar algum danado que surja na sua terra. É certo que ainda existem hoje em Portugal muitas aldeias sem acesso à assistência médica e em que a higiene é tão elementar como na Idade Média. Ainda há pouco o economista Sérgio Ribeiro apontava, entre outros índices estatísticos, o do número espantoso de parturientes que na província têm seus partos sem assistência médica de qualquer espécie. E, não haverá ainda vinte anos, se a memória não me engana, morreu em Castelo Branco, vitimado pelo raiva... um médico! Entretanto, quer-me parecer que, hoje, com a camionagem, que estabelece ligações com os lugares onde não chegam os comboios, com os automóveis dos emigrantes regressados ou em estadia de férias, e os dos turistas, com a telefonia e a televisão dos pequenos cafèzinhos de aldeia e de vila, estará já na consciência de muitos que alguém atingido por mordedura de cão suspeito deverá imediatamente correr a todo o custo e de qualquer maneira ao hospital ou posto médico mais próximo para ser observado e tratado. Finalmente, o mesmo se poderá supor quanto aos casos de lepra: o leproso declarado será aconselhado e levado ao hospital, à leprosaria. É de crer. Quero acreditar. Sabemos que a Leprosaria Rovisco Pais alberga e trata grande número dos milhares de leprosos que existiam no País, e que, enfim, se prossegue na detectação dos focos ainda existentes.



Bernardo Santareno

É um tanto difícil destrinçar os múltiplos aspectos em que devemos desfibrar tal anacronismo na referida coincidência de temática dos autores nomeados.

A acção de «Tombo no Inferno» decorre em 1910, é publicada no ano da morte do seu autor, em 1963, representada nos fins de 1969, no novo teatro com que Lisboa conta desde esta data, o Maria Matos (e, aproveito para o dizer, com admirável desempenho da actriz Elvira Velez), teatro que escolheu logo duas peças de autores portugueses para o início da sua actividade; a primeira edição de «Novos contos da montanha» é de 1944; «O pecado de João Agonia» foi escrito em 1959-60, publicado em 1961 e representado também em fins de 1969. Entre cada um dos autores destas obras, a contar do mais velho para o mais novo, medeiam aproximadamente quinze anos de diferença de idade; só entre o mais velho, Aquilino, e o mais novo, Santareno, se conta o lapso de uma geração, no ponto de vista da cronologia histórica, isto é, trinta anos. E eis que todos eles tomam como tema de obra sua assunto idêntico, o já referido da eliminação, pela comunidade social, do membro anormal ou perigoso.

UMA «TÉCNICA» DE REFLEXÃO E PROTESTO

Em primeiro lugar haverá, pois, que detectar a verossemelhança que, aqui, virá a ser a probabilidade de tal procedimento de eliminação se efectivar hoje ainda (aqui e agora) dentro dessas situações-limite; em segundo lugar, será necessário investigar o porquê da escolha desse motivo literário; e, em terceiro, admitindo um *décalage* (o que é também problema) entre a escolha do assunto, por parte dos autores, e as motivações de ordem social que impulsionaram tal escolha, seria necessário explicar esse desnivelamento entre a ordem de re-criação literária e a ordem real da ambiência inspiradora dessa re-criação.

Procurando tactear, sòmente tactear as dificuldades do problema, parece-me, quanto ao primeiro aspecto, conforme já disse, que *tais situações extremas de eliminação violenta e compulsiva das ab-normalidades das nossas comunidades são hoje de grande improbabilidade;* quando ao terceiro tópico, entra ele muito fundamente no campo da psicologia da criação literária, estudada não só como descrição fenomenológica do seu processo, em si mesmo, mas também em relação a uma determinação das estruturas de ordem social, epocais, e, em especial, locais. E é muito importante, igualmente, que se dê atenção, quanto ao dito anacronismo, a essa «escolha do assunto» feita por um autor — Aquilino, nascido em 1885 — e que situa a acção do seu drama em 1910, e à sua apresentação em cena em 1969.

Não se me afigura impossível que, nesse tempo, um doente de raiva, numa povoação serrana, fosse posto a ferros pelo regedor e morto a tiro pelo povoléu no momento em que se escapa da prisão, colocando assim em perigo a vida de todos os conterrâneos. Mas também será imprudência e leviandade taxar de anacrónica a representação desse drama nos nossos dias: quando não é possível ou é difícil apresentar ou representar a «actualidade» e a «realidade», autores e orientadores de teatro, baseando-se em certas constantes da interacção indivíduo-sociedade, que permanecem idênticas ou idênticamente se arrastam ao longo do tempo, servem-se da «técnica» da *transposição temporal (ou local) da acção para poderem exprimir a sua também constante reflexão e protesto contra essas tais «constantes»*. E não podemos pensar que Aquilino, ao adoptar o assunto do enraivado, que vem a ser isolado e abatido pelo tribo, e cujo tempo de acção é o do ano imediatamente anterior às convulsões político-sociais que levaram à queda da Monarquia e à implantação da República, utilizasse tal simile para poder dar livre curso às acusações, aos reptos — à contestação, digamos, que lança à comunidade e às suas autoridades e potestades, o «danado» e recalcitrante Evaristo?

A improbabilidade da verossemelhança é já muito mais forte para o assunto do conto de Torga; ele próprio me afirmou (em 1955) que o episódio do ateamento do incêndio no matagal, que há-de queimar o corpo do leproso, foi produto da sua imaginação.

REVELAR O SUBJACENTE

É sabido que, no domínio da criação artística, os autores não «utilizam» a realidade tal qual ela é e que sobre o problema da *verossemelhança*, na ficção, haveria muito a dizer. Os escritores, não só pretendem a interpretação, o alcance dos significados vários das condutas humanas, como muitas vezes vêm declarar, revelar aquilo que nessa mesma qualidade não está declarado e antes se encontra naturalmente obscurecido e ocultado, camuflado, distorcido, sofismado, deturpado, disfarçado e recalcado; e ainda exploram as várias directrizes possíveis e prováveis das acções e dos conflitos e, muitas vezes, os conduzem assim *intencionalmente* às situações extremas, em que precisamente todo o tácito e todo o declarado acabam por convergir em um facto (episódio) altamente simbólico, por plenamente representativo e exemplificante de um problema ou processo da sociedade humana.

Miguel Torga

Por isso, qualquer análise da coincidência temática apontada não pode limitar-se à focagem do plano episódico-temporal, da actualidade ou não actualidade destas obras — embora a Crítica pròpriamente dita tenha o direito de o fazer. Para além desse aspecto, que deixamos aos Críticos, *o que importa relevar aqui é a motivação*

(Cont. na pág. 7)

EDITORA ARCÁDIA, S. A. R. L.

TRAVESSA DE S. PAULO, 7-3.º — TELEF 32 42 05 — LISBOA

2.ª EMISSÃO DE CAPITAL

Em virtude de atrasos imponderáveis, torna-se público que o prazo para a subscrição de acções de expansão cultural para esta emissão, se prolonga até 28 de Fevereiro de 1970, devendo as respectivas inscrições fazer-se acompanhar do pagamento de 50% do seu valor. As duas prestações seguintes, de 25% cada, são pagáveis até 31 de Março e 30 de Junho do corrente ano.

A Administração